

17 PARA COMPREENDER A TAREFA

26 ANTES DE TUDO

32 UMA IDEIA A COMUNICAR

A B. SÓLIDA DA PREC. O. C.

HOMILÉTICA

71 A CONTEXTUALIZAÇÃO
DA PESQUISA AO PÚLPITO

AONDE CHEGAREMOS? 79

86 O MENOR RESUMO

99 DIVIDIR BEM PARA PREGAR MELHOR

JILTON MORAES

116 UMA CASA COM JANELAS

A BOA MENSAGEM FALA AO OUVINTE 137

É PRECISO CONQUISTAR O OUVINTE

146

164 AFINAL O FINAL

ANTES DE ASSUMIR AO PÚLPITO 175

187 NO PÚLPITO



Vida
ACADÊMICA



DA PESQUISA AO PÚLPITO

JILTON MORAES





Vida

Editora Vida

Rua Isidro Tinoco, 70 Tatuapé
CEP 03316-010 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
Fax: 0 xx 11 2618 7030
www.editoravida.com.br

Editor responsável:
Sônia Freire Lula Almeida

Editor-assistente:
Gisele Romão da Cruz Santiago

Preparação de texto:
Miró Editorial

Revisão de provas:
Equipe Vida

Revisão do Acordo Ortográfico:
Gisele Romão da Cruz Santiago

Diagramação:
Karine dos Santos Barbosa

Capa:
Marcelo Moscheta

©2005, de Jilton Moraes

Todos os direitos desta obra estão reservados por Editora Vida.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE

Scripture quotations taken from *Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI* © Copyright © 1993, 2000 by International Bible Society ®. Used by permission IBS-STL U.S. All rights reserved worldwide. Edição publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

Todas as citações bíblicas e de terceiros foram adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

1. edição: 2005

2. edição: 2007

1ª reimp.: out. 2008

2ª reimp.: fev. 2011

3ª reimp.: abr. 2012

4ª reimp.: ago. 2013

5ª reimp.: set. 2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Moraes, Jilton

Homilética: da pesquisa ao púlpito / Jilton Moraes — São Paulo:
Editora Vida, 2005.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7367-933-5

1. Cristianismo 2. Pregação 3. Teologia pastoral I. Título

Índices para catálogo sistemático:

1. Pregação: Cristianismo 251
2. Pregação: Homilética: Cristianismo 251

*quando prego o evangelho,
não posso me gloriar,
pois me é imposta
a necessidade de pregar.
Ai de mim
se não pregar o evangelho!*
Apóstolo Paulo

Aos mestres: Dr. Charles
Dickson, Dr. Paulo Wailler, Dr.
Jerry Key

A meus alunos e ex-alunos

A todos quantos amam a
pregação da Palavra

este livro é dedicado.



Prefácio

É muito simples escrever um prefácio para esta obra que, de fato, cumpre o que promete e é escrita por um autor que domina o tema de que trata. Este é o meu sentimento ao escrever estas palavras.

Dar aulas sobre Homilética pode até ser fácil nos campos teórico e conceitual. Entretanto, tirar tudo do papel e levar um sermão ao púlpito de modo eficiente e eficaz é bem diferente: poucos pregadores têm conseguido esse feito. Neste livro, a partir de sua experiência de mais de trinta anos no púlpito e na cátedra, dr. Jilton Moraes nos oferece importantes sugestões didáticas e teóricas, de modo a tornar possível e bem feita a tarefa de pregar.

Se você tem pregado e entende que precisa aperfeiçoar-se para tornar seus sermões mais vivos, tem a oportunidade de descobrir os meios para que isso se torne realidade com a leitura e o estudo deste precioso texto. Se você já é pregador há algum tempo, poderá também usar este livro para descobrir novos segredos que talvez não conheça. Assim, este livro se destina tanto a principiantes como a pregadores mais experientes.

Os professores de Homilética têm neste texto um manual de referência, um livro-texto didático que poderá ser utilizado para enriquecer suas aulas, seja em seu preparo, seja para que seus alunos possam ter um recurso didático, que vai da teoria à prática, tanto na criação quanto na entrega de sermões.

Acima de tudo isso, este livro é escrito no Brasil por um brasileiro e para brasileiros. É um livro contextualizado, que leva em consideração as características próprias de nossa cultura.

Possuir este livro é de grande proveito para todos os que desejam cumprir com segurança a tarefa da pregação.

Parabéns a dr. Jilton Moraes e à Editora Vida por esta obra.

São Paulo, julho de 2005.

PR. LOURENÇO STELIO REGA
Teólogo, escritor e educador
Diretor geral da Faculdade Teológica
Batista de São Paulo

SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

- 1** Para compreender a tarefa
- 2** Antes de tudo
- 3** Uma ideia a comunicar
- 4** A base sólida da pregação
- 5** Considere o que diz o texto
- 6** A contextualização
- 7** Aonde chegaremos?
- 8** O menor resumo
- 9** Dividir bem para pregar melhor
- 10** Uma casa com janelas
- 11** A boa mensagem fala ao ouvinte
- 12** É preciso conquistar o ouvinte
- 13** Afinal, o final
- 14** Antes de assomar ao púlpito
- 15** No púlpito

Referências bibliográficas.

Índice remissivo

Índice de autores

Sobre o autor



Agradecimentos

Ao nosso Deus, Senhor da vida e da pregação.

Ao Senhor Jesus, que deu a própria vida pelo cumprimento de sua mensagem.

Ao Espírito Santo, que nos assiste da pesquisa ao púlpito e persuade os ouvintes ao arrependimento.

Aos amigos e colegas que enriqueceram este livro com muitas sugestões.

À querida esposa, Ester, e aos queridos filhos, Lídia, Lílian, David e Daniel.

A todos, minha gratidão sincera!



Introdução

Por que mais um livro sobre Homilética?

Essa pode ser a indagação de muita gente. O fato é que, pregando e ensinando Homilética, tenho, há muitos anos, sentido falta de uma obra em português que sintetize o estudo do sermão, analisando-lhe os passos, desde sua elaboração até o púlpito: uma obra prática, através da qual se possam demonstrar conceitos da pregação e, sobretudo, orientar.

James Crane, em seu livro, *O Sermão Eficaz*, afirma que H.C. Brown Jr. foi o pioneiro no estudo da elaboração de sermões a partir de vários passos, sendo o primeiro deles a interpretação correta do texto. No início dos anos sessenta, Brown escreveu, em parceria com Jesse Northcutt e Gordon Clinard, professores do Southwestern Baptist Theological Seminary, em Fort Worth, Texas, a obra *Steps To the Sermon*. Desde então, esse livro tem sido muito usado no estudo da Homilética nos Estados Unidos. Em 1995, mais de três décadas após seu lançamento, foi publicada uma nova edição, revisada por Al Fasol, ex-aluno e discípulo de Brown, também professor no Southwestern Seminary.

Os professores Charles Dickson e Jerry Key, cujo trabalho conjunto soma mais de meio século de ensino da Homilética no Brasil, usaram o método Brown. Como fui aluno desses dois mestres, tenho também lançado mão do mesmo método, no púlpito e na cátedra. O mérito maior do trabalho de Brown consiste em motivar pregadores a elaborar não apenas sermões que sejam bibliocêntricos mas também textuais. Tal método parte da correta interpretação do texto básico e da contextualização dessa ideia. Propõe ao pregador a definição de um propósito inicial e de um propósito básico, de tal modo que o ouvinte seja envolvido e desafiado em seu tempo e em seu mundo significativo.

O desafio do método Brown é equipar o pregador para elaborar sermões textuais e expositivos a partir do aprofundamento da

pesquisa do texto básico. Segundo esse método, a tarefa do preparo do esboço não começa com o título, divisões, introdução ou conclusão, mas com a elaboração da pesquisa que antecede essa tarefa. Ou seja, o pregador só está apto a iniciar o trabalho das divisões, da introdução e da conclusão depois de ter elaborado tal pesquisa preliminar, que vai da correta interpretação do texto até a escolha do título. No processo das divisões, o pregador divide o título, porém não está elaborando um sermão temático; ao dividir o título, está, na verdade, dividindo o texto. Tal pesquisa é um trabalho hermenêutico, que permite, assim, a elaboração de sermões relevantes — por serem bibliocêntricos e contextualizados.

Amparado nessas teorias surgiu *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. O propósito desta obra não é apresentar novos conceitos na área da pregação, mas, usando conceitos tradicionais, testados e aprovados no gabinete e no púlpito, demonstrar, através de exemplos, como elaborá-los e usá-los.

Este livro foi escrito de maneira mais próxima e especial para alunos da disciplina Homilética. Por essa razão, poderá parecer um tanto rígido, em seus princípios, para o pregador mais experiente. O fato de ser dirigido sobretudo a principiantes fez-me inserir conselhos preliminares e usar recomendações e exemplos que poderiam sugerir ao pregador que não há outra alternativa a não ser seguir o que aqui se encontra. É obvio, todavia, que não é essa a minha convicção. Conhecer e seguir os passos para a elaboração do sermão, aqui apresentados, é importante mas nem todos os pregadores precisam manter-se nesta trilha. Entre os meus alunos, aliás, há pregadores que têm seguido outros rumos; entretanto, a fórmula *da pesquisa ao púlpito* lhes tem servido de base para seu desenvolvimento no ministério da pregação. E isto me faculta pensar, modestamente, na abrangência didática desta obra.

Exigente e exaustivo é o trabalho do pregador que, a cada semana, tem a responsabilidade de falar pelo menos três vezes aos seus ouvintes. Não fosse a presença e direção do Senhor, certamente sucumbiríamos. Trabalhar *da pesquisa ao púlpito* é uma sublime e abençoada missão, mas, para ter êxito, há de ser também

árdua — gloriosa, porém espinhosa! Um trabalho ao mesmo tempo abençoado e de bastante empenho.

Desde a primeira edição desta obra, em 2000, minha oração constante é para que o Senhor da Pregação abençoe este texto, fazendo-o ser útil na formação de pregadores de sua Palavra. E, a cada vez que tomo conhecimento de que o livro está sendo usado em algum curso teológico, fico imensamente grato a Deus, pois foi com o objetivo de equipar pregadores que o escrevi e a ele me dediquei.

Ao Deus de amor, Senhor da Pregação, seja toda a glória e honra para todo o sempre.

Julho de 2005
Jilton moraes



1

Para compreender a tarefa

*O trabalho no gabinete de estudos
faz o pregador crescer espiritualmente
e lhe dá condições de conhecer e aplicar as
técnicas mais adequadas à elaboração e à
comunicação de suas prédicas.*

HOMILÉTICA

Pregar é uma das mais árduas e gloriosas tarefas reservadas ao ser humano. John Stott, baseado nas palavras de Paulo (1Co 4.1,2), afirmou: “o pregador é um despenseiro dos mistérios de Deus, ou seja, da autorrevelação que Deus confiou aos homens e é preservada nas Escrituras”.[\[Nota 1\]](#) Isto significa que temos a grande responsabilidade de nos colocar diante das pessoas para falar em nome de Deus. Walter Bowie declarou que “o pregador é um canal de comunicação do Deus vivo para a alma viva que ali está diante dele”.[\[Nota 2\]](#) E para o desempenho da importante missão de falar em nome do Senhor precisamos estar preparados.

O estudo da Homilética é uma bênção a todos quantos desejam dedicar-se à comunicação da Palavra de Deus. Para um melhor aproveitamento de tudo o que essa disciplina oferece, precisamos conhecer o que vem a ser tal ciência, determinar a importância de seu estudo e pensar, também, em alguns riscos que devem ser evitados.

Homilética é definida no dicionário Aurélio[\[Nota 3\]](#) como “a arte de pregar sermões religiosos”. O vocábulo vem do grego, (*homilia*), que significa conversação; com o passar do tempo, adquiriu a significação de *discurso religioso*. De um ponto de vista mais específico, John Broadus[\[Nota 4\]](#) afirma que a “ciência da Homilética nada mais é do que a adaptação da retórica às finalidades especiais e aos reclamos da prédica cristã”. João Mohama,[\[Nota 5\]](#) por sua vez, definiu Homilética como “a arte e a ciência da pregação”.

A Homilética é ciência, quando vista sob o prisma de sua fundamentação teórica: é a ciência que se ocupa com o estudo da comunicação da Palavra de Deus. Por isso, Nelson Kirst definiu Homilética como “a ciência que se ocupa com a pregação e, de modo particular, com a prédica proferida no culto, no seio da comunidade reunida”.[\[Nota 6\]](#)

Vista ainda sob outro prisma, a Homilética é também arte, uma vez que trabalha artesanalmente, passo a passo, os elementos que formam o sermão. É por isso que Ilion Jones declara que Homilética “é a arte da pregação”. [\[Nota 7\]](#)

Na verdade, pregar é a tarefa principal da igreja, e a pregação bíblica tem ocupado lugar de destaque na igreja evangélica, uma vez que a igreja foi organizada como instituição especial, tendo a pregação como sua principal missão. Por esta razão, é impossível o cumprimento de tão elevada missão sem o devido preparo.

DEUS NOS TEM FALADO ATRAVÉS DA PREGAÇÃO

Antes de Jesus, grandes pregadores são encontrados no Antigo Testamento: Moisés, Elias, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Amós. A era da graça colocou a pregação em especial relevo. João, o Batista, preparou o caminho para o advento do Mestre, através da pregação: “Assim surgiu João, batizando no deserto e *pregando...*” (Mc 1.4).

A pregação foi a principal atividade de Jesus. Ele começou pregando a boa-nova da chegada do Reino de Deus (Mc 1.14,15) e fez da proclamação da Palavra o centro de sua missão: ele pregou durante toda a vida, pregou até na cruz, e depois de ressurreto, continuou a pregar. Jesus foi o maior pregador que o mundo já conheceu (Jo 7.46). Durante todo seu ministério, ele não apenas pregou, mas ordenou que os seus discípulos pregassem.

O pregador é um arauto, um proclamador de boas-novas. Paulo teve uma visão da importância da proclamação da Palavra, ao afirmar: “agradou a Deus salvar aqueles que creem por meio da loucura da pregação” (1Co 1.21b). Assim, desde os tempos bíblicos, a boa-nova do amor de Deus tem se tornado conhecida pela pregação.

Devemos lembrar sempre que pregar não é responsabilidade apenas do pastor, é missão da igreja; entretanto a igreja espera que o pastor pregue. No ministério pastoral há múltiplas atividades a serem desenvolvidas; nenhuma delas, porém, é tão importante, exigente e intransferível quanto a pregação. Do púlpito a mensagem de Cristo é proclamada, vidas são salvas e os salvos são doutrinados, santificados, edificados e equipados.

Evidentemente, muito do que o pastor realiza pode ser compartilhado com o rebanho. Basta haver compreensão, por parte de cada crente, de que há um ministério a ser desempenhado e que o Senhor tem capacitado todos os crentes para a realização do trabalho (Ef 4.11—16). Por isso, o pastor deve ser sábio para

delegar atribuições ao rebanho e, assim, ter mais tempo de adequado preparo para a sua principal tarefa: conhecer, interpretar e também compartilhar a Palavra de Deus.

A responsabilidade é tão importante que Paulo desafia: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade.” (2Tm 2.15). Quanto melhor o pregador conhece o texto básico de sua mensagem, tanto mais condições tem de explaná-lo e ilustrá-lo, aplicando suas verdades à vida dos ouvintes.

Jesus Cristo não é só a pessoa de quem o pregador fala, mas é a pessoa que fala por intermédio do pregador. Assim, a autoridade da pregação está na sua cristocentricidade. A mensagem é do Senhor, e pregar é tomar parte na Palavra de Deus, é tornar-se cooperador de Deus. [\[Nota 8\]](#) A responsabilidade que temos, como pregadores, de falar em nome do Senhor é, como se vê, imensa.

O PREGADOR E SUA MISSÃO

A autoridade da pregação não está na eloquência ou sabedoria do pregador, mas no fato de a mensagem apontar para Jesus. Como pregadores da Palavra, precisamos lembrar sempre que somos porta-vozes do Senhor, simples instrumentos: a mensagem é do Senhor; é ele quem determina o que devemos pregar; a inspiração e a capacitação vêm dele; e sem ele, qualquer pregador, por mais preparado que se julgue e por mais eloquente que pareça ser, estará fazendo somente barulho. Colocando-nos nas mãos do Senhor, tornando-nos dependentes das suas ordens, sensíveis à sua vontade e obedientes ao que ele nos determina — assim, poderemos realizar o glorioso trabalho de, através da pregação, levar salvação aos perdidos e edificação aos salvos.

Os ouvintes dão graças a Deus quando têm o seu pastor no rol dos que investem tempo na elaboração de seus sermões. A realidade é que quanto mais tempo passamos no gabinete, em oração, estudo, meditação e interpretação da Palavra, quanto mais nos dedicamos à elaboração da mensagem, tanto mais condições temos de pregar com objetividade, clareza e síntese. O tempo empregado na administração da igreja, no trabalho de visitação e no aconselhamento possibilitará o conhecimento das necessidades do povo, o que é importante para que a pregação seja, de fato, relevante e capaz de alcançar corações.

Portanto, o tempo que o pastor reserva ao estudo é indispensável. Esse tempo faz o pregador crescer espiritualmente e lhe dá condições de conhecer e aplicar as técnicas mais adequadas à elaboração e à comunicação de suas prédicas. É impossível uma boa apresentação sem uma boa elaboração. Um bom sermão é o resultado de muito tempo de estudo e preparo diante de Deus.

Em se tratando de elaboração, não podemos nos esquecer de que conteúdo e forma fazem um bom sermão. A preocupação com a forma é o desejo de tornar mais claro e objetivo o conteúdo da

mensagem, tornando a comunicação mais agradável e penetrante. Entretanto um sermão com uma boa forma e sem conteúdo é como algodão-doce: pode até impressionar a alguns, mas não permanece; pode até ser bonito, mas não alimenta; pode até atrair, mas não passa de água com açúcar.

John Jowett enfatizou a importância do trabalho do pastor em seu gabinete, citando a história de um famoso juiz inglês, Lord Bowen. Ao falar sobre o êxito no tribunal, Bowen afirmou: “As causas são ganhas no quarto”. Depois de mencionar tal fato, Jowett acrescentou: “Se o advogado deve praticamente vencer o júri antes de o defrontar, pela vitoriosa força e influência dos seus preparativos, será diferente com o pregador, antes de procurar o veredicto da sua congregação?”[\[Nota 9\]](#) Pois é. Entre nós, pregadores, as causas também são ganhas no quarto de estudos. É por isso que o bom pregador será sempre um estudioso incansável da Palavra de Deus e das técnicas para melhor comunicá-la.

INTERDISCIPLINARIDADE, ESTUDOS E VIDA

O estudo da Homilética, é claro, dá ao pregador oportunidade de intercâmbio com outras disciplinas: oferece conhecimento das disciplinas bíblicas e outras que ajudam na sua interpretação, como hermenêutica e exegese; facilita o aprofundamento na teologia para se saber mais sobre Deus e sua revelação aos homens; permite a utilização das áreas do saber que oferecem melhor compreensão do homem, tais como a filosofia, antropologia, psicologia e sociologia; inclui com naturalidade o estudo da pedagogia, das ciências da computação, de comunicação e *marketing*, o que faculta melhor coleta de dados, sistematização e alcance da mensagem.

Através do estudo da Homilética, chegamos à compreensão de que a chamada para pregar é um desafio completo. O Senhor não nos chama somente para falar ao povo. Ele nos chama também para viver com o povo. E para tanto é necessário estarmos com a vida no altar. Quem quiser tornar-se um pregador da Palavra tem que se deixar dirigir pelo Senhor da Palavra, pois pregar é falar de coração a coração. Por isso, como pregadores, devemos pregar não apenas com vida, mas com a vida, pois o pregador que não pode viver as palavras que prega precisa calar-se e viver antes de falar.

Um estudante, na reta final de seu curso, cansado de tantas pesquisas, disse a um colega que seu maior desejo era ver o dia de a formatura chegar para poder fechar os livros. O colega, menos ingênuo, respondeu que o bom profissional tem, a partir da formatura, maior obrigação de abrir os livros. E na vida do pregador esta é uma realidade marcante. Não basta simplesmente ler para elaborar um sermão. A vida do pregador deve ser de constante estudo. É de Charles Spurgeon [\[Nota 10\]](#) o conselho ao pregador: “Domine os seus livros. Leia-os completamente [...]. Leia-os e releia-os, mastigue-os, e digira-os”.

O estudo da Homilética deve nos ensinar que quanto mais aprendemos, mais precisamos aprender. Por mais que saibamos,

ainda pouco sabemos. E o conhecimento de técnicas homiléticas deve nos equipar à análise do nosso próprio trabalho *da pesquisa ao púlpito*. Entretanto, o bom pregador nunca perde a condição de ouvir outros pregadores e ser nutrido com os sermões por eles pregados. Se essa postura não ocorrer, ele precisa reavaliar sua vida devocional. Jamais o pregador deve se tornar tão crítico a ponto de perder a condição de ouvir outros pregadores e ser nutrido pela Palavra por eles pregada.

Por mais habilidoso e preparado que seja o pregador, jamais poderá dispensar a inspiração do Senhor. É preciso que tenhamos em mente que o Senhor é quem coloca nos nossos lábios a palavra a ser falada. João Mohama mencionou a declaração de Crisóstomo: “O orador se procura a si. O pregador procura Deus”.[\[Nota 11\]](#) O conhecimento da Homilética não dispensa a inspiração e a unção do Senhor.

E, é claro, sem que o pregador conheça o homem, seus problemas e necessidades, jamais sua pregação o alcançará plenamente. J. W. Shepard aconselha: “Quem prega deve ser antes de tudo pescador de homens e não de livros nem de ideias. Deve ter em mente o auditório quando no gabinete estiver estudando o sermão”.[\[Nota 12\]](#) A partir do conhecimento dos ouvintes e de suas necessidades, o pregador tem condições de, diante de Deus, definir *o que pregar, como pregar e quando pregar*.

Além da necessidade ressaltada anteriormente, outra realidade precisa ser levada em consideração: a vida do pregador fala tão alto que os ouvintes não conseguem ouvir só suas palavras. Se o que afirmamos do púlpito não pode ser confirmado com o modo como vivemos, jamais a mensagem que pregamos será de fato relevante. O sermão não é eloquente pelo modo como é elaborado ou pregado; não são princípios homiléticos ou retóricos que determinam a eloquência da mensagem, mas o fato de provir de uma vida nas mãos do Senhor, de ser pregada com a força do *assim diz a Palavra do Senhor*.

HUMILDADE: DO CORAÇÃO PARA A RELEVÂNCIA

O pregador, por mais preparado que seja, precisa ter em mente que a finalidade da pregação não é agradar aos homens, mas ao Senhor. Precisamos ser sábios para colocar os recursos homiléticos, e todos os demais, a serviço do Senhor da pregação. A habilidade em elaborar bem os nossos sermões deve nos levar mais e mais a agradar àquele que deu sua vida por nós e nos tem distinguido com tão importante missão.

Por outro lado, princípios homiléticos e retóricos sem amor são “como o sino que ressoa ou como o prato que retine” (1Co 13.1b). Qualquer pregador, se não amar verdadeiramente seus ouvintes, insistimos, só estará fazendo barulho. Stott desafiou: “Se os amamos, nosso objetivo não será o de impressioná-los com o nosso conhecimento, mas ajudá-los dentro do conhecimento que eles possuem”.[\[Nota 13\]](#) A mensagem que alcança é a que fala ao coração, e só falamos ao coração conquistando-o.

Sabendo que nada sabemos, precisamos buscar aprender aos pés do Senhor. O estudo da Homilética deve nos levar a fazer como Moisés: não dispensar a presença e o acompanhamento do Senhor em qualquer circunstância.

Nunca o conhecimento da Homilética deve levar o pregador a uma atitude de exaltação. Pregador é a mais honrosa missão reservada ao homem, mas o pregador, por mais erudito e eloquente que julgue ser, se não for capaz de descer até o mais humilde e inculto ouvinte, jamais terá condições de pregar com relevância. Precisamos ter sempre diante de nós o exemplo do Senhor da pregação: sendo Deus, ele fez-se homem, e, para nos salvar, caminhou até o Calvário, onde morreu. Ele a si mesmo se humilhou, sendo obediente até a morte de cruz (Fp 2.5—8).

Além de viver aos pés do Senhor, para elaborar uma mensagem que fale ao coração, o pregador precisa ser um homem de seu tempo. Deve ler a Bíblia diariamente e com constância; precisa,

porém, ler as notícias nos jornais, revistas e assistir à televisão; deve examinar a literatura devocional e ao mesmo tempo procurar conhecer as tendências do mundo contemporâneo: isto é, conhecer teologia, mas também o povo e suas necessidades.

O fato de o pregador finalizar a elaboração do esboço, não significa que tenha uma boa mensagem. Pregador é mais que colocar ideias no papel. O trabalho do gabinete é importante e indispensável, mas não se resume à simples elaboração do manuscrito. Além do preparo homilético, o pregador se prepara espiritual, emocional e fisicamente para comunicar com vida, aos pés do Senhor, a mensagem capaz de transformar e edificar vidas.

1 JOHN STOTT O PERFIL DO PREGADOR, P. 20.[\[VOLTAR\]](#)

2 WALTER RUSSEL BOWIE. PREACHING, P. 17. TRADUÇÃO DO AUTOR. TODOS OS TEXTOS ORIGINALMENTE ESCRITOS EM INGLÊS OU ESPANHOL CITADOS NESTE LIVRO SÃO TRADUZIDOS PELO AUTOR.[\[VOLTAR\]](#)

3 AURÉLIO BUARQUE HOLANDA FERREIRA. NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, P. 904.[\[VOLTAR\]](#)

4 JOHN A. BROADUS. O SERMÃO E SEU PREPARO, P. 10.[\[VOLTAR\]](#)

5 JOÃO MOHAMA. COMO SER UM BOM PREGADOR, P. 9.[\[VOLTAR\]](#)

6 NELSON KIRST. RUDIMENTOS DE HOMILÉTICA, P. 9.[\[VOLTAR\]](#)

7 ILION T. JONES. NOTAS SOBRE HOMILÉTICA, IN: RODOLFO G. TURNBULL (ORG.) DICCIONARIO DE LA TEOLOGIA PRACTICA.[\[VOLTAR\]](#)

8 PIERRE CH. MARCEL. THE RELEVANCE OF PREACHING, P. 61.[\[VOLTAR\]](#)

9 JOHN HENRY JOWETT. O PREGADOR, SUA VIDA E SUA OBRA, P. 74.[\[VOLTAR\]](#)

10 C. H. SPURGEON. LIÇÕES AOS MEUS ALUNOS, P. 235.[\[VOLTAR\]](#)

11 MOHAMA. OP. CIT., P. 9[\[VOLTAR\]](#)

12 J. W. SHEPARD. O PREGADOR, P. 34.[\[VOLTAR\]](#)

13 STOTT. OP. CIT., P. 121.[\[VOLTAR\]](#)



2

Antes de tudo

Para cumprir a grande responsabilidade de se colocar diante das pessoas e falar em nome de Deus, o pregador precisa, antes de tudo, colocar-se diante dele. Somente conhecendo Deus, podemos pregar em seu nome.

DEPENDÊNCIA E PIEDADE

Bem antes de nos debruçarmos sobre o preparo homilético e até mesmo sobre o bíblico, visando à elaboração de um sermão, devemos nos preocupar com o preparo espiritual. É importante ter em mente a necessidade desse preparo, fundamental para a pregação. Sem preparo espiritual, a pregação como proclamação da verdade divina torna-se impossível e o pregador não poderá falar como homem de Deus. Somente na dependência de Deus é que podemos ser autênticos profetas. A pregação, como temos afirmado, é verdade divina comunicada por uma pessoa escolhida que vai ao encontro das necessidades e aspirações humanas. Deus, no seu grande amor, concede a nós, homens e mulheres, o privilégio de comunicarmos sua Palavra.

A pessoa chamada para pregar depende de Deus para vencer suas limitações. Moisés relutou em atender à convocação divina: “Nunca tive facilidade para falar, nem no passado nem agora que falaste a teu servo. Não consigo falar bem!” (Êx 4.10). Jeremias, ao ser chamado, declarou: “Ah, Soberano Senhor! Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem.” (Jr 1.6). Isaías, quase sucumbiu diante da convocação ao trabalho do Senhor: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros.” (Is 6.5).

Tais exemplos e muitos outros nos mostram quanto o pregador necessita do poder de Deus. Para um desempenho que honre e glorifique o Senhor da pregação, devemos reconhecer nossas limitações. Moisés, Jeremias e Isaías venceram suas limitações entregando-se nas mãos de Deus. Isaías e Jeremias foram dois dos maiores profetas que falaram em nome do Senhor, e Moisés tornou-se o arauto que levou o *assim diz o Senhor* ao povo de Israel e ao rei Faraó, tornando-se o líder que tirou Israel do Egito. Somente reconhecendo as limitações e dependendo de Deus é que a fraqueza do pregador pode ser transformada em força.

Compreender o ser humano também é indispensável: precisamos ter uma visão clara das necessidades do homem. Somos chamados para proclamar a mensagem a um mundo em crise. Jamais o pregador deve perder de vista que o fim da pregação é satisfazer as necessidades humanas com a apresentação da verdade divina.

Portanto, só na dependência de Deus e conhecendo as necessidades daqueles a quem fala é que o pregador pode ser útil e pregar com relevância.

John Broadus definiu piedade como “uma qualidade da alma. É sinceridade ou honestidade enraizada numa contínua experiência da companhia de Deus”.[\[Nota 1\]](#) Em um tempo de secularização, quando a todos os instantes hostes malignas investem contra os escolhidos do Senhor, precisamos viver uma viva e contínua experiência da presença de Deus no nosso dia a dia. Peter Marshall, conhecido pregador presbiteriano do século 20, exerceu, através de seus sermões, notável influência sobre seus ouvintes. Grandes templos, anteriormente vazios, tornavam-se pequenos para abrigar multidões sedentas de ouvir sua mensagem.

Após a morte de Peter, Catherine Marshall, falando do sucesso do marido no púlpito, afirmou que, pela pregação e orações dele, Deus se tornava real para os ouvintes; não era um Deus abstrato e distante, mas um pai amoroso, interessado em cada pessoa e pronto para atender a todas as necessidades humanas. Ela conclui dizendo que as pessoas que iam ouvi-lo, sedentas do amor de Deus, voltavam sempre.[\[Nota 2\]](#)

Do nosso conceito de Deus e das experiências que temos com ele, resulta o tipo de sermões que pregamos. Quando vivemos plenamente a vida cristã, tendo prazer na Palavra do Senhor e nela meditando dia e noite, buscando nele a força e capacitação para pregar; certamente os ouvintes nos ouvirão falar de Deus e serão persuadidos, pela eloquência do nosso viver, a uma comunhão autêntica com ele. Também, quando temos profunda experiência com a graça de Deus, podemos pregar e viver o amor; somos capacitados a compreender o pecador — por mais perdido que

pareça ser; e assim, podemos pregar mensagens que são instrumentos de cura e jamais de tortura. Este deve ser o desejo de todos. Quando há intensa comunhão com Deus no gabinete de estudos do pregador, os resultados se fazem sentir na vida dos ouvintes: quando subimos ao monte com ele, os ouvintes veem no púlpito o resplendor da sua glória.

ORAÇÕES E EXEMPLO

Como pregadores, devemos reconhecer nossa condição de barro e nos colocar nas mãos do oleiro, para sermos moldados segundo o seu querer. Spurgeon aconselhou seus alunos a jamais se descuidarem da prática da oração. Vendo a oração como parte integrante na vida do ministro da Palavra, ele declarou que o pregador precisa se distinguir acima de todas as demais pessoas como um homem de oração. “Ele ora como um cristão comum, ou de outra forma, seria um hipócrita. Ora mais que os cristãos comuns ou, de outra forma, estaria desqualificado para o cargo que assumiu”. [\[Nota 3\]](#)

Grandes homens realizaram maravilhas na força da oração. Moisés aproximou-se tanto do Senhor que, ao descer do monte, havia um brilho no seu rosto. Daniel preferiu arriscar a própria vida a descuidar da prática da oração; para ele seria melhor morrer do que viver sem orar. Jesus Cristo realizou o seu ministério na força da oração; ele dedicou tempo expressivo para estar a sós com o Pai; sua palavra marcou profundamente a história da humanidade e, como se diz, jamais homem nenhum havia falado como ele. Reconhecendo a importância da oração na vida dos seus discípulos, Jesus os ensinou a orar e estimulou-os, com a vida e com palavras, à prática da oração: “E tudo o que pedirem em oração, se crerem, vocês receberão” (Mt. 21.22). Jesus Cristo sabia que os discípulos, para pregar a boa-nova, necessitavam do poder do alto. Por isso recomendou--lhes ficar em Jerusalém até que do alto fossem revestidos do poder (At 1.4,5). Na igreja em Jerusalém, o valor da oração foi reconhecido quando os diáconos eram escolhidos para que os apóstolos pudessem dedicar-se ao estudo da Palavra e à oração (Lc 24.49; At 6.4). O pregador Estevão orou até na hora da morte: no momento atroz, enquanto estava sendo assassinado, pedia o perdão para os seus algozes. O apóstolo Paulo recomendou: “Orem continuamente” (1Ts 5.17). Assim, devemos priorizar a prática da oração em nossa agenda diária, orando não

apenas formal e rotineiramente, mas como a oportunidade gloriosa de estarmos a sós com o Senhor, que nos comissiona a pregar e promete colocar em nossos lábios a palavra. W. E. Entzinger, falando da oração como prática fundamental, declarou:

Esta comunhão com Deus é tão necessária à vida espiritual quanto necessário é o ar à vida material; e toda negligência no manter esta comunhão só pode ser grandemente prejudicial. É ela que faz da religião uma bênção, na proporção que é mantida e cultivada. [\[Nota 4\]](#)

Não importa quanto intenso seja o nosso programa e quantas cobranças por mais atividades nos sejam feitas; como pregadores da Palavra, jamais devemos nos descuidar do tempo para a oração. Com autoridade e sabedoria, Spurgeon afirmou: “O ministro deve estar sempre orando [...]. Não está sempre no ato de orar, mas vive no espírito de oração”. [\[Nota 5\]](#).

Além da prática da oração, é preciso leitura constante e meditação sobre a Palavra de Deus para nos prepararmos espiritualmente. Nas páginas da Bíblia devemos buscar alimento, pois as verdades eternas devem primeiro nos falar para depois falar aos ouvintes. O pregador precisa encontrar-se com Deus no seu dia a dia para, assim, ter condições de motivar seus ouvintes a se encontrarem com ele. Quanto mais familiarizado com a Bíblia estiver o pregador, tanto mais autoridade terá para pregar; quanto mais conhecimentos bíblico tiver, tanto mais condições terá de ajudar seus ouvintes; quanto mais alicerçada na Bíblia estiver a vida do pregador, tanto mais força terão suas palavras na comunicação do assim diz o Senhor.

O salmista afirmou: “A ti levanto minhas mãos e medito nos teus decretos” (Sl 119.48); Tiago advertiu: “Sejam praticantes da palavra” (Tg 1.22); João declarou: “Aquele que guarda a sua palavra nele verdadeiramente tem sido aperfeiçoado o amor de Deus” (1Jo 1.5). A vida do pregador deve ser caracterizada pelo prazer de procurar conhecer mais e mais a Palavra do Senhor.

Muitos pregadores têm desistido e fracassado, por negligência do preparo espiritual. Precisamos, por isso, aprender a cultivar um relacionamento pessoal com Deus, sem o qual é impossível a realização do trabalho que ele nos tem confiado. Ou seja, compreendendo a grande responsabilidade de falar em nome do Senhor, podemos nos engajar na aventura da busca de ideias para a pregação.

1 BROADUS. *OP. CIT.*, P. 7.[\[VOLTAR\]](#)

2 CATHERINE MARSHALL. *PARA TODO O SEMPRE*, P. 50.[\[VOLTAR\]](#)

3 SPURGEON. *OP. CIT.*, P. 48.[\[VOLTAR\]](#)

4 W. E. ENTZMINGER. *A PRÁTICA DA ORAÇÃO*, P. 33.[\[VOLTAR\]](#)

5 SPURGEON. *OP. CIT.*, P. 48.[\[VOLTAR\]](#)

3

Uma ideia a comunicar

Se não estiver atento ao cultivo de novas ideias, o pregador repetirá os mesmos assuntos, sentir-se-á desmotivado e terminará estressado. É preciso buscar sabedoria do alto para não se esgotar.

PREGANDO EM TODO LUGAR E A TODA HORA: O QUE PREGAR?

A pregação bíblica tem seu começo em uma ideia significativa para o pregador. Ela é o ponto de partida de onde ele desenvolverá seu trabalho. Samuel Vila diz que, enquanto o pregador não puder responder a si mesmo sobre o que falará no sermão, não deverá prosseguir no seu preparo.^[Nota 1] Stafford North falou da ideia do sermão como *faísca criativa*: o momento quando o pregador encontrou a lição de que seu auditório necessita.^[Nota 2] John Broadus declarou que o sermão pode não ter um texto bíblico, mas tem que necessariamente ter um assunto, uma ideia a ser pregada.^[Nota 3] A.W. Blackwood referiu-se à ideia do sermão como o *embrião da prédica, ou a motivação para o sermão*.^[Nota 4] H.C. Brown Jr., por sua vez, afirmou que o sermão tem sua origem logo que a ideia da mensagem é concebida na mente e no coração do pregador.^[Nota 5] Ele definiu a ideia como a verdade que constitui o ponto de partida do sermão e seu vínculo de unidade.^[Nota 6]

Futuros pregadores muitas vezes se angustiam pensando em onde e como encontrar boas ideias para a elaboração de sermões. Na realidade, o pastor precisa encontrar a cada instante novas ideias para a pregação. Às vezes, indagações sobre essa árdua responsabilidade do trabalho pastoral são levantadas: como ter novos sermões cada semana? O que fazer para pregar aos mesmos ouvintes? Como fazer para pregar com novidade? Como não se cansar tanto? É claro, se o pregador não estiver atento ao cultivo de novas ideias, repetirá os mesmos assuntos, sentir-se-á desmotivado e terminará estressado.

É preciso buscar sabedoria do alto para não se esgotar. Spurgeon afirmou: “Se falarmos como embaixadores de Deus, nunca precisaremos queixar-nos de falta de assunto, pois a nossa mensagem chega a transbordar de tão cheia”.^[Nota 7] É preciso ter a

convicção de que é o Senhor quem inspira o pregador. A mesma promessa feita pelo Senhor, no passado, a Moisés, é válida aos pregadores hoje: “Agora, pois, vá; eu estarei com você, ensinando-lhe o que dizer” (Êx 4.12). Como pregadores da Palavra, precisamos ter em mente que a mensagem vem de Deus e que ele nos fala, a todo instante, e coloca à nossa disposição as mais ricas ideias para sermões.

IDEIAS PARA A PREGAÇÃO: NA BÍBLIA, NOS LIVROS E NO DIA A DIA.

A Palavra de Deus é a mais preciosa e inesgotável fonte de ideias. Em suas páginas estão as melhores ideias para a pregação. O pregador cuja “satisfação está na lei do SENHOR, e nessa lei medita dia e noite” (Sl 1.2) terá sempre excelentes ideias para elaborar sermões. Entretanto, devemos procurar ouvir a voz de Deus para depois ter o que falar, em nome dele, aos nossos ouvintes.

Daí a necessidade de mantermos um programa sistemático de estudo das Escrituras, como temos dito: de modo pessoal e intransferível. Nesse momento, não deve haver uma preocupação em buscar ideias, mas devemos, claro, anotá-las à medida que forem surgindo.

Um bom programa de leitura variada também é importante, uma vez que muitas ideias estão nas páginas dos livros e são localizadas quando os lemos. Clyde Fant aconselhou ao pregador ler seis livros, de diferentes categorias, simultaneamente. E cada vez que terminar a leitura de um livro, iniciar em seguida a leitura de outro. [\[Nota 8\]](#)

Não importa quantos livros estejam sendo lidos; o importante é que como pregadores, mantenhamos um programa de leituras variadas, buscando ler o máximo e o que julgarmos melhor.

E enquanto lemos, estaremos atentos aos tópicos que mais chamam a atenção: anotados e arquivados, podem ser usados mais tarde na pregação.

Os fatos do dia a dia são uma excelente fonte de ideias para sermões, razão por que, como pregadores, precisamos estar atentos aos acontecimentos que nos cercam. As notícias da cidade, do estado, do país e de todo o mundo devem ser consideradas pelo pregador. O jornal, as revistas, a televisão e o rádio apresentam narrativas que, arquivadas, constituem ideias sermônicas. Há, além

disso, expressões usadas em campanhas publicitárias que também podem constituir ideias valiosas. Alguns pregadores têm aproveitado esses *slogans* e, a partir da ideia por eles sugerida, têm elaborado boas mensagens.

EXPERIÊNCIAS, NECESSIDADES DO POVO E POR QUE NÃO O PRÓPRIO OUVINTE?

Todo pastor tem uma *coletânea* de experiências pessoais, da família, do rebanho e das demais pessoas que o cercam. No trabalho de visitação e aconselhamento, o pregador passa a conhecer fatos preciosos que poderão ser anotados. Claro é, entretanto, que devemos ter cuidados éticos, evitando que histórias sigilosas sejam levadas ao púlpito. Por trás de excelentes ideias para pregar, pode-se perder a confiança de nossos ouvintes.

Um dado importante é sabermos que as atividades pastorais possibilitam o conhecimento e a identificação das necessidades do povo. O pastor, como deve ser, aproxima-se das pessoas e conhece de perto as crises que assolam o rebanho; ouve as indagações do povo e com ele busca soluções. Isto significa que basta ao pastor estar atento ao que se passa ao seu redor — às privações e necessidades, às provisões e bênçãos — que, certamente, ideias muito sólidas surgem para os sermões.

Ler e ouvir sermões de bons pregadores também é sempre produtivo. Uma nova explanação daquele velho texto, a narrativa de uma ilustração ou o modo como o assunto foi aplicado pode falar de modo especial ao pregador, oferecendo ideias novas para a própria pregação.

Não se trata de simples imitação ou cópia, mas da elaboração de uma nova mensagem a partir do que foi lido ou ouvido. Porém, o melhor sermão, não nos esqueçamos, é sempre aquele que nós mesmos elaboramos. O sermão tem o feitio de seu pregador. Por esta razão, é difícil imaginar um pregador usando integralmente o sermão do colega, como se fosse produto de seu próprio trabalho. É preciso lembrar que quando Davi vestiu as roupas de Saul, para com elas enfrentar Golias, não conseguiu andar (1Sm 17.39).

Boa fonte de ideias está na própria congregação. Durante um certo período, o pregador pode pedir ao povo que traga por escrito

suas sugestões. O resultado da organização desse material fará surgir ao menos duas séries de sermões: assuntos prediletos da igreja, e passagens bíblicas prediletas do povo de Deus. Essa estratégia dará aos ouvintes a sensação de participação no ministério da pregação, o que é muito positivo.

SERMÕES EM SÉRIES

Cada ano, sugerimos que o pregador ofereça ao seu povo a oportunidade de ouvir sermões em séries. Algumas séries poderão ser pequenas, outras maiores. Uma série de sermões consiste na exposição consecutiva de textos bíblicos ou de estudos sobre temas que trazem aspectos semelhantes entre si. É preciso cuidado com séries muito prolongadas; elas podem cansar e desmotivar os ouvintes. Adiante, algumas sugestões de séries, com as principais doutrinas das Escrituras:

A. DOCTRINAS BÍBLICAS:

- Revelação;
- Deus;
- Criação;
- Fé;
- Pecado;
- Encarnação;
- Jesus Cristo;
- Espírito Santo;
- Trindade, Igreja, Vida Futura.

B. PACTOS DE DEUS:

- com Adão;
- com Noé;
- com Abraão;
- com Moisés;
- com os israelitas;
- a nova aliança.

C. INDAGAÇÕES NOS SALMOS:

- “Até quando, SENHOR, até quando?” (6.3);

- “De onde me vem o socorro?” (121.1);
- “Mas agora, SENHOR, que hei de esperar?” (39.7);
- “Para onde poderia fugir da tua presença?” (139.7);
- “Por que você está assim tão triste, ó minha alma?” (42.5);
- “SENHOR, por que estás tão longe?” (10.1);
- “Que é o homem, para que com ele te importes?” (8.4);
- “Como posso retribuir ao SENHOR toda a sua bondade para comigo?” (116.12).

D. AFIRMAÇÕES NOS SALMOS

- “Mas os meus olhos estão fixos em ti” (141.8);
- “A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho” (119.105);
- “Grandes são as obras do SENHOR” (111.2);
- “O SENHOR é a minha luz e a minha salvação” (27.1);
- “O SENHOR é a minha rocha, a minha fortaleza” (22.2);
- “Mas o Senhor preocupa-se comigo” (40.17);
- “O meu socorro vem do SENHOR” (121.2).

E. BEM-AVENTURANÇAS NOS SALMOS:

- do homem firme (1.1);
- do pecador perdoado (32.1; 128.1);
- do homem íntegro (32.2);
- do homem bom (41.1);
- do homem equilibrado (119.1);
- do homem seguro (1.1);
- do homem piedoso (119.2);
- do homem que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos (128.2);
- dos pais (127.5);
- do homem que busca refúgio em Deus (146.5);
- da nação (32.12);
- do povo (149.15).

F. DEUS NOS SALMOS:

- Amor (30);
- Criador (19);
- Esperança (39.7);
- Infinito (90);
- Luz (27.1);
- Misericordioso (103);
- Onipotente (90);
- Onipresente (139);
- Onisciente (139);
- Pastor (23);
- Presente (90);
- Refúgio e Fortaleza (46).

G. PEDIDOS NOS SALMOS:

- “Liberta-me da minha aflição” (25.17);
- “Apressa-te em responder-me, SENHOR!” (143.7);
- “Ouve, SENHOR, a minha oração” (143.1);
- “Livra-me de todas as minhas transgressões” (39.8);
- “Livra-me, SENHOR, dos maus” (140.1);
- “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração” (139.23);
- “Olha para a minha tribulação e o meu sofrimento, e perdoa todos os meus pecados” (25.16).

H. PROPÓSITOS NOS SALMOS:

- Agradecer ao Senhor (138.1);
- Bendizer ao Senhor (34.1);
- Cantar ao Senhor (101.1);
- Exaltar ao Senhor (30.1);
- Louvar ao Senhor (145.2).

OUTRAS SÉRIES:

- a. A família;
- b. A oração do Pai-nosso;
- c. A segunda vinda de Jesus;
- d. As advertências de Jesus;

- e. As parábolas de Jesus;
- f. As perguntas de Deus ao homem;
- g. As promessas de Jesus;
- h. As sete igrejas da Ásia;
- i. As sete palavras da cruz;
- j. Céu;
- k. Homens do Antigo Testamento;
- l. Homens do Novo Testamento;
- m. Jovens do Antigo Testamento;
- n. Jovens do Novo Testamento;
- o. Mães do Antigo Testamento;
- p. Mães do Novo Testamento;
- q. Meninos da Bíblia;
- r. Milagres no Antigo Testamento;
- s. Mulheres do Antigo Testamento;
- t. Mulheres do Novo Testamento;
- u. Os apóstolos de Jesus;
- v. Os ricos em Lucas;
- w. Passos para a realização na vida cristã.

O CALENDÁRIO DE PREGAÇÃO

O calendário é excelente recurso para garantir boas ideias. Todo o planejamento deve ser feito em oração, sob a orientação do Espírito Santo e ter o propósito de alcançar os ouvintes, alimentando-os com a Palavra de Deus. O período de abrangência pode ser anual, semestral, trimestral, ou mensal. O ideal é um planejamento integral para todo o ano.

Como elaborar

- O calendário anual de atividades da igreja deve ser o ponto de partida e as ênfases mensais da igreja devem ser consideradas;
- As datas especiais do calendário civil, como o dia da Pátria, dia de Ação de Graças, dia do Trabalhador e outras deverão ser lembradas;
- As datas dos cultos de celebração da ceia do Senhor e realização de batismos devem constar no calendário;
- Séries de sermões deverão ser incluídas, pelo menos uma a cada trimestre, e sermões para as crianças deverão ser planejados;
- As potencialidades e necessidades da igreja deverão ser levadas em consideração;
- Deve haver cuidado para que os textos escolhidos sejam tanto do Antigo quanto do Novo Testamento e será preciso equilíbrio na escolha dos propósitos básicos visando a atender às necessidades dos ouvintes;
- O planejamento pode ser elaborado no computador ou em folhas mensais, como no modelo apresentado no final deste capítulo.

Vantagens para o pregador

- Possibilita a organização antecipada do programa de estudos, por isso alivia a tensão na escolha de novas ideias;
- Ajuda a usar todos os livros da Bíblia e não apenas alguns, o que aprimora a educação teológica do pastor;
- Afasta a possibilidade de interrupções por imprevistos e possibilita um planejamento que harmonize todas as partes do culto.

Vantagens para os ouvintes

- Variedade na alimentação vinda do púlpito com um planejamento prévio;
- Aprofundamento da bagagem bíblica e teológica, através de sermões com mais conteúdo bíblico e extra-bíblico;
- A oportunidade de ouvir com mais profundidade sobre os assuntos relacionados à vida cristã;
- A bênção de encontrar respostas para várias indagações, por isso, valorização do pastor e do ministério da pregação.

ELABORAÇÃO E ARQUIVO DAS IDEIAS

Devemos pregar não apenas com propósitos doutrinários e evangelísticos, mas também com sermões missionários, éticos, devocionais e pastorais. Além disso, o pregador deverá ser sábio em perceber as ocasiões quando escapar do calendário seria um bom caminho. Algumas vezes um dos cultos daquele domingo precisa ser substituído por um culto fúnebre; ou então, quando um problema específico atinge a comunidade, esta deseja respostas do púlpito para enfrentar tal crise.

Fichas especiais de elaboração são muito úteis. Os modelos apresentados ao final deste capítulo ajudam o pregador a elaborar o calendário de pregação. Observe-se que no segundo exemplo há lugar apenas para os sermões dominicais, sem preocupação com as lições da EBD (Escola Bíblica Dominical) nem com os cultos de oração, como acontece no primeiro exemplo. Essas fichas poderão ser feitas artesanalmente ou no computador. Seguindo tais modelos, o pregador considera a ênfase do mês, e depois, acompanhando as sugestões já apresentadas, elabora o calendário.

Como já insistimos, o pregador precisa ser sábio em cultivar as inúmeras ideias que tantas vezes lhe vêm à mente. John Jowett conta que um pastor, nas noites de domingo, ao voltar do templo, dizia: “Preciso de mais dois! Mais dois!”.

Ele não possuía celeiros ou, se os possuía, estavam vazios! Precisamos cultivar grandes fazendas; teremos então celeiros bem providos, e não seremos impacientes respigadores a catar magras espigas em terreno acanhado e mal cultivado. [\[Nota 9\]](#)

E, parafraseando a parábola do semeador, Charles Dickson criou a parábola da sementeira homilética:

As ideias vão sendo semeadas. Algumas ricas e belas ideias caem na dura terra, à beira do caminho. São aquelas sem comentários, que chegam inesperadamente, parecendo virem

do céu diretamente para o coração do pregador. Entretanto, não estando o mensageiro em condições de recebê-las, elas morrem no mesmo instante.

Outras ideias caem em lugar onde há pouca terra. Nascem logo, dando um aspecto um tanto promissor. O pregador, todavia, em seu comodismo, não lhes dá o tratamento adequado e, não sendo bem cuidadas, elas têm pouca duração.

Há, também, as ideias que caem entre espinhos que militam contra o seu crescimento. São elas as mil pressões que o pregador enfrenta na família, igreja, denominação e comunidade. Todas estas pressões clamam pela atenção do pregador, levando-o a dedicar cada vez menos tempo ao seu programa de estudos. Sufocadas, tais ideias se tornam infrutíferas.

Existem, entretanto, as ideias que caem em boa terra, recebendo da parte do pregador uma atenção especial. Elas são anotadas e estudadas com atenção; são avaliadas com carinho e arquivadas ordenadamente. Não há pressa em seu tratamento e o máximo de cuidado a elas será dispensado. São ideias preciosas que nas mãos do pregador consciente cumprem seu papel dando fruto: umas, cem; outras sessenta; e outras trinta. [\[Nota 10\]](#)

Um dos recursos de boas ideias para a elaboração de suas mensagens é a organização de um arquivo. Ele tem sido chamado de *celeiro homilético* ou *sementeira homilética*, uma vez que nele as ideias são cultivadas até frutificarem na elaboração de sermões. Nesse arquivo são registradas as ideias que mais tarde poderão ser aproveitadas. Algumas vezes, tais ideias chegam inesperadamente e, do mesmo modo como surgem, desaparecem, se não forem imediatamente anotadas.

Existem várias estratégias para a elaboração do arquivo. *Classificadores e folhas de papel*, por exemplo, são um processo bem econômico, pois nelas podem-se colar recortes de jornais e revistas, enquanto no verso, podem ser anotados os comentários;

agendas sem uso constituem um bom recurso, tanto para anotar como para colar trechos e ideias; o *computador* pode conter um diretório de ideias; *arquivos e fichas*, embora mais caros, servem bem ao propósito; ou simplesmente, *cadernos*. Foi este o método usado pelo pastor Luiz de Assis, o mais hábil cultivador de ideias que já conheci: ele usava cadernos tipo brochura; tal procedimento pode tornar o trabalho bem econômico. Sob qualquer desses métodos, a organização fica excelente se as ideias forem arquivadas por ordem alfabética ou por ordem de assuntos, ou mesmo por livros bíblicos.

Decidida a ideia a pregar, o próximo passo será a escolha de um texto bíblico que, encerrando a ideia escolhida, sirva de base para a elaboração da mensagem.

CALENDÁRIO MENSAL DE PREGAÇÃO

A seguir, o pregador encontrará dois modelos de fichas para o calendário mensal de pregação. Elas facilitam o planejamento, possibilitando a troca das fichas à medida que os meses se passam; tornam, também, mais prática a ideia de um planejamento em etapas. Além do *imediato* (sermões do domingo seguinte), mais três tipos se organizam: os de *curto prazo* (sermões do mês); os de *médio prazo* (sermões do trimestre) e os de *longo prazo* (sermões anuais). O primeiro modelo inclui o planejamento dos sermões para os cultos de oração, e o segundo é exclusivamente dominical.

PLANEJAMENTO DE SERMÕES DOMINICAIS

MÊS	ÊNFASE
1º DOMINGO	
• Lição da EBD:	
• MANHÃ:	
• NOITE:	
• QUARTA-FEIRA:	

2º DOMINGO	
• Lição da EBD:	
• MANHÃ:	
• NOITE:	
• QUARTA-FEIRA:	

3º DOMINGO	
• Lição da EBD:	
• MANHÃ:	
• NOITE:	
• QUARTA-FEIRA:	

4º DOMINGO	
• Lição da EBD:	
• MANHÃ:	
• NOITE:	
• QUARTA-FEIRA:	

--	--

OBSERVAÇÕES

MÊS	ÊNFASE
-----	--------

1º DOMINGO

- Lição da EBD:
- MANHÃ:
- NOITE:

2º DOMINGO

- Lição da EBD:
- MANHÃ:
- NOITE:

3º DOMINGO

- Lição da EBD:
- MANHÃ:
- NOITE:

4º DOMINGO

- Lição da EBD:
- MANHÃ:
- NOITE:

5º DOMINGO

5º DOMINGO

• Lição da EBD:

• MANHÃ:

• NOITE:

OBSERVAÇÕES

- 1 Samuel Vila. *Manual de Homilética*, p. 13.[\[Voltar\]](#)
- 2 Stafford North. *Pregação, homem, método*, p. 37.[\[Voltar\]](#)
- 3 Broadus. *op. cit.*, p. 49.[\[Voltar\]](#)
- 4 A. W. Blackwood. *A preparação de sermões*, p. 40.[\[Voltar\]](#)
- 5 H. C. Brown Jr. *et alli. Steps to the sermon*, p. 30.[\[Voltar\]](#)
- 6 *Ibidem*, p. 30.[\[Voltar\]](#)
- 7 Spurgeon. *op. cit.*, p. 87.[\[Voltar\]](#)
- 8 Clyde E. Fant. *Preaching for today*, p. 131.[\[Voltar\]](#)
- 9 Jowett. *op. cit.*, p. 81.[\[Voltar\]](#)
- 10 Charles Dickson. *Apostila de Homilética*, p. 7.[\[Voltar\]](#)



4

A base sólida da pregação

Pregação é a comunicação da Palavra de Deus, com aplicação para o presente e desafios para o futuro. Sem a interpretação da Palavra de Deus, sem aplicação e sem desafios não há pregação.

Um dos maiores desafios para pregar na atualidade é o pregador manter-se fiel aos ensinamentos bíblicos, explanando-os e aplicando-os às necessidades dos ouvintes. Vale a pena insistir que a pregação, para ser relevante, precisa ter sua base na Palavra de Deus; o conteúdo da mensagem cristã provém das Escrituras. “Se o que se expõe no púlpito não está baseado na Palavra de Deus é de pouco ou nenhum valor para os que vão ouvir a mensagem de Deus”. [\[Nota 1\]](#)

O costume de usar um texto das Escrituras como base para a pregação é remoto. Jesus Cristo foi o Mestre dos mestres na comunicação da Palavra, ele usou sua Bíblia, o Antigo Testamento, como base para suas prédicas e a primeira referência que se tem à pregação pública de Jesus na sinagoga foi em Nazaré, a cidade onde tinha sido criado. Naquela ocasião, ele baseou sua mensagem nas Escrituras:

Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor (Lc 4.17-19).

Partindo da leitura do texto, Jesus aplicou as verdades daquela Escritura à vida dos ouvintes: “e ele começou a dizer-lhes: hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir” (Lc 4.21).

Na primeira pregação proferida por Jesus e registrada por Marcos, há a proclamação de verdades bíblicas ensinadas no Antigo Testamento. A mensagem tem duas divisões: no primeiro tópico, Jesus fala do advento do reino: “O tempo é chegado, dizia ele. O Reino de Deus está próximo” (Mc 1.15). A essência desse tópico é que em Jesus um novo tempo estava começando. Era o cumprimento de profecias do Antigo Testamento. No segundo tópico, Jesus apresenta as condições para alguém pertencer ao reino: “Arrependam-se e creiam nas boas novas!” (Mc 1.15b). Esses dois passos, arrependimento e fé, são temas veterotestamentários. Não há dúvida que, uma das principais características da pregação de Jesus de Nazaré, o Senhor da pregação, é sua base bibliocêntrica e textual.

Os grandes pregadores do Novo Testamento usaram as Escrituras como autoridade única para o embasamento de suas mensagens. João, o Batista, à semelhança de Jesus, usou o Antigo Testamento como base de sua pregação. Ele apresentou o novo tempo da graça de Deus, inaugurado com a vinda de Jesus:

Todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça. Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo (Jo 1.16,17).

Ele falou da preexistência de Cristo: “Este é aquele de quem eu falei: aquele que vem depois de mim é superior a mim, porque já existia antes de mim” (Jo 1.15). Em sua pregação, ele apresentou Cristo como a revelação de Deus: “Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido” (Jo 1.18). A base das palavras de João foi o Antigo Testamento; ali, através de sinais, Deus, o Pai, se revelara a um povo escolhido, e agora, através do Filho Unigênito, Deus se revelava a todos os homens. O Antigo Testamento foi grandemente importante na vida e na pregação de João, o Batista. Ele apresentou temas

veterotestamentários como o juízo divino, o arrependimento, a remissão dos pecados e a proximidade do reino de Deus.

No dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro se revelou um grande pregador. E a relevante mensagem por ele pregada naquele momento teve como base um texto do Antigo Testamento, escrito pelo profeta Joel (cf. Jl 2.28 e At 2.16-21). [\[Nota 2\]](#)

De Estêvão, o pregador que morreu pregando, ficou registrada uma única prédica, que custou sua própria vida. É uma mensagem embasada nas Escrituras, que mostra claramente o quanto o pregador conhecia a Palavra de Deus. Rica em seu conteúdo histórico, a pregação de Estêvão está repleta de citações do Antigo Testamento, que se elevam a um total de quarenta e nove. E foi com base em sua Bíblia que ele corajosamente combateu os erros dos ouvintes.

Paulo, o apóstolo, usou o Antigo Testamento como base da sua pregação. Ele procurou traçar uma continuidade da ação de Deus, desde o Antigo Testamento até a vinda do Senhor Jesus. John Knox, escrevendo sobre a base da pregação cristã, foi enfático, ao declarar:

A mensagem do Senhor precisa provir não de acontecimentos correntes, ou literatura em voga, ou de tendências prevaletentes de um tipo ou de outro, não de filósofos, políticos, poetas e nem mesmo, em último recurso, da própria experiência ou reflexão do pregador, mas sim das Escrituras. [\[Nota 3\]](#)

A história da pregação, aliás, está marcada por nomes de grandes expositores da Palavra. Lutero afirmou:

Quando eu era jovem, e especialmente antes de ter conhecimento de teologia, ocupava-me com alegorias, figuras de linguagem e outras coisas vãs; agora, porém, tenho deixado em paz tudo aquilo e dedico a minha melhor arte em expor as Escrituras com o seu sentido claro, porque o sentido claro é conhecimento e vida. [\[Nota 4\]](#)

O TEXTO E A PREGAÇÃO

Temos insistido que, para ser relevante, a pregação há de ser bíblica. “Assim diz a Palavra do Senhor” é basilar a todo sermão. Spurgeon afirmou: “O ministro com sua Bíblia é como Davi com sua pedra e funda, plenamente equipado para a peleja”. [\[Nota 5\]](#)

É por isso que as melhores definições sobre a pregação apontam para o valor da bibliocentricidade na prédica e realçam o lugar da Palavra de Deus. Harwood Pattison, [\[Nota 6\]](#) por exemplo, afirma que: “Pregação é a comunicação verbal da verdade divina, com o propósito de persuadir”. Bernardo Manning [\[Nota 7\]](#) em consonância, diz: “Pregação é a manifestação do Verbo Encarnado, desde o Verbo escrito, pelo Verbo falado”. Para Martyn Lloyd Jones, [\[Nota 8\]](#) “pregação é teologia em chamas; é teologia que extravasa de um homem que está em chamas”. Em Charles Koller [\[Nota 9\]](#) lemos: “Pregação é o processo único pelo qual Deus, mediante seu mensageiro escolhido, se introduz na família humana e coloca pessoas perante si, face a face”. W. T. Purkiser, [\[Nota 10\]](#) por sua vez, afirma que a “pregação é a extensão da salvação e do trabalho santificador de Cristo, que é a essência do evangelho, até o nosso tempo”. Para Pierre Marcel, [\[Nota 11\]](#) “pregar é tomar parte na Palavra de Deus, é tornar-se cooperador de Deus”.

Partindo, como sempre, da convicção ampla de que, sem a aplicação da Palavra de Deus e sem desafios não há pregação, podemos refletir que a pregação proeminente trabalhará com uma tríade de fatores que envolvem passado, presente e futuro. Ou seja, ao comunicar a Palavra de Deus, a pregação usa textos escritos no passado; contextualizando-a e aplicando-a ao momento atual, ela se ocupa com o presente; e, ao desafiar as pessoas para mudanças de vida, ela se preocupa com o futuro. Por essa razão, podemos dizer que *pregação é a comunicação da Palavra de Deus, com aplicação para o presente e desafios para o futuro.*

TEXTO BÍBLICO: AUTORIDADE E NOSSA RENOVAÇÃO

Nenhuma outra literatura dá à mensagem a autoridade de Palavra de Deus. Broadus declarou que um texto bem escolhido “anima o pregador no preparo e enunciação do seu sermão e o ajuda também a prender de imediato a atenção dos ouvintes”. [\[Nota 12\]](#) Para John Stott, “o ideal no sermão é que a Palavra de Deus fale, ou melhor, Deus fale através de sua Palavra”. [\[Nota 13\]](#) Crane chamou a atenção ao fato de ser o pregador porta voz:

Quando o pregador se coloca diante de uma congregação, consciente de que está ali não com suas próprias especulações, porém com uma palavra concisa e clara, procedente do próprio coração de Deus, falará com confiança e se notará autoridade em sua voz. [\[Nota 14\]](#)

O pregador terá autoridade e confiança no uso do texto se vive o que diz. A mensagem que mais alcança os ouvintes é a que primeiro alcançou o pregador. Em Jesus está sempre o exemplo do pregador com a mensagem ratificada pela conduta, o que lhe deu uma autoridade não encontrada entre os escribas (Mc 1.22). Por isso, John Stott afirmou que “quanto mais o pregador ‘treme’ diante da Palavra de Deus sentindo a autoridade da Palavra sobre sua consciência e sua vida, mais ele será capaz de pregá-la com autoridade aos outros”. [\[Nota 15\]](#)

Que outra literatura o pregador poderia encontrar para servir de base à pregação? Pregadores que se impressionam em demasia com o pensamento de teólogos e filósofos e tentam usar suas palavras no púlpito, mais que a Palavra de Deus, têm demonstrado fracasso no ministério da pregação. John Knox, mencionando as razões pelas quais os pregadores usam a Bíblia, disse que a primeira delas está no fato de a Bíblia ser literatura religiosa de alta qualidade:

A Bíblia, como um todo, bem como muitas de suas partes tomadas em separado, podem ser perfeitamente enquadradas como tal. Não é grande literatura apenas, mas em alguns aspectos é incomparavelmente grande. É o relato mais realístico do homem que o próprio homem jamais produziu. A pregação, no entanto, é também profunda e radicalmente relacionada com o homem, sua necessidade e sua redenção, sendo que sua eficiência e genuinidade dependem da compreensão profunda, certa e verdadeira do pregador relativamente à situação humana. A Bíblia prevê recursos para essa compreensão. [\[Nota 16\]](#)

A Bíblia não é apenas literatura religiosa da mais alta qualidade, ela é a literatura da igreja. E tem falado e continua falando à vida das igrejas e dos crentes. As pessoas vão ao templo desejosas de serem alimentadas com a Palavra de Deus.

Vale lembrar, entretanto, que não será na sabedoria ou na eloquência do pregador que elas encontrarão as respostas para os grandes anseios da alma: somos *simples porta-vozes*. Por isso, quanto maior for a nossa identificação com a Bíblia, mais condições teremos de encontrar textos para a pregação. De certa forma, quanto mais conhecemos um determinado livro e nos identificamos com ele, mais condições temos de usá-lo com eficiência.

COMO ENCONTRAR TEXTOS PARA A PREGAÇÃO

Vivendo em comunhão com o Senhor

Como pregadores, somos instrumentos de Deus. A mensagem não é do pregador, mas do Senhor da pregação. E nenhum porta-voz desempenha bem sua função se não procurar conhecer profundamente aquele a quem serve. Para falar em nome de Deus, com base na sua Palavra, é mister que, a todo instante, procuremos conhecer mais e mais o Senhor e buscar fazer sua vontade. Daí a importância de cultivarmos a vida devocional.

Procurando conhecer a Palavra de Deus

Sendo as Escrituras a fonte dos textos que servirão de base à pregação, o pregador precisa ler diária e constantemente suas páginas. Para sermos pregadores relevantes, precisamos seguir a orientação do salmista e, não apenas lermos, mas termos prazer na lei do Senhor e na sua Palavra meditar, de dia e de noite (Sl 1.2). Quanto maior for a nossa identificação com a Bíblia, mais condições teremos de encontrar bons textos para a pregação. Para que a Bíblia possa alcançar os ouvintes é necessário primeiramente nos alcançar.

Aprofundando o estudo bíblico

Um bom método é o pregador manter um programa de estudos, particularizando um livro da Bíblia. Quanto mais conhecemos e nos identificamos com um determinado livro, mais condições temos de lançar mão de seus textos na pregação. Naturalmente, o estudo deve começar de modo pessoal, sem qualquer preocupação homilética, entretanto, à medida que o livro vai falando à vida do pregador, as ideias para a pregação vão surgindo.

Adiante, temos um exemplo: apenas do primeiro capítulo, *Aspirações do apóstolo, da Carta aos Filipenses*, dez ideias surgiram para sermões:

1. Um amor crescente (v. 9): “que o amor de vocês aumente cada vez mais”.
2. Produção do fruto da justiça (v.11): “Cheios do fruto da justiça”.
3. Cristo pregado a qualquer custo (v.18): “Mas, que importa? O importante é que de qualquer forma, seja por motivos falsos ou verdadeiros, Cristo está sendo pregado [...]”.
4. Cristo engrandecido a qualquer custo (v.20): “[...] com toda a determinação de sempre, também agora Cristo será engrandecido em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte”.
5. Progresso da igreja e alegria na fé (v.25): “[...] vou permanecer e continuar com todos vocês, para o seu progresso e alegria na fé.”.
6. Motivo para glória em Cristo (v.26): “a fim de que, pela minha presença, outra vez a exultação de vocês em Cristo Jesus transborde por minha causa”.
7. Uma vida digna do Evangelho (v.27): “[...] exerçam a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo [...]”.
8. Obediência na presença e na ausência (v.27): “[...] para que assim, quer eu vá e os veja, quer apenas ouça a seu respeito em minha ausência, fique eu sabendo que vocês permanecem firmes num só espírito [...]”.
9. Trabalho em completa união (v.27): “[...] num só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica”.
10. Coragem todo o tempo (v.28): “[...] sem de forma alguma deixar-se intimidar por aqueles que se opõem a vocês [...]”.

1 ALEJANDRO TREVINO. *EL PREDICADOR, PRÁCTICAS A MIS ESTUDIANTES*, P. 60. [\[VOLTAR\]](#)

2 JILTON MORAES. *A PREGAÇÃO NEOTESTAMENTÁRIA: UMA NOVA DIMENSÃO À MENSAGEM DO ANTIGO TESTAMENTO*. [\[VOLTAR\]](#)

3 JOHN KNOX. *A INTEGRIDADE DA PREGAÇÃO*, P. 11. [\[VOLTAR\]](#)

4 A. W. BLACKWOOD. *LA PREPARACIÓN DE SERMONES BÍBLICOS*, P. 20.

[\[VOLTAR\]](#)

5 SPURGEON. *OP. CIT.*, P. 237.[\[VOLTAR\]](#)

6 HARWOOD T. PATTISON. *THE MAKING OF THE SERMONS*, P. 13.[\[VOLTAR\]](#)

7 APUD W. E. SANGSTER. *THE CRAFT OF THE SERMON CONSTRUCTION*, P. 4.
[\[VOLTAR\]](#)

8 D. MARTYN LLOYD-JONES. *PREGAÇÃO E PREGADORES*, P. 70.[\[VOLTAR\]](#)

9 CHARLES KOLLER. *PREGAÇÃO EXPOSITIVA SEM ANOTAÇÕES*, P. 9.[\[VOLTAR\]](#)

10 APUD NEIL B. WISEMAN (COMP.). *BIBLICAL PREACHING FOR CONTEMPORARY MAN*, P. 9.[\[VOLTAR\]](#)

11 MARCEL. *OP. CIT.*, P. 61.[\[VOLTAR\]](#)

12 BROADUS. *OP. CIT.*, P. 18.[\[VOLTAR\]](#)

13 STOTT. *OP. CIT.*, P. 37.[\[VOLTAR\]](#)

14 JAMES CRANE. *O SERMÃO EFICAZ*, P. 56.[\[VOLTAR\]](#)

15 STOTT. *OP. CIT.*, P. 36.[\[VOLTAR\]](#)

16 KNOX. *OP. CIT.*, P. 13.[\[VOLTAR\]](#)



5

Considere o que diz o texto

Para chegar ao sentido claro do texto bíblico, o pregador precisa interpretá-lo. A capacidade de interpretar corretamente as Escrituras é fundamental à boa pregação.

A correta interpretação é indispensável à boa pregação. Sem que o pregador interprete o texto, jamais chegará ao conhecimento do seu sentido claro. A capacidade de interpretar corretamente o texto bíblico é fundamental para o sucesso do sermão. Lamentável é que nem todos os pregadores levem o texto a sério; há alguns que o desprezam completamente; assomam ao púlpito sem uma correta interpretação do que eles próprios chamam de texto básico do seu sermão.

O QUE VEM A SER INTERPRETAÇÃO DO TEXTO?

A tarefa de interpretar o texto é denominada hermenêutica, palavra proveniente do grego (ermeneúo), que significa interpretar. O vocábulo refere-se a todo o trabalho de “transporte” do texto desde sua origem até o leitor. Por essa razão, o estudo da hermenêutica inclui três elementos que se complementam:

- *noemática* — que se preocupa com o sentido que há no texto;
- *heurística* — que estuda as ferramentas a serem utilizadas para a descoberta deste sentido do texto;
- *proforística* — é o modo ou forma como é exposto o sentido encontrado nas Escrituras; trata da extração e aplicação da mensagem encontrada.

Severino Croatt^[Nota 1] teve o cuidado de diferenciar a exegese da hermenêutica, lembrando que a primeira procura identificar o sentido do texto, considerando o que há “por trás” dele (autor, ocasião, tradição, figuras literárias, etc.), enquanto a outra inclui a percepção do sentido que há “adiante” do texto. É preciso, no trabalho hermenêutico, considerar todo o processo decorrido até que o texto esteja diante de nós. Key afirmou que: “a interpretação correta do texto significa o esforço mental e espiritual do intérprete para captar o fio do pensamento e a maneira de pensar do autor do texto, que foi inspirado por Deus”.^[Nota 2] O professor Marcos Bitencourt, por sua vez, lembrou:

A palavra que em princípio foi pregada, falada e, desde então, enquadrada em formas conceituais, transformou-se, por sua vez, em letra-texto. O texto está depois da palavra; portanto, a tarefa do intérprete é de chegar antes do texto, na palavra, mas através do texto. Para isso tem que vencer uma distância cultural entre a época das escrituras e a sua época, apropriando-se de algo que foi dito em outra época, mas sempre a partir de uma nova realidade histórica, expandindo o horizonte do texto. Isto é o que Hans Gadamer chamou de

“fusão de horizontes”. Em resumo, esse tipo de hermenêutica se move do autor e do texto para uma união entre o texto e o leitor com raízes no presente em vez do passado, o que significa dizer que interpretar é aplicar.[\[Nota 3\]](#)

É preciso compreender que o texto teve uma significação para seus primeiros destinatários. A preocupação inicial do pregador deve ser descobrir esse significado primário, seminal. Somente conhecendo a significação do texto no passado, podemos contextualizá-lo e corretamente aplicá-lo ao momento presente.

POR QUE A INTERPRETAÇÃO DO TEXTO É IMPORTANTE?

Para elaborar uma pregação bíblica, o pregador precisa ser um estudioso das Escrituras, como afirmou Campbell Morgan: “Mais importante que o treinamento teológico é o treinamento bíblico, e o pregador deve dar a máxima atenção à Bíblia”. [\[Nota 4\]](#) Al Martin declarou que a pregação tem se tornado irrelevante porque os pastores andam muito ocupados, procurando dirigir a “maquinaria eclesiástica de suas igrejas”. [\[Nota 5\]](#) Para Blackwood, [\[Nota 6\]](#) “o sermão com profunda base bíblica traz vantagens ao pregador e aos ouvintes, produzindo dividendos ricos e permanentes ao pastor que sabe investir seu tempo e energias nesse trabalho”.

Essa preocupação é também importante diante da notória tendência das *teologias modernas*, marcadas pela ênfase na relação leitor/ouvinte e não no texto bíblico; busca-se uma mensagem adequada, conveniente e atrativa, mesmo que isso implique sacrifício ou distorção do sentido original do texto. Certamente, há aqui uma forte influência do filósofo alemão Hans Gadamer, com o conceito de hermenêutica do tipo *reader response* (resposta do leitor), caracterizada pela subjetividade e pela influência direta da percepção do leitor sobre *o que o texto diz*. É preciso termos em mente que a missão principal do pastor é pregar a Palavra. O apóstolo Paulo nos desafia a pregar a tempo e fora de tempo; mesmo que pessoas prefiram juntar para si mestres segundo seus próprios desejos e desviar seus ouvidos da verdade, voltando-se às fábulas (2Tm 4.2-4); somos chamados a pregar a toda hora e em todo lugar a Palavra.

PASSOS NECESSÁRIOS A UMA BOA INTERPRETAÇÃO

Há vários passos necessários, que organizam e facilitam a tarefa do pastor, como estes a seguir:

1. Orar pedindo que a Palavra do Senhor nos fale com profundidade para que, compreendendo-a de forma correta, possamos explaná-la aos ouvintes. Como exemplo, tome-se o texto adiante, que é Lucas 15.25-32:

²⁵ “Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança.

²⁶ Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo.

²⁷ Este lhe respondeu: ‘Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo’.

²⁸ O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele.

²⁹ Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado

como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos.

³⁰ Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!’

³¹ Disse o pai: ‘Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu.

³² Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado’.

2. Ler o texto, o máximo de vezes possível, em todas as traduções ao alcance. O eventual acesso ao idioma original possibilita ao pregador fazer sua própria tradução. Além da NVI, versão usada nesta edição, lançamos mão de mais cinco traduções:
 - o ARA — Almeida, Revista e Atualizada;
 - o MT — Versão Revisada, Melhores Textos da IBB;
 - o BJ — Bíblia de Jerusalém;
 - o BLH — Tradução na Linguagem de Hoje;
 - o BI — Bíblia Interconfessional.
3. Anotar os vocábulos e expressões que mais se destacam, comparando-os com as traduções lidas, usando também uma chave linguística. [\[Nota 7\]](#)

	NVI	ARA	BI	BJ	MT	BLH	Chave Ling.
v.25	Quando se aproximou da casa	ao aproximar-se de casa	Quando se aproximava de casa	já perto de casa	ao aproximar-se de casa	perto de casa	
	Ouviu a música e a dança	a música e as danças	a música e as danças	músicas e danças	a música e as danças	a música e o barulho da dança	uma banda de músicos ou cantores
v.26	chamou um dos servos	um dos criados	um dos empregados	um servo	um dos servos	um empregado	
	perguntou-lhe o que estava acontecendo	perguntou-lhe o que era aquilo	perguntou-lhe o que era aquilo	perguntou-lhe o que estava acontecendo	perguntou-lhe o que era aquilo	perguntou: "o que é que está acontecendo?"	inquiriu
v.27	seu irmão voltou	veio teu irmão	foi o teu irmão que voltou	é teu irmão que voltou	chegou teu irmão	O seu irmão voltou	
	novilho gordo	Novilho cevado	o bezerro mais gordo	novilho cevado	bezerro cevado	bezerro gordo	
	são e salvo	com saúde	são e salvo	com saúde	são e salvo	vivo e com saúde	estar com saúde
v.28	encheu-se de ira, e não quis entrar	indignou-se e não queria entrar	ficou zangado e nem queria entrar	ficou com muita raiva e não queria entrar	indignou-se e não queria entrar	ficou zangado e não quis entrar	ficar zangado
	seu pai saiu e insistiu com ele	procurava conciliá-lo	saiu para o convencer	saiu para suplicar-lhe	instava com ele	insistiu que entrasse	continuava a rogar-lhe
v.29	todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço	há tantos anos te sirvo	há tantos anos te sirvo	há tantos anos te sirvo	há tantos anos te sirvo	faz tantos anos que trabalho como um escravo para o senhor	há tantos anos te sirvo
	e nunca desobedecei às tuas ordens	sem jamais transgredir uma ordem tua	sem nunca ter desobedecido as tuas ordens	jamais transgredir um só dos teus mandamentos	nunca transgredi um mandamento teu	nunca desobedecei uma ordem sua	passar por cima, negligenciar
	Mas tu nunca me deste nem um cabrito	Nunca me deste um cabrito sequer	e não deste sequer um cabrito	nunca me deste um cabrito	Nunca me deste um cabrito	o senhor nunca me deu ao menos um cabrito	nem mesmo uma vez, em contraste com tantos anos de serviço; um animal de pequeno valor
	para eu festejar com os meus amigos	para alegrar-me com os meus amigos	para eu fazer uma festa com os meus amigos	para festejar com os meus amigos	para eu me regozijar com os meus amigos	para eu fazer uma festa com os meus amigos	

	NVI	ARA	BI	BJ	MT	BLH	Chave Ling.
v.30	quando volta para casa esse teu filho	Este teu filho	Vem agora este teu filho	esse teu filho	esse teu filho	esse teu filho	denota desprezo
	que esbanjou os teus bens com as prostitutas	desperdiçou os teus bens com meretrizes	desperdiçou o teu dinheiro com mulheres de má vida	devorou teus bens com prostitutas	desperdiçou os teus bens com meretrizes	desperdiçou tudo o que era do senhor	
v.31	Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu	tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu	tu sempre estás comigo e tudo o que tenho é teu	tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu	tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu	você está sempre comigo e tudo o que é meu é seu	
v.32	Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão	era preciso que nos regozijássemos e alegrássemos	era preciso fazermos uma festa	era preciso que festejássemos e nos alegrássemos	era justo, porém, regozijar-mo-nos e alegrar-mo-nos	era preciso fazer esta festa para mostrar a nossa alegria	
	ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado	estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado	estava morto e voltou a viver, estava perdido e apareceu	estava morto e tomou a viver, estava perdido e foi reencontrado	estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi achado	estava morto e viveu de novo, estava perdido e foi achado	

4. Meditar profundamente no texto, anotando as verdades e desafios que mais se destacam.
5. Preparar um esboço analítico de cada verso, destacando sujeito, verbos e complementos. A seguir, exemplos a partir do

mesmo texto (Lc 15.25-32):

v. 25	
Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança.	<ul style="list-style-type: none"> • sujeito: o filho mais velho • verbos: estava, aproximou, ouviu • complementos: campo, se, casa, barulho, música, dança
v. 26	
Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo.	<ul style="list-style-type: none"> • sujeito: oculto (o filho mais velho) • verbos: chamou, perguntou, era • complementos: servos, lhe, o
v. 27	
Este lhe respondeu: 'Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo'.	<ul style="list-style-type: none"> • sujeito: Este, seu irmão, seu pai • verbos: respondeu, voltou, matou, recebeu • complementos: E, novilho,o, são e salvo
v. 28	
O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele.	<ul style="list-style-type: none"> • sujeito: o filho mais velho, pai • verbos: encheu, quis, saiu, insistiu • complementos: se, de ira, com ele
v. 29	
Mas ele respondeu ao seu pai: 'Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedecei às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos'.	<ul style="list-style-type: none"> • sujeito: ele (o filho mais velho), eu • verbos: respondeu, olha, tenho trabalhado, desobedecei, deste, festejar • complementos: ao teu serviço, tuas ordens, nenhum cabrito, com meus amigos

6. Considerar o gênero do texto em estudo: salmo, narrativa, milagre, parábola, epístola, poesia, literal, se há figura de linguagem etc. Por exemplo: *O texto de Lucas 15.25-32 é parte de uma parábola de Jesus (11-32).*
7. Trabalhar uma passagem do Antigo Testamento, interpretando-a à luz do Novo Testamento.
8. Considerar a importância da revelação progressiva. O texto precisa ser compreendido à luz da revelação progressiva e sempre considerando que Jesus é o clímax dessa revelação: *Lucas 15.25-32 ilustra o modo como Deus se relaciona com o*

homem: os dois filhos eram rebeldes, e o pai amou e procurou recuperar a ambos.

9. Procurar descobrir a razão de ser do texto: por que esse texto foi escrito e com que finalidade foi preservado? *Lucas 15.25-32 faz parte da Parábola do Pai Amoroso (iniciada no v.11) e foi escrito para responder aos escribas e fariseus que murmuravam (15.2).*
10. Personalizar a leitura do texto (cada pregador personalizará o texto de acordo com o seu modo de interpretá-lo):
11. Fazer uma pesquisa histórica sobre o texto:
 - a. Em que ocasião surgiu esse texto? *O texto foi produzido quando algumas pessoas murmuravam porque Jesus não fazia distinção de classes consideradas especiais.*
 - b. Quais os costumes da época? *Os costumes da época determinavam que quando um jovem saía de casa e, havendo fracassado, voltava ao lar, era recebido com hostilidade.* [\[Nota 8\]](#)
 - c. Como tais costumes podem ter influenciado? *De acordo com tais costumes, o pai não teria recebido o filho arrependido em festa.*
12. Buscar os detalhes geográficos relacionados ao texto:
 - a. Onde estava o autor quando o escreveu?
 - b. Quais as características do lugar àquela época?
 - c. De que modo esses detalhes influenciaram o texto?
13. Pesquisar o porquê da localização do texto na Bíblia. Para tanto, considerar atentamente os contextos antecedente e subsequente ao texto em estudo.
14. Ler o texto com “olhos homiléticos”, procurando descobrir o que no texto mais fala ao momento atual.
15. Escrever um resumo do texto, expressando-o em, no máximo, 16 palavras.
16. Pesquisar em comentários bíblicos, e em toda literatura pertinente, o que outros pregadores e estudiosos afirmaram sobre o texto.

17. Elaborar a ideia central do texto, destacando a verdade básica do texto.

PROSSEGUINDO NA INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

Em oração, encontramos parte da parábola do filho pródigo (Lucas 15.25-32) como texto para a pregação.

O texto está diante dos seus olhos. Leia-o várias vezes, em várias traduções.

Procure aplicar as verdades do texto à sua própria vida. Formule perguntas que podem ajudar:

- Quantas vezes Deus tem agido comigo exatamente como age o pai desta parábola?
- Tenho sido capaz de me alegrar com a alegria dos outros?
- Algumas vezes tenho me comportado como o irmão mais velho?

O que é a ICT?

A ideia central do texto (ICT) é uma frase breve, de 16 a 18 palavras no máximo, capaz de traduzir a mensagem como expressão exata da que o texto original encerra; ela é, por isso, imprescindível à unidade, objetividade e síntese na pregação. Com o auxílio da criação de uma ICT, o pregador será capaz de comunicar-se em poucas palavras com seus ouvintes. E é a partir dela que o foco principal do texto poderá ser trazido para a contemporaneidade. Uma ICT tem como características: ser uma frase com sentido completo; ter o verbo principal no pretérito; ser clara, concisa e objetiva; ser comunicativa e, principalmente, ter a capacidade de identificar o texto em pauta. Observe-se um exemplo, tomado a Lucas:

TEXTO	Lc 15.11-16
FOCO DO TEXTO	A falta de limites do pródigo
ICT	O filho pródigo, ignorando seus limites, afastou-se do pai e tentou exceder, mas fracassou terrivelmente.

CONTEXTUALIZAÇÃO	A opção por uma vida de excessos conduz ao mais terrível fracasso.
CONTEXTUALIZAÇÃO	Viver com moderação diante de Deus.

Para trabalhar bem uma ICT, é ideal que o pregador reconheça que cada texto tem um só significado; uma ICT é elaborada para aquele único texto e não pode, portanto, estender-se a outro.

É possível obter-se mais eficiência da ICT, dependendo da perspectiva do pregador no estudo de um referido texto. Mas essa multiplicidade, porém, não deve significar diversidade na interpretação: o significado do texto é um só. Tome-se como exemplo dessa dinâmica a criação de várias ICTs, a partir de um mesmo texto: de Atos 16.25-31, puderam-se retirar estas:

1. Paulo e Silas, apesar de presos, testemunharam em Filipos, orando e cantando hinos ao Senhor.
2. O testemunho de Paulo e Silas motivou o carcereiro em Filipos a buscar a salvação.
3. Num momento de perplexidade, o carcereiro em Filipos desejou conhecer o caminho da salvação.
4. Paulo e Silas apresentaram ao carcereiro em Filipos a fé como condição para obter salvação.
5. Paulo e Silas apresentaram ao carcereiro em Filipos a única fórmula para encontrar salvação.
6. Cantando e orando na prisão, em Filipos, Paulo e Silas mostraram a alegria de seguir Jesus.
7. Paulo e Silas experimentaram os resultados espirituais advindos da oração e do louvor.
8. O carcereiro em Filipos recebeu a mensagem de Jesus através do testemunho de Paulo e Silas.
9. O carcereiro em Filipos foi persuadido a crer em Jesus, para ser salvo, com sua casa.
10. Paulo e Silas afirmaram que o carcereiro em Filipos precisava crer em Jesus para ser salvo.

11. Deus respondeu as orações de Paulo e Silas, libertando-os da prisão em Filipos e salvando o carcereiro.
12. Paulo e Silas mostraram ao carcereiro em Filipos que para ser salvo é necessário crer.
13. Paulo e Silas apresentaram ao carcereiro em Filipos a opção de crer em Jesus para ser salvo.
14. Paulo e Silas ensinaram que havia motivos para louvar a Deus, mesmo na prisão.
15. Paulo e Silas apresentaram ao carcereiro em Filipos a única solução para sua salvação.
16. Em Filipos, Paulo e Silas ensinaram ao carcereiro o que fazer para obter a salvação.
17. Paulo e Silas ensinaram, na prisão em Filipos, que Jesus é a solução.
18. O carcereiro em Filipos decidiu-se converter diante do testemunho de Paulo e Silas.
19. Cantando à meia-noite, na prisão em Filipos, Paulo e Silas testemunharam o poder de Deus.
20. Na prisão em Filipos, enquanto Paulo e Silas oravam, Deus providenciava o livramento.

OUTROS MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO

Existem diversos métodos práticos e funcionais para se trabalhar um texto, buscando sua mensagem para extraí-la de modo aplicável a nós e a nossos ouvintes. Apresentamos a seguir, de forma sucinta, dois desses métodos, exemplificando sua utilização:

EBIR: Estudo Bíblico Indutivo Rápido

Trata-se de uma adaptação do método indutivo para estudos em grupos. O adjetivo “rápido” ocorre aqui para poder ser usado em locais onde o tempo é escasso (nas escolas, no trabalho etc.). Este método se vale da utilização de uma série de perguntas, as quais devem ser levantadas à medida que o texto é estudado. As respostas que surgirem do estudo possibilitarão uma boa percepção da mensagem do texto. São estas as questões:

O que o texto fala sobre Deus?

Quem é Deus no texto?

Como se mostra ao homem?

O que revela sobre Jesus?

O que o texto fala sobre o ser humano?

Quem é o homem no texto?

Quais as dúvidas que encontro no texto?

Há ideias que não consigo compreender? Quais?

Há termos ou palavras difíceis? Quais?

Quais os novos ensinamentos aprendidos?

Existe no texto algo que ainda não havia percebido antes?
Quais lições posso extrair do texto?

O que o texto me pede para fazer?

Que desafios extraio da leitura do texto?

Como parte final, sinto-me impelido a quê?

Suscitadas tais perguntas, deve-se buscar responder a elas através da leitura cuidadosa do texto, podendo-se recorrer a comentários e dicionários bíblicos, teológicos e da língua portuguesa.

Estudo Bíblico Indutivo

Diferentemente do método anterior pelo nível e profundidade da pesquisa, este método também lança mão de perguntas para o desenvolvimento do estudo. Ocorre em três etapas: observação, interpretação e aplicação.

Na fase de *observação*, fazem-se perguntas ao texto, tais como: *o quê? como? quando? onde? aonde? quanto?* Buscam-se também detalhes geográficos, históricos, religiosos, sociais, que caracterizam e desenhavam o contexto.

Quanto ao segundo momento, a interpretação, novas perguntas são criadas. Mais do que a busca da situação (circunstância), ocorre a procura pelo sentido (mensagem) do texto: *por quê? o que significa? para quê? o que quer dizer? qual o sentido?*

Na terceira fase, a da aplicação, os resultados da observação e da interpretação são direcionados ao ouvinte na expectativa de uma resposta ao texto e à sua mensagem. Adiante, um exemplo de aplicação do método indutivo de interpretação usa o encontro de Jesus com a mulher samaritana (João 4.1-42):

Fase de observação: (v. 1-3) Quando Jesus deixou a Judeia e foi para a Galileia? (v. 3) Qual o trajeto compreendido entre a Judeia e

a Galileia? (v. 6a) O que era a “fonte de Jacó”? (v. 6b) O que era a “hora sexta”? (v. 9) Qual a origem do conflito entre judeus e samaritanos? (v. 20) A que monte se referia a mulher? (v. 20) Quais as diferenças entre judeus e samaritanos? (v. 27) Qual a razão do espanto dos discípulos ao ver Jesus conversando com a mulher samaritana?

Fase da interpretação: (v. 4) Por que o texto afirma que “era necessário” que Jesus passasse por Samaria? (v. 7) “Dá-me de beber”: Este pedido de Cristo é apenas para matar a sede ou tem outro objetivo? Qual seria? (v. 10) Qual o sentido de “água viva”? (v. 20-24) Jesus desvia o assunto da conversa para voltar ao que pretendia com a mulher: a questão não é “onde adorar”, mas “como adorar”. (v. 27) Ao conversar com a mulher samaritana, Jesus quebra alguns tabus de seu tempo. Por quê? Porque era um homem que se dirigia a uma mulher (tabu sexual); porque era um judeu falando com samaritana (tabu racial); porque era rabi falando com uma pecadora (tabu religioso). (v. 13-14 e v. 31-38) O que pretendia Jesus ao usar temas alegóricos tais como a água, a comida ou a ceifa?

Fase da aplicação: Como se manifesta a “sede” do mundo moderno que pode ser resolvida através da “água viva”? Como temos adorado ao Senhor? A que nos impele o desafio de erguer os olhos para observar os campos brancos para a colheita? A atitude de amor e misericórdia de Jesus, ao se aproximar de uma pessoa discriminada no seu tempo, serve como paradigma para a evangelização sem preconceito e julgamento. Que barreiras temos dentro de nós e de nossas instituições para realizar a obra? O encontro com Cristo (v.29) impele a pessoa para o testemunho oral, mas muito mais que palavras, Deus espera que falemos através de nossa vida (v.42) e de um encontro pessoal com Jesus.

Considerando o que diz o texto básico da mensagem, cujo significado mostra o que as palavras do autor disseram a seus primeiros destinatários, o pregador tem condições de dar o próximo passo, estabelecer a ponte entre a mensagem do texto e seus ouvintes.

-
- 1 J. SEVERINO CROATTO. *ÊXODO — UMA HERMENÊUTICA DA LIBERDADE*, P. 11-13.[\[VOLTAR\]](#)
 - 2 JERRY STANLEY KEY. *O PREPARO E A PREGAÇÃO DE SERMÕES BÍBLICOS*, P. 102.[\[VOLTAR\]](#)
 - 3 MARCOS ANTÔNIO MIRANDA BITTENCOURT: ENTREVISTA (MAR. 1999), STBNB.[\[VOLTAR\]](#)
 - 4 CAMPBELL MORGAN. *EL MINISTERIO DE LA PREDICACIÓN*, P. 113.[\[VOLTAR\]](#)
 - 5 AL MARTIN. *O QUE HÁ DE ERRADO COM A PREGAÇÃO HOJE?*, P. 30.[\[VOLTAR\]](#)
 - 6 BLACKWOOD. *LA PREPARACIÓN DE SERMONES BÍBLICOS*, P. 241.[\[VOLTAR\]](#)
 - 7 FRITZ RIENECKER & CLEON ROGERS. *CHAVE LINGÜÍSTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO*, P. 139-140.[\[VOLTAR\]](#)
 - 8 KENNETH BAILEY. *AS PARÁBOLAS DE LUCAS*, P. 230-231.[\[VOLTAR\]](#)



6

A contextualização

A pregação não pode ficar limitada à interpretação; se não houver contextualização não há pregação.

Pouco antes do início do culto, um adolescente procurou o pastor e perguntou: “O que o senhor vai pregar hoje, pastor?”. A pronta resposta do pastor foi: “Vou falar sobre a alegria da vida cristã”. O adolescente prosseguiu: “Pastor, eu queria que o senhor me desse em poucas palavras, entre doze e dezesseis, o resumo de tudo quanto o senhor pretende nos falar hoje”. Sem entender a pergunta e, pior ainda, sem ter como responder a ela, o pastor se desculpou, dizendo que estava na hora de se reunir com os diáconos; e a pergunta ficou sem resposta. Mas a história ilustra a grande indagação aos pregadores: somos capazes de resumir em poucas palavras a mensagem que pretendemos transmitir? Não se trata do título do sermão, mas de uma frase completa, com palavras precisas e preciosas, capaz de resumir o que se pretende dizer.

Vimos que a interpretação é indispensável à boa pregação; entretanto, não basta interpretar o texto, é preciso *contextualizá-lo*, trazendo sua mensagem do passado para o presente. John Stott mencionou que “o abismo entre a igreja e o mundo secular já é tão grande que restam poucas pontes pelas quais esses dois mundos possam entrar em contato”.[\[Nota 1\]](#) Sem essa ponte jamais o pregador alcançará o ouvinte em seu mundo significativo. Daí a necessidade da contextualização do texto-base do sermão.

O QUE VEM A SER CONTEXTUALIZAÇÃO?

Entendemos por contextualização a ligação da mensagem bíblica com a realidade dos ouvintes. Contextualizar é atualizar a mensagem do texto bíblico, tornando-a relevante ao momento atual. Page Kelley afirmou que quando o pregador descobre o significado original de uma passagem bíblica, tem metade de sua tarefa completada. E acrescentou: “Você deve perguntar como uma passagem se aplica a homens e mulheres no mundo de hoje”.[\[Nota 2\]](#)

Precisamos considerar a realidade dos ouvintes. O bom pregador estuda com zelo o texto de sua mensagem e com amor as pessoas que o ouvirão. A esse propósito, Luis Maldonado advertiu: “a homilia fala não só de textos, porém igualmente de fatos, não apenas do passado, mas do presente, do hoje (não só do que Jesus fez e disse então, mas do que faz e diz hoje)”. Sua palavra foi ainda mais longe: “É preciso, pois, mostrar, com fatos atuais, que a Palavra de Jesus se cumpre e é eficaz hoje”.[\[Nota 3\]](#)

A exposição da Palavra de Deus no púlpito não pode ficar limitada apenas à interpretação. Se não houver contextualização, não há boa pregação. Blackwood, falando sobre o atual clamor por mais sermões expositivos, advertiu: “só acrescentarei que deve ser pregação. A aula tem seu lugar, o púlpito outro”.[\[Nota 4\]](#)

Contextualizar é, pois, unir dois mundos com a pregação da Palavra. A pregação se torna relevante quando é capaz de alcançar o homem, oferecendo-lhe fé para sua dúvida, alimento para sua fome, esperança para seu desespero, resposta para seus questionamentos e conforto para sua aflição. É também necessário que o pregador leve em consideração a existência de duas diferentes épocas e culturas: a das pessoas para quem o texto foi originalmente escrito e a dos ouvintes na atualidade. Somente assim o pregador, a partir de um estudo das realidades do passado e do conhecimento da situação contemporânea, pode e deve tornar a

mensagem atual, clara e desafiadora para o homem contemporâneo.[\[Nota 5\]](#) A formulação de uma proposição central ou tese é, por isso, um passo importante para a contextualização.

A TESE: COMO DEVE SER?

Dickson ensinou que a tese responde às perguntas: o que diz o texto para nós hoje? Qual a aplicação do texto? Tese é, portanto, o resumo de tudo quanto se pretende transmitir no púlpito. Surge a partir da contextualização da ideia central do texto. Para conseguí-la, o pregador precisa ter em mente a ideia central do texto básico, já expressa através da ICT; deve, claro, considerar as necessidades dos ouvintes para atualizar a mensagem do texto. Uma tese deve:

- a. **ser coerente com o texto bíblico:** ou seja, a tese deve apresentar a mesma mensagem do texto, uma vez que veio da ICT, e esta veio do texto básico;
- b. **ser dirigida ao momento contemporâneo:** enquanto na ICT a referência é ao passado — ao mundo bíblico e seus personagens — na tese a referência é ao momento atual: os ouvintes, seus problemas, necessidades e expectativas. A tese é uma atualização da ideia central do texto;
- c. **ter o verbo no presente:** ao contrário da ICT, que trata do passado, as ações da tese estão no presente, requerendo assim que seu verbo principal (ou verbos principais) esteja(m) no presente;
- d. **ter uma frase com um sentido completo:** enquanto o título é uma frase geralmente de sentido incompleto, a tese há de ser sempre uma frase completa;
- e. **ser clara e objetiva:** segundo Koller, “estruturalmente esta é a parte mais importante do sermão inteiro e deve estar isenta do mais ligeiro toque de ambiguidade”; [\[Nota 6\]](#)
- f. **ser breve e enfática:** a frase deve ter no máximo dezesseis palavras; deve-se, porém tão enfática quanto um provérbio. Karl Lachler declarou: “A proposição é uma abreviação do sermão [...] É uma declaração vigorosa, sugestiva e provocante”. [\[Nota 7\]](#)
A tese não é lugar para divagação ou adjetivação e, ao redigi-la, todas as palavras desnecessárias devem ser eliminadas;

- g. **ser pertinente ao texto bíblico:** diretamente ligada com a base bíblica da mensagem, uma vez que é a essência do texto bíblico aplicada às necessidades contemporâneas [\[Nota 8\]](#) capaz de identificar a mensagem do texto à realidade do auditório. Mostra que o Deus que agiu no passado age no presente; que suas promessas são infalíveis e que ele quer agir na vida de todos os ouvintes que responderem pela fé;
- h. **ser um resumo da ideia a ser pregada:** Crane [\[Nota 9\]](#) afirmou: “A proposição é uma declaração, na forma mais concisa possível, por meio de uma oração gramatical completa, do tema que será discutido no sermão”. Uma vez que a tese veio da ideia central do texto e esta veio do texto, as palavras que compuserem a tese devem ser o menor resumo da verdade a ser pregada;
- i. **tornar-se fundamental à elaboração do sermão:** Jowett [\[Nota 10\]](#) afirmou: “Estou convicto de que nenhum sermão está pronto para ser publicado, enquanto não nos for possível expressar o seu tema numa breve e fecunda sentença, tão clara quanto o cristal”;
- j. **ser indispensável à unidade do sermão:** O sermão não é uma colcha de retalhos; tem uma verdade a comunicar. E a melhor forma de nos livrarmos do risco de apresentar um sermão fragmentado e desconexo é ter a síntese da mensagem na forma de uma tese;
- k. **ser essencial à objetividade do sermão:** É a partir da tese que o pregador alcança o ouvinte com maior eficácia, pela definição clara da mensagem a ser pregada. Só assim obtém-se uma comunicação sem rodeios, que entra no mundo significativo do ouvinte e o desafia a mudanças comportamentais;
- l. **ser a resposta à pergunta “o que diz o texto hoje?”** Dickson ensinou que a tese responde às perguntas: O que diz o texto para nós hoje? Qual é a aplicação do texto? A mensagem da tese é a mesma da ideia central do texto e conseqüentemente a mesma do texto bíblico. [\[Nota 11\]](#)

Para que o pregador tenha diante de si um contraponto eficiente e didático, oferecemos adiante alguns exemplos sincrônicos da obtenção da tese.

TEXTO 1 — (2Tm 2.15)

- “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade.”
- ICT— Paulo desafiou Timóteo a viver dignamente e pregar diligentemente para ser aprovado por Deus.

TESE Somente com uma vida digna e uma pregação diligente somos aprovados por Deus.

TEXTO 2 — (Lc 15.13-15)^[Nota 12]

- “... lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos.”
- ICT — Vivendo desenfreadamente, o pródigo caiu no mais completo fracasso, sendo mandado a apascentar porcos.

TESE Quem vive desenfreadamente caminha para o mais completo fracasso.

TEXTO 4 — (Lc 15.13-16)

- “... mas ninguém lhe dava nada.”
- ICT — Sem dinheiro e com fome, o filho pródigo experimentou o abandono e a solidão.

TESE Quem esbanja seus valores termina sem valor diante dos outros.

TEXTO 5 — (Lc 15.17)

TEXTO 5 — (Lc 15.17)

- “Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada.”
- ICT — Por ter desperdiçado os seus valores, o filho pródigo sofreu terrível fome.

TESE Quem esbanja seus valores termina sem valor diante dos outros.

TEXTO 6 — (Lc 15.18,19)

- “Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; tratame como um dos teus empregados.”
- ICT — Enxergando sua real situação, o pródigo firmou o propósito de se levantar e voltar à presença do pai.

TESE O homem precisa reconhecer sua real situação, para buscar com Deus ter comunhão

TEXTO 7 — (Lc 15.20)

- “A seguir, levantou-se e foi para seu pai ...”
- ICT — Levantando-se para uma vida nova, o filho pródigo voltou à presença do pai.

TESE A qualquer momento é possível voltar à presença do Pai e viver uma nova vida.

TEXTO 8 — (Lc 15.20)

- “Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou.”
- ICT — Vendo o filho pródigo de volta ao lar, o pai se apressou em lhe oferecer o seu perdão.

TESE Deus está pronto a perdoar a todos quantos, arrependidos, voltam ao lar.

TEXTO 9 — (Lc 15.21)

- “O filho lhe disse: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho’.
- ICT — Na presença do Pai, o filho pródigo confessou todo o seu pecado e indignidade.

TESE Diante do Pai, todo pecado e indignidade devem ser confessados.

TEXTO 10 — (Lc 15.22-24)

- “Mas o pai disse aos seus servos: ‘Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrarmos. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado’. E começaram a festejar o seu regresso.”
- ICT — O pai do pródigo o reintegrou plenamente à condição de filho, festejando alegremente a sua volta.

TESE Deus aceita o pecador arrependido e se alegra com a sua volta.

TEXTO 11 — (Lc 15.25-30)

- “Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe respondeu: ‘Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo’. O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!’”
- ICT — Incapacitado de amar e compreender, o irmão do pródigo ficou do lado de fora da festa

TESE Precisamos de amor e compreensão para participarmos da festa do irmão.

TEXTO 12 — (Lc 15.28-30)

- “O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedei às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!’”
- ICT — Cego em sua arrogância, o irmão não ajudou o pródigo arrependido e afastou-se do pai.

TESE Somente vivendo humildemente enxergamos quem somos, ajudamos o errante e vivemos retamente diante do Pai.

TEXTO 13 — (Lc 15.31-32)

- “Disse o pai: ‘Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado.’”
- ICT — O pai perdoou o filho rebelde arrependido e buscou o filho rebelde fingido.

TESE Deus perdoa o rebelde que se arrepende e busca o fingido que se rebela.

Se aquele pastor abordado pelo adolescente tivesse elaborado a tese de sua mensagem não teria tido qualquer dificuldade em satisfazer a curiosidade de sua jovem ovelha; diria, em *poucas palavras*, tudo quanto pretendia comunicar naquela ocasião. E conheceria também o propósito de sua mensagem: seria capaz de dizer o que pregar e aonde chegar com os seus ouvintes.

1 STOTT. *OP. CIT.*, P. 9. [\[VOLTAR\]](#)

2 PAGE H. KELLEY. *MENSAGENS DO ANTIGO TESTAMENTO PARA OS NOSSOS DIAS*, P. 15. [\[VOLTAR\]](#)

3 LUIS MALDONADO. *A HOMILIA — PREGAÇÃO, LITURGIA, COMUNIDADE*, P. 12. [\[VOLTAR\]](#)

4 BLACKWOOD. *LA PREPARACIÓN DE SERMONES BÍBLICOS*, P. 17. [\[VOLTAR\]](#)

5 JILTON MORAES. *O VALOR DA BREVIDADE PARA RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO*, P. 134.[\[VOLTAR\]](#)

6 KOLLER. *OP. CIT.*, P. 2.[\[VOLTAR\]](#)

7 KARL LACHLER. *PREGA A PALAVRA*, P. 104.[\[VOLTAR\]](#)

8 MORAES. *O VALOR DA BREVIDADE*, P. 179.[\[VOLTAR\]](#)

9 CRANE, *OP. CIT.*, P. 65.[\[VOLTAR\]](#)

10 JOWETT. *OP. CIT.*, P. 65.[\[VOLTAR\]](#)

11 CHARLES E. DICKSON. *OS DEZ PASSOS DO SERMÃO*, P. 2.[\[VOLTAR\]](#)

12 OS EXEMPLOS AQUI APRESENTADOS, EM PARTES DA PARÁBOLA DO PRÓDIGO, TÊM SUA BASE NA PARÁBOLA COMO UM TODO (Lc 15.11-32) E O TEXTO INDICADO E TRANSCRITO REFERE-SE À ÊNFASE MAIOR PARA AQUELA MENSAGEM EM PARTICULAR.[\[VOLTAR\]](#)



7

Aonde chegaremos?

O pregador que não fixa com clareza o propósito de sua mensagem tende a ficar falando em círculos intermináveis.

Para pregar com objetividade, relevância e vigor, o pregador precisa trabalhar com um propósito claro, de tal modo que conheça o rumo a seguir em sua mensagem e saiba aonde pretende chegar com sua comunicação. Nelson Kirst falou do propósito como a linha de intenção da prédica. Segundo ele, o pregador precisa fixar com toda clareza a intenção que o faz dirigir-se ao auditório: aonde quer chegar com os ouvintes. [\[Nota 1\]](#)

A partir da pesquisa, com a ideia central do texto (ICT) e a tese definidas, é hora de estabelecer o propósito básico e o propósito específico.

O PROPÓSITO BÁSICO (PB)

É o rumo a ser seguido na mensagem, a linha sobre a qual os elementos funcionais (explanação, ilustração e aplicação) caminharão para que o propósito específico seja realmente alcançado.

O PROPÓSITO ESPECÍFICO (PE)

É o ponto de chegada da mensagem, o alvo a ser alcançado. Enquanto a ICT está no pretérito e a tese está no presente, o PE estará no futuro, pois é o alvo a ser alcançado.

A determinação do PB e do PE permite ao pregador chegar ao ouvinte com objetividade, sem desperdício de tempo, na pesquisa e no púlpito. Fred Spann ilustrou bem a importância da objetividade na pregação, ao declarar:

Assim como o médico não precisa dar uma aula de medicina para esclarecer o paciente, mas conversar de modo claro e direto, o pregador, também, deve pregar de modo objetivo, para alcançar suas necessidades. O pregador que não é objetivo está trabalhando como o caçador que atira sem ter um animal na mira. [\[Nota 2\]](#)

Usando a figura do semeador, Irland Pereira de Azevedo afirmou: “O pregador que fala para não ser entendido faz o jogo do maligno, ao permitir que a semente seja destruída, porque lançada à beira do caminho”. [\[Nota 3\]](#)

O pregador que não fixa com clareza o propósito de sua mensagem tende a ficar falando em círculos intermináveis, gastando o precioso tempo dos ouvintes, diz Moraes, em *O valor da brevidade*. [\[Nota 4\]](#)

Jerry Key mencionou que “muitos sermões são semelhantes à viagem de Abraão (Hb 11.8b): “Abraão saiu sem saber para onde ia”. [\[Nota 5\]](#) Tenho afirmado aos meus alunos que esse exemplo de Abraão não deve ser seguido no púlpito. Um bom sermão começa a ser preparado com a designação de seu propósito. Fixar esse propósito, repito, é mais que importante, é indispensável. Para James Crane, depois da idoneidade moral do pregador, o fator mais importante na elaboração de um sermão é a determinação do seu

propósito específico. [\[Nota 6\]](#) Ele enfatiza a importância de o pregador ter um propósito definido:

A determinação do propósito específico do sermão constitui um guia indispensável na preparação da mensagem. O propósito governa a escolha do texto; influi na formulação do tema; indica o material de elaboração que é idôneo e o que não é; aconselha a melhor ordem para a divisão do esboço; e determina a forma como a mensagem deve ser concluída. [\[Nota 7\]](#)

OS PRINCIPAIS PROPÓSITOS BÁSICOS

Evangelístico	Ajuda os pecadores a firmarem um compromisso com Jesus, aceitando-o como Senhor e Salvador pessoal. É a mensagem de salvação.
Devocional	Motiva os crentes a aprofundar seu relacionamento com Jesus, amando-o mais e mais e buscando crescer na graça e conhecimento dele; apresenta os desafios do seguir a Cristo. É a mensagem da comunhão com Deus.
Missionário	Desafia os crentes a uma entrega de seus dons e talentos a serviço do Senhor, a uma resposta missionária. É a mensagem da consagração.
Pastoral	Apresenta o bálsamo de Cristo nos momentos de dificuldade e crises; tem um grande alcance. Deve ser pregado sempre e não apenas nas catástrofes. É a mensagem de alento ou conforto.
Ético	Persuade a uma melhor comunhão com o próximo, pelo exemplo de Cristo, desafiando os ouvintes a vivenciarem o amor e a justiça em seus relacionamentos. É a mensagem do amor ao próximo.
Doutrinário	Enfoca, de modo especial, uma doutrina bíblica. Tem sido chamado de informativo, uma vez que visa informar, esclarecer, infundir convicção bíblica. É a mensagem elucidadora.

COMO ESTABELECER O PROPÓSITO BÁSICO

O propósito básico é estabelecido, considerando os três itens seguintes:

- as necessidades dos ouvintes;
- o texto bíblico;
- a verdade apresentada na tese.

Observe esses três itens os exemplos a seguir:

PB: **Evangelístico**

- **Necessidade dos ouvintes:** Salvação
- **Texto:** (Jo 3.16) “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.
- **Tese:** Deus ama a todos os homens e quer que sejam salvos pela fé em Jesus.

PB: **Devocional**

- **Necessidade dos ouvintes:** Comunhão plena com Jesus
- **Texto:** (2Pe 3.18) “Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”.
- **Tese:** A nossa comunhão com Cristo deve crescer sempre.

PB: **Missionário ou consagratório**

- **Necessidade dos ouvintes:** Consagração à causa
- **Texto:** (Sl 100.2) “Prestem culto ao SENHOR com alegria; entrem na sua presença com cânticos alegres”..
- **Tese:** Devemos ter prazer em servir ao Senhor.

PB: **Pastoral, confortador, de alento**

PB: Pastoral, confortador, de alento

- **Necessidade dos ouvintes:** Confiança no Senhor
- **Texto:** (Sl 23.1) “O Senhor é o meu pastor; de nada terei falta”.
- **Tese:** A presença do Divino Pastor garante o nosso suprimento.

PB: Ético

- **Necessidade dos ouvintes:** Amor ao próximo
- **Texto:** (1Jo 3.18) “Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade”.
- **Tese:** Somos desafiados a amar verdadeiramente, comprovando o nosso amor com as nossas ações.

PB: Doutrinário ou informativo

- **Necessidade dos ouvintes:** Conhecimento doutrinário
- **Texto:** (Jo 1.14) “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito e vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.”
- **Tese:** Em Jesus, o Deus homem que entre nós habitou, podemos ver toda glória do Pai.

A identificação do propósito básico é feita geralmente com uma destas seis palavras: *evangelístico, devocional, missionário, pastoral, ético e doutrinário*.

É válido observar que alguns sermões recebem mais de um propósito básico. Nesses casos, é preciso cuidado para que o uso de vários PBs não comprometa a unidade e a objetividade da mensagem. Trabalhar dois PBs é excelente para falar aos não cristãos e edificar a igreja, possibilitando ao pregador alcançar todos os seus ouvintes com sua mensagem. Observe as possibilidades com todos os seis propósitos básicos, conduzindo sempre para um apelo evangelístico:

- a. **doutrinário/evangelístico:** doutrina os salvos e apresenta a salvação aos perdidos;

- b. **pastoral/evangelístico**: apresenta o conforto que Cristo dá e a oportunidade de firmar um compromisso com ele;
- c. **devocional/evangelístico**: motiva os cristãos a se aproximarem mais do Senhor e os não cristãos a terem comunhão com ele;
- d. **ético/evangelístico**: desafia os cristãos a viver em amor e mostra aos não cristãos que o verdadeiro amor está em Jesus;
- e. **missionário/evangelístico**: Convoca os cristãos ao serviço e desafia os não cristãos a seguir para servir.

Observe-se, a seguir, a possibilidade de associação dos vários princípios básicos dentro de uma linha doutrinária. (Muitas outras possibilidades de união de PBs podem ser consideradas, sempre de acordo com as necessidades dos ouvintes, o texto bíblico e a verdade apresentada na tese).

- a. **doutrinário/missionário**: doutrina os cristãos, convocando-os ao serviço do Mestre;
- b. **doutrinário/pastoral**: doutrina os cristãos, apresentando o conforto que só Cristo pode oferecer;
- c. **doutrinário/devocional**: doutrina os cristãos, motivando-os a se aproximarem mais e mais do Senhor;
- d. **doutrinário/ético**: doutrina os cristãos, desafiando-os a viverem em amor.

COMO DETERMINAR O PROPÓSITO ESPECÍFICO

PB: Evangelístico

- **Necessidade dos ouvintes:** Salvação
- **Texto:** (Jo 3.16) “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.
- **Tese:** Deus ama a todos os homens e quer que sejam salvos pela fé em Jesus.

PE: Persuadir os não-crentes a aceitar o amor de Deus, assumindo um compromisso com Jesus.

PB: Devocional

- **Necessidade dos ouvintes:** Comunhão plena com Jesus
- **Texto:** (2Pe 3.18) “Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”.
- **Tese:** A nossa comunhão com Cristo deve crescer sempre

PE: Incentivar os crentes a crescerem na graça e no conhecimento de Cristo.

PB: Missionário ou consagratório

- **Necessidade dos ouvintes:** Consagração à causa
- **Texto:** (Sl 100.2) “Prestem culto ao SENHOR com alegria; entrem na sua presença com cânticos alegres”.
- **Tese:** Devemos ter prazer em servir ao Senhor

PE: Despertar os crentes a servirem alegremente o Senhor.

PB: Pastoral, confortador, de alento

- **Necessidade dos ouvintes:** Confiança no Senhor
- **Texto:** (Sl 23.1) “O Senhor é o meu pastor; de nada terei falta”.
- **Tese:** A presença do Divino Pastor garante o nosso suprimento

PB: Pastoral, confortador, de alento

PE: Confortar os ouvintes com o suprimento que só na presença do Senhor pode ser encontrado.

PB: Ético

- **Necessidade dos ouvintes:** Amor ao próximo
- **Texto:** (1Jo 3.18) “Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade”.
- **Tese:** Somos desafiados a amar verdadeiramente, comprovando o nosso amor com as nossas ações.

PE: Motivar os ouvintes a amar verdadeiramente ao próximo

PB: Doutrinário ou informativo

- **Necessidade dos ouvintes:** Conhecimento doutrinário
- **Texto:** (Jo 1.14) “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito e vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.”
- **Tese:** Em Jesus, o Deus homem que entre nós habitou, podemos ver toda glória do Pai.

PE: Apresentar Jesus como o Deus homem que com os homens habitou.

Para determinar o propósito específico, o pregador precisa considerar os mesmos itens relevantes para estabelecer o propósito básico e mais o próprio PB: necessidades dos ouvintes, texto bíblico, a verdade apresentada na tese, o propósito básico (PB). São, na verdade, os mesmos passos, acrescidos do propósito básico:

A partir dos mesmos exemplos atrás desenvolvidos, podem-se formular respectivamente os PEs:

1 KIRST. *OP. CIT.*, P. 77. [\[VOLTAR\]](#)

2 FRED SPANN: ENTREVISTA (MAR. 1993), STBNB. [\[VOLTAR\]](#)

3 IRLAND PEREIRA DE AZEVEDO: ENTREVISTA (ABR. 1993), STBNB.
[\[VOLTAR\]](#)

4 MORAES. *O VALOR DA BREVIDADE*, P. 30.[\[VOLTAR\]](#)

5 KEY. *OP. CIT.*, P. 143.[\[VOLTAR\]](#)

6 CRANE. *OP. CIT.*, P. 41.[\[VOLTAR\]](#)

7 *IBIDEM*, P. 42.[\[VOLTAR\]](#)



8

O menor resumo

O melhor título não é necessariamente aquele cujas palavras fazem parte do texto, mas o que, mesmo utilizando palavras do pregador, traduz, de imediato, a verdade contida no texto.

Excelente definição para um título é dizer que ele é um resumo: o menor resumo de tudo quanto o pregador tem a comunicar; o menor resumo da verdade a ser transmitida; um fiel resumo da tese. Uma vez que a tese vem da ideia central do texto, e a ideia central vem do texto, o título será o menor resumo da ideia correta e contextualizada da verdade do texto bíblico.

COMO CONSEGUIR UM BOM TÍTULO

A sugestão para o título, em diversas pesquisas, aparece bem clara, desde o início. Às vezes é uma parte do próprio texto que chama a atenção do pregador. Bons títulos podem ser obtidos a partir de palavras do próprio texto básico. Basta a citação de alguns exemplos, todos no salmo 23:

- (v. 1) — O Senhor é o meu pastor
- (v. 1) — De nada terei falta
- (v. 4) — Por um vale de trevas e morte
- (v. 4) — Não temerei
- (v. 5) — Transbordar o meu cálice
- (v. 6) — Voltarei à casa do Senhor

O pregador pode estabelecer o título a partir de uma frase do texto que fala de um modo especial, enunciando-o não mais com as palavras do texto, mas com suas próprias palavras. Usaremos o mesmo texto (Salmo 23) para a compreensão desta realidade:

- (v. 1) — Quando o Senhor é o pastor
- (v. 1) — Pode nada nos faltar?
- (v. 4) — Andando pelo vale sombrio
- (v. 4) — Sem medo da morte
- (v. 5) — Cálice transbordante
- (v. 6) — Habitando na casa do Senhor

É preciso cuidado, contudo, para que a pressa em determinar o título não prejudique o fundamento da pesquisa, dificultando a elaboração da essência do sermão. O melhor título não é necessariamente aquele cujas palavras fazem parte do texto, mas o que, mesmo utilizando palavras do pregador, traduz, de imediato, a verdade contida no texto.

Nesta etapa do trabalho, o pregador deve ter em mente que o título precisa:

- ser extraído da pesquisa;
- ser um resumo da tese;
- ser capaz de traduzir, de modo claro, o pensamento do texto para o momento atual;
- ser atraente;
- ser esboçável;
- ser honesto;
- ser capaz de comunicar o que vai ser explanado, ilustrado e aplicado no sermão.

Observe alguns exemplos de títulos, tirados da carta aos Filipenses, como resultado da pesquisa:

TEXTO: (Fp 1.21) “Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro.”
ICT: O apóstolo Paulo apresentou Cristo como a razão do seu viver.
TESE: Cristo é a razão do viver de todos quantos nele confiam como Senhor e Salvador.
PB: Devocional.
PE: Motivar os crentes a terem em Jesus Cristo a razão do viver.
TÍTULO: Cristo, razão de viver

TEXTO: (Fp 3.2-11) (ver texto)
ICT: Paulo deixou claro que somente em Cristo estava o valor de sua vida.
TESE: Somente em Cristo a vida encontra seu valor supremo.
PB: Evangelístico.
PE: Persuadir os ouvintes a encontrar em Cristo o valor do viver
TÍTULO: Cristo, valor de viver

TEXTO: (Fp 4.4) “Alegrem-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegrem-se!”

ICT: Paulo aconselhou os crentes em Filipos a se alegrarem sempre no Senhor.

TESE: É em Cristo que devemos nos alegrar sempre.

PB: Ético.

PE: Desafiar os ouvintes a se alegrarem sempre em Cristo.

TÍTULO: Cristo, alegria do viver

TEXTO: (Fp 4.13) “Tudo posso naquele que me fortalece.”

ICT: Paulo afirmou que tudo podia no Senhor que o fortalecia.

TESE: Quando Cristo é Senhor, somos fortalecidos nele.

PB: Pastoral.

PE: Persuadir os atribulados a confiar em Cristo para serem fortalecidos nele.

TÍTULO: Cristo, força do viver

Um bom título pode ser enunciado através de uma interrogação, que deverá ser respondida no corpo do sermão. Há muitas perguntas que podem ser usadas como títulos.

Observe os exemplos:

- Avivados ou frios?
- É razoável essa ira?
- Louco, por quê?
- Onde está Deus?
- Onde está teu irmão?
- Onde estás?
- Por que andar lamentando?
- Por que choras?
- Por que estás triste?
- Por que te abates?
- Qual é a resposta?
- Quem é Jesus?
- Quem é o maior?

- Que faremos?
- Que fazes?
- Vivemos pela fé?

CARACTERÍSTICAS DE UM BOM TÍTULO

Biblicidade

O bom título é pertinente ao texto; é capaz de resumir a mensagem para o momento atual. A melhor maneira de testar a biblicidade do título é através da pergunta: A afirmação (ou interrogação) do título é a realidade apresentada no texto básico? Vamos ilustrar: O conhecido texto de 1 Reis 19 apresenta o profeta Elias em sua solidão e desânimo, fugindo com medo de Jezabel, quando foi encontrado pelo Senhor.

Observe algumas sugestões de títulos no citado texto:

1. Ânimo no desânimo;
2. O toque do Senhor;
3. À noite na caverna;
4. Que fazes aqui?;
5. Solitário na multidão;
6. Quando o Senhor passa.

Atualidade

A biblicidade é importante, mas o bom título também é uma frase contextualizada. Se as palavras que compõem o título estiverem somente relacionadas ao texto, sem um elo com o momento atual, o título não terá condições de chamar a atenção dos ouvintes.

Rápida análise das sugestões de títulos propostas para o texto de 1 Reis 19 dá-nos uma visão clara da importância do título falar às pessoas onde e como se encontram.

1. Ânimo no desânimo. Não trata de uma referência apenas ao que aconteceu ao profeta Elias, mas fala de algo que se dá a todo instante e com muita frequência no momento em que

- vivemos. Todos nós desanimamos, todavia, na presença de Deus, podemos encontrar o ânimo que vence o desânimo.
2. O toque do Senhor. Se no lugar desta afirmação usássemos: *Elias foi tocado pelo Senhor*, o título perderia sua capacidade de atrair. Entretanto, *o toque do Senhor* não se refere apenas a algo do passado: as pessoas hoje continuam sendo tocadas pelo Senhor.
 3. À noite na caverna. Se fosse: *Elias passou a noite na caverna*, estaria muito distante. *À noite na caverna* é atual, pois muitas vezes, hoje, fugimos para cavernas, tentando escapar.
 4. Que fazes aqui? Naturalmente a indagação foi feita a Elias, mas o título interrogativo, sem uma referência direta a Elias, dá a cada ouvinte a oportunidade de colocar seu nome no lugar do de Elias.
 5. Solitário na multidão. Quantas vezes, como Elias, nos sentimos sozinhos, mesmo cercados de pessoas que podem ser usadas por Deus para nos ajudar?
 6. Quando o Senhor passa. A experiência de esperar o Senhor passar pode ser vivida hoje pelos ouvintes.

Honestidade

Que promessas os títulos sugerem? Eles são compostos por palavras que, mesmo não apresentando um sentido completo, geralmente se constituem em promessas e criam expectativas na mente dos ouvintes. Alguns títulos apresentam falsas promessas; são frases de efeito, que atraem a atenção, mas não prendem o ouvinte porque tudo quanto prometem fica sem cumprimento. É o caso do pregador que propõe como título do sermão: *Qual a origem do mal?* e gasta todo o tempo circundando o assunto, sem responder objetiva e profundamente a pergunta por ele levantada. Quando o título é uma afirmação, os ouvintes esperam que ela seja esclarecida, e quando é uma interrogação, esperam a resposta, ao longo da mensagem.

Observe, nos exemplos a seguir, a responsabilidade de cumprir o que prometemos no título:

Pedras no unguido do Senhor (2Sm 16.5-14)

Deve versar sobre pedras atiradas contra o unguido do Senhor. Não dá para, usando esse título, apresentar um enfoque das bênçãos na vida do unguido; as bênçãos até podem e devem ser mencionadas, porém jamais ser o principal enfoque, tendo em vista tal título.

Vantagens do homem piedoso (Sl 32.6-10)

Apresenta as vantagens de uma vida piedosa, a partir da experiência do salmista. As vantagens, mencionadas no texto, servirão como os tópicos para o sermão.

Falhas de um fazendeiro infalível (Lc 12.13-21)

Chama as pessoas a ouvir sobre as falhas de alguém que se julgava infalível, mas terminou falhando.

Atestado de maturidade (Fp 2.14)

Mostra as características do crescimento, desafiando os ouvintes a buscar a plena maturidade; a soma das características apresentadas serve como um atestado de maturidade.

Bênçãos do crescimento (Fp 2.15)

Apresenta as bênçãos do crescimento, despertando os ouvintes a dar evidência de uma vida amadurecida.

Divisibilidade

Um bom título pode ser dividido nos tópicos do sermão. E quanto mais esboçável é o título, tanto mais fácil será para o pregador trabalhar a estrutura de sua mensagem. Quando o título não é divisível, o sermão se torna mais difícil não só de ser elaborado, mas, também, de ser comunicado. Observe os exemplos, com os mesmos títulos já apresentados:

Pedras no unguido do Senhor (2Sm 16.5-14)

1. Pedras atiradas pela insatisfação
2. Pedras atiradas pela ingratidão
3. Pedras atiradas pela incompreensão

Vantagens do homem piedoso (Sl 32.6-10)

1. Poder orar ao Senhor
2. Escapar da tormenta
3. Ser protegido pelo Senhor

Falhas de um fazendeiro infalível (Lc 12.13-21)

1. Pretender planejar sem Deus
2. Querer realizar sem Deus
3. Esquecer a chamada de Deus

Atestado de maturidade (Fp 2.14)

1. Expedido pela capacidade de contentamento
2. Autenticado pela capacidade da boa convivência

Bênçãos do crescimento (Fp 2.15)

1. A sensibilidade de ser no mundo
2. A capacidade de conhecer o mundo
3. A oportunidade de fazer no mundo

Novidade

O inusitado chama mais a atenção do que o habitual. Vocábulo bem conhecido pode apresentar novidade quando usado de modo a tornar a frase interessante e atraente. O título assim expresso tem mais condições de atrair do que uma frase habitual. É preciso, entretanto, que o pregador tenha o bom senso de estabelecer títulos não apenas pela novidade, mas com as demais características necessárias ao bom título. É melhor usar uma frase habitual que traduza a ideia a ser comunicada do que, em nome da novidade, lançar mão de palavras que pouco ou nada têm a ver com a mensagem a ser pregada.

Sabendo trabalhar as palavras, conseguimos frases que, além de pertinentes à pesquisa, apresentam novidades, como nestes exemplos:

- A eloquência do silêncio
- A morte morrerá
- Ânimo no desânimo
- Coragem para dizer não
- Da agonia à alegria
- Destruidor destruído
- Do caos à ordem
- Dois é melhor
- Do lado de fora da festa
- Esperança até na morte
- Falhas de um fazendeiro infalível
- Felicidade passageira
- Florescendo como os lírios
- Fome, nunca mais!
- Homem de Deus — anjo, porém homem
- Louco, por quê?
- Misericórdia na casa de misericórdia
- Nem tudo está perdido
- O réu não reage
- Próximos tão próximos
- Seguir para servir

- Sem pedras
- Solitário na multidão
- Sonhando de olhos abertos
- Tão próximo e tão longe
- Três fases — três aprovações

Comunicabilidade

As palavras que compõem o título devem ser próprias para a comunicação no púlpito. É preciso o máximo cuidado com o que os nossos títulos comunicam. O pregador deve ter em mente a cultura do povo a quem vai transmitir o sermão. Um título pode comunicar a realidade do sermão a um determinado público e ser completamente desaconselhável a outro auditório. Vamos tentar compreender melhor: um pregador, a partir do texto da negação de Pedro (Mc 14.66-72), enfatizou sua mensagem no canto do galo e deu ao seu sermão o título: *O galo da madrugada*. Tais palavras jamais serviriam como título para um sermão a ser pregado no nordeste do Brasil, especialmente em Recife, onde tal expressão denomina um famoso bloco carnavalesco.

Títulos com gírias devem ser evitados; o título faz parte da mensagem e do culto e deve condizer com o momento em que está sendo apresentado.

Simplicidade

O pregador deve usar palavras que tenham um sentido claro. Caso contrário, a reação dos ouvintes será de surpresa e dúvida. Foi assim quando determinado pregador começou a falar e os ouvintes se entreolharam. O título anunciado foi: *O semato do avivamento*. É difícil imaginar quantas pessoas compreenderam o que realmente o título comunicava. Tudo quanto o pregador pretendia era apresentar sinais do avivamento. Mas falhou ao usar um vocábulo desconhecido, sem qualquer significação para a maioria dos ouvintes.

Outra tentação que o pregador precisa vencer é a de usar termos teológicos ou técnicos no título do sermão. Títulos com vocábulos em outros idiomas, mesmo naqueles onde foram escritos os originais do Antigo e Novo Testamentos devem ser evitados.

Objetividade

A pesquisa que fazemos, desde a ideia central do texto até o propósito básico e específico, ajuda na elaboração de um trabalho prático. A objetividade do título pode ser testada por sua capacidade de síntese e comunicação. James Braga afirmou: “O título é a expressão do aspecto específico a ser apresentado, formulado de maneira que seja um anúncio adequado do sermão”.[\[Nota 1\]](#) Um título objetivo expressa, em no máximo seis palavras, a ideia correta e contextualizada de tudo quanto o pregador deseja comunicar. Crane advertiu que títulos plurais e gerais pecam contra a unidade homilética. Para ele, a chave para a unidade do título se encontra na limitação do seu próprio alcance. [\[Nota 2\]](#)

Brevidade

Temos afirmado que o título é o menor resumo da verdade a ser comunicada no sermão. Precisamos ter em mente, também, que o título é uma verdade incompleta, que se completa na tese. Assim, o título não deve ser longo.

Um bom título dificilmente ultrapassa seis palavras. Entretanto, não devemos ficar escravos desse princípio. É melhor ter um título com mais palavras, e que comunica de modo adequado, do que ter um título menor, cuja comunicação não expressa a mensagem a ser pregada.

O título *Da mão que fere à sombra que cura* (sermão narrativo, baseado em dois tempos na vida de Pedro) tem oito palavras, mas é melhor mantê-lo assim do que tentar um resumo que o enfraquecerá.

VANTAGENS DE UM BOM TÍTULO

Serve como alicerce na construção do sermão

Do título vêm as divisões. Neste capítulo, vimos que o título fica como um alicerce sobre o qual são erguidas as paredes do edifício que formam o todo da mensagem pregada. Com um bom título, o pregador tem mais facilidade não apenas de formular os enunciados das divisões, no processo de elaboração, mas de enunciá-las com mais naturalidade, no púlpito.

Desperta a atenção do ouvinte

Um bom título é excelente recurso para despertar a atenção dos ouvintes para o assunto da mensagem. O pregador pode lançar mão de uma expressão atraente, como: *O fracasso do forte*, baseado na experiência de Pedro que, julgando-se o mais forte, fracassou.

Possibilita a inserção no boletim da igreja

Alguns pastores colocam os títulos de seus sermões nas ordens dos cultos dominicais, despertando o ouvinte para o assunto a ser pregado, antes mesmo do momento da apresentação da mensagem.

Ajuda a alcançar os que vão passando

Algumas igrejas afixam, em um mural externo, os títulos dos sermões a serem pregados no seguinte domingo, com o objetivo de atrair a atenção das pessoas que estão passando. É, de certa forma, o cumprimento das palavras do Senhor ao profeta

Habacuque (2.4): “Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo”.

Valoriza a mensagem

A mídia investe tempo e dinheiro na elaboração de títulos para os seus produtos. Isto deve servir como desafio a nós, pregadores da Palavra: devemos buscar bons títulos para as nossas mensagens. Não devemos nos satisfazer com a primeira ideia que nos vem à mente, mas dedicar o máximo de tempo na pesquisa, buscando encontrar o melhor título.

Ajuda o pregador a não se desviar do assunto

Resultado de uma pesquisa séria, e declarado com palavras que expressam o sentido do texto e dos desafios a serem apresentados aos ouvintes, o título ajuda o pregador a direcionar sua exposição, sendo fiel ao assunto proposto.

Possibilita melhor sistema de arquivamento

Os títulos adequados facilitam ao pregador arquivar e posteriormente localizar os sermões elaborados e pregados.

Com um bom título, o pregador tem mais condições de dividir bem o seu sermão para pregar melhor.

1 JAMES BRAGA. *COMO PREPARAR MENSAGENS BÍBLICAS*, P. 83.[\[VOLTAR\]](#)

2 CRANE. *OP. CIT.*, P. 87[\[VOLTAR\]](#)



9

Dividir bem para pregar melhor

O sermão, para causar impacto nos ouvintes, precisa de argumentação lógica; palavras soltas e frases desconexas não produzem resultados permanentes.

Todo sermão precisa ser dividido em tópicos? Por quê? Qual a melhor maneira de encontrar as divisões de um sermão? Tais perguntas são formuladas não só por pregadores mas também por ouvintes. Alguns pregadores consideram a tarefa de dividir o sermão em tópicos a parte mais difícil na elaboração da mensagem. Por essa razão, há pregadores que rejeitam completamente a ideia de dividir o sermão em tópicos. Entretanto, efetuar as divisões no corpo da mensagem é uma tarefa muito importante.

Por mais que o pregador valorize as divisões no sermão, jamais deverá escravizar-se a tal sistema a ponto de prejudicar as demais partes de sua pesquisa. Não basta termos divisões aparentemente boas, é preciso que elas contribuam para tornar o sermão mais profundo, mais objetivo e mais penetrante.

Para destacar a importância das divisões, Samuel Vila^[Nota 1] declarou: “A estrutura do sermão: suas divisões e subdivisões são uma grande ajuda para preparar uma mensagem substancial e capaz de permanecer na memória dos ouvintes durante muito tempo”.

Crane, por sua vez, enfatizou a absoluta necessidade da divisão do sermão em tópicos. Mencionou Alejandro Trevino,^[Nota 2] que dizia sempre aos seus alunos: “A Homilética tem três regras. Primeira: dividam seu assunto. Segunda: dividam seu assunto. E terceira: dividam seu assunto”.^[Nota 3] Braga afirma que “o sermão deve ser elaborado de tal forma que os ouvintes possam

compreender, sem dificuldade, o ponto principal da mensagem e também os seus outros vários aspectos”. [\[Nota 4\]](#)

O sermão, para causar impacto nos ouvintes, precisa de argumentação lógica; o uso da lógica torna as afirmações da mensagem claras e objetivas, possibilitando ao pregador demonstrar racionalmente a exequibilidade de seus argumentos. O sistema de divisões em tópicos completa esse trabalho, ajudando o pregador. Um sermão bem elaborado é apresentado com ideias organizadas e dispostas ordenadamente. Há sermões que têm conteúdo e profundidade, mas lhes falta ordem na apresentação. E a falta de ordem prejudica a assimilação dos conceitos apresentados e a aceitação dos desafios propostos.

Além da lógica e da ordem, o sermão deve ter progressão. Para tanto é necessário que tenha uma tese clara, e que o pregador, da primeira à última palavra, a defenda com objetividade e persuasão, de tal modo que o conteúdo seja de interesse crescente aos ouvintes. Isto só é possível quando, na elaboração, usamos técnicas que conduzem a esse caminho. Mais uma vez, o sistema de divisões será bastante útil, uma vez que através dos tópicos será mais fácil apresentarmos um trabalho com lógica, ordem e progressão.

Segundo Martyn Lloyd-Jones, “as divisões devem estar claramente no texto escolhido e devem derivar-se naturalmente do mesmo”. [\[Nota 5\]](#) Na realidade há, no Antigo e no Novo Testamento, uma variedade de textos que naturalmente já sugerem divisões. Quando o pregador trabalha com um texto desse tipo, a tarefa de achar as divisões se torna bastante facilitada. Nos escritos paulinos temos vários textos, com uma série de reconhecimentos, conselhos, recomendações ou advertências que sugerem com naturalidade os tópicos do sermão. Esta realidade aparece clara em Filipenses 1.27-30. Veja-se o exemplo:

MARCAS DO CRISTÃO AUTÊNTICO

Texto: (Fp 1.27-30)

27

Não importa o que aconteça, exerçam a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo, para que assim, quer eu vá e os veja, quer apenas ouça a seu respeito em minha ausência, fique eu sabendo que vocês permanecem firmes num só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica,

28

sem de forma alguma deixar-se intimidar por aqueles que se opõem a vocês. Para eles isso é sinal de destruição, mas para vocês, de salvação, e isso da parte de Deus;

29

pois a vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele,

30

já que estão passando pelo mesmo combate que me viram enfrentar e agora ouvem que ainda enfrento.

1. DIGNIDADE NO VIVER

(v. 27) Não importa o que aconteça, exerçam a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo...

2. FIRMEZA NA UNIDADE

(v. 27) ... fique eu sabendo que vocês permanecem firmes num só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica,

3. CORAGEM NO COMBATE

(v. 28) ... sem de forma alguma deixarse intimidar por aqueles que se opõem a vocês

(v. 30) ... já que estão passando pelo mesmo combate que me viram enfrentar

4. PACIÊNCIA NA TRIBULAÇÃO

(v.29) ... a vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele...

Na maioria dos textos, as divisões não aparecem tão claras. Com estudo e pesquisas, entretanto, o pregador terá condições de dividir seu sermão em tópicos. E é nesse ponto que as técnicas da Homilética entram para ajudar. O melhor esboço não é aquele cujas divisões vêm claras no texto, mas o que tem suas divisões tomadas ao título que, sendo um resumo da tese, que por sua vez procede da ICT, expressará com menos palavras a verdade atualizada da mensagem do texto. Veja-se ainda este exemplo no qual as divisões

não aparecem claras no texto, mas cuja pesquisa homilética possibilitou a criação de uma estrutura lógica, com divisões claras, relacionadas ao texto e extraídas do contexto:

FÓRMULA PARA A VITÓRIA

Texto: (1Sm 17.50)	
Assim Davi venceu o filisteu com uma atiradeira e uma pedra; sem espada na mão, derrubou o filisteu e o matou.	1. CORAGEM PARA ENTRAR NA PELEJA (v. 24) Quando os israelitas viram o homem, todos fugiram cheios de medo... (v. 32) Davi disse a Saul: “Ninguém deve ficar com o coração abatido por causa desse filisteu; teu servo irá e lutará com ele.
	2. VISÃO PARA ENTREGAR OS RECURSOS AO SENHOR Davi não conseguiu andar com as roupas de guerra de Saul, mas mesmo sem aqueles recursos ele se entregou nas mãos do Senhor (v. 39) e, usando os seus recursos (v. 40), prosseguiu para a luta.
	3. FÉ PARA LUTAR EM NOME DO SENHOR (v. 45) “... eu vou contra você em nome do Senhor dos Exércitos...”

Nem sempre a melhor estrutura é formada por tópicos. De acordo com o texto e a ocasião, o pregador pode optar por uma exposição mais na forma narrativa, tentando dissertar informalmente quanto às questões pertinentes ao texto e contexto, com aplicação prática à vida dos ouvintes.

Todavia, o sistema de divisões em tópicos constitui excelente exercício ao pregador que se propõe a transmitir sermões com base bíblica e aplicação ao momento presente — quando a mensagem precisa ser profunda, clara, objetiva e breve. Se um pregador não procurar desenvolver a arte de trabalhar sermões textuais e expositivos, com um sistema de divisões em tópicos, muito dificilmente terá êxito na forma narrativa. Quem quiser ser bom narrador deve primeiramente ser bom expositor.

Uma das maiores causas da prolixidade na pregação é a falta de objetividade. Isso acontece quando não há uma ligação entre os

elementos da pesquisa sermônica formando um todo. Em muitos sermões, o título segue uma direção, as divisões outra, o texto fica à parte — e o assunto proposto não é bem apresentado.

A razão desse lamentável fenômeno é a falta de uma pesquisa séria que permita um trabalho conjunto de todos os elementos da pesquisa. É exatamente nesse ponto que a exegese e a hermenêutica se aliam à Homilética, permitindo que a mensagem temática também seja textual e expositiva.

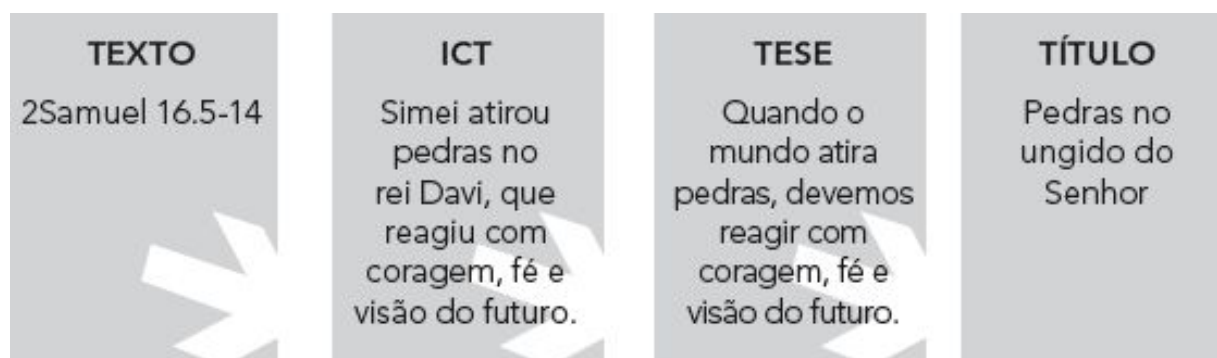
A preocupação do pregador não deve ser elaborar um sermão *expositivo*, *textual* ou *temático*, mas conseguir uma pesquisa que possibilite a elaboração de uma mensagem coerente, clara e objetiva a todos os ouvintes, a fim de que estes possam compreender com facilidade as verdades eternas nela apresentadas.

PRINCÍPIOS DO ESBOÇAR [\[Nota 6\]](#)

Há alguns princípios que ajudam o pregador a dividir o sermão em tópicos, possibilitando assim a elaboração de um trabalho bíblico, claro, lógico e objetivo.

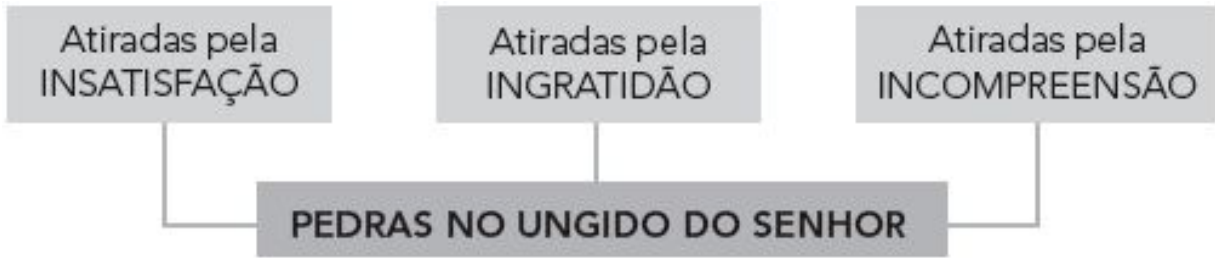
Só é possível dividir bem o sermão quando o título resume a tese

Considerando que a tese vem da ICT, e que a ICT vem do texto, as palavras que compõem o título devem ser o menor resumo contextualizado da verdade contida no texto e devem definir bem a mensagem a ser pregada. A figura abaixo ilustra esta verdade: a pesquisa do texto possibilita a ICT, da ICT vem a tese e da tese vem o título.



Boas divisões vêm do título

O título funciona como um alicerce sobre o qual será erguida a estruturação necessária ao desenvolvimento da mensagem. O título nem sempre é repetido em cada tópico, mas, caso seja, dará sentido lógico e claro ao enunciado.



Observe esta realidade neste outro exemplo; um esboço de dois tópicos:

DESAFIADOS A ANDAR FAZENDO O BEM

Texto: At 10.38

Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com ele.

1. UNGIDOS PELO ESPÍRITO SANTO

Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder...

2. INSPIRADOS NO EXEMPLO DE JESUS

... e como ele andou por toda parte fazendo o bem...

Nenhuma divisão é igual à outra

Muitas vezes faltam objetividade e síntese em alguns sermões por causa da repetição. Fazer divisões diferentes ajuda a eliminar a repetição desnecessária, já que não é necessário repetir a mesma verdade com palavras diferentes: devemos confiar na capacidade de compreensão e assimilação dos nossos ouvintes. Pode-se ver no esboço *Pedras no Ungido do Senhor* a ocorrência de uma ideia diferente, de acordo com o assunto proposto no título.

1
INSATISFAÇÃO

≠

2
INGRATIDÃO

≠

3
INCOMPREENSÃO

Veja-se a mesma exposição neste outro exemplo:

OLHOS ABERTOS

Texto: 2Rs 6.15-17

(15) Tendo o moço do homem de Deus se levantado muito cedo, saiu, e eis que um exército tinha cercado a cidade com cavalos e carros. Então o moço disse ao homem de Deus: Ai, meu senhor! Que faremos? (16) Respondeu ele: Não temas; porque os que estão conosco são mais do que os que estão com eles. (17) E Eliseu orou e disse: Ó Senhor, peço-te que abras os olhos para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu.

1. PARA VER QUE NÃO ESTAMOS SEM ALTERNATIVAS

(v. 15) ... Então o moço disse ao homem de Deus: Ai, meu senhor! Que faremos?

2. PARA VER QUE NÃO ESTAMOS SÓS

(v. 16) Respondeu ele: Não temas; porque os que estão conosco são mais do que os que estão com eles.

3. PARA VER QUE O NOSSO SOCORRO VEM DO SENHOR

(v. 15) ... o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu.

DESENVOLVEI A VOSSA SALVAÇÃO

Texto: Fp 2.12,13	
Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele.	1. OBEDECENDO AO SENHOR ... como sempre vocês obedeceram... 2. TEMENDO AO SENHOR ... com temor e tremor... 3. DEIXANDO O SENHOR AGIR ... é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele.

Tópicos, divididos devem criar duas ou mais partes

É impossível efetuar-se uma divisão sem se obterem duas ou mais partes. Dividindo os três tópicos no exemplo apresentado, temos três subdivisões em cada tópico, embora o número de subtópicos não tenha que ser igual.

1 ATIRADAS PELA INSATISFAÇÃO	2 ATIRADAS PELA INGRATIDÃO	3 ATIRADAS PELA INCOMPREENSÃO
1.1 Motivada	2.1 Fomando conceitos injustos.	3.1 Nos momentos mais difíceis.
1.2 Determinada pela rejeição.	2.2 Apedrejando quem antes era idolatrado	3.2 Das formas mais cruéis.
1.3 Convertida em bênção.	2.3 Motivando o líder a reagir positivamente.	3.3 Com resultados surpreendentes

Nenhum tópico deve conter mais que uma ideia

Basta uma ideia por tópico. Havendo mais de uma ideia, novos tópicos surgirão. No exemplo a seguir, vemos somente uma ideia em cada tópico.



Vejam a observação dessa estratégia nos três tópicos deste outro esboço a seguir:

FALHAS DE UM EMPRESÁRIO INFALÍVEL

Texto: Lc 12.16-21

(v.16) Então lhes contou esta parábola: “A terra de certo homem rico produziu muito.
(v. 17) Ele pensou consigo mesmo: ‘O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita’.
(v. 18) “Então disse: ‘Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens.
(v. 19) E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’.
(v. 20) “Contudo, Deus lhe disse: ‘Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?’
(v. 21) “Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus”.

1. PRETENDER PLANEJAR SEM DEUS

- Ele era rico — vivia um tempo de prosperidade (v. 16).
- A prosperidade material o levou a julgar-se infalível. Ele perguntava “O que vou fazer?” (v. 17), mas já tinha a resposta: achava que podia fazer tudo. (v. 18) — um plano “infalível” — “Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens.” Como vão os nossos planos?
- Tiago falou da fragilidade dos projetos humanos (Tg 4.13-15).
- Para ser feliz é preciso planejar com Deus.

2. QUERER REALIZAR-SE SEM DEUS

- A segunda etapa do plano (v. 19) tinha a ver com a realização pessoal: “E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se”.
- Ele preocupou-se com detalhes da vida: descanso, alimentação, bebida, lazer, mas esqueceu que a vida terrena é passageira. A

alma humana só se realiza em Deus (Sl 42.1,2).

- O amigo é realizado na vida? Onde está a sua realização?

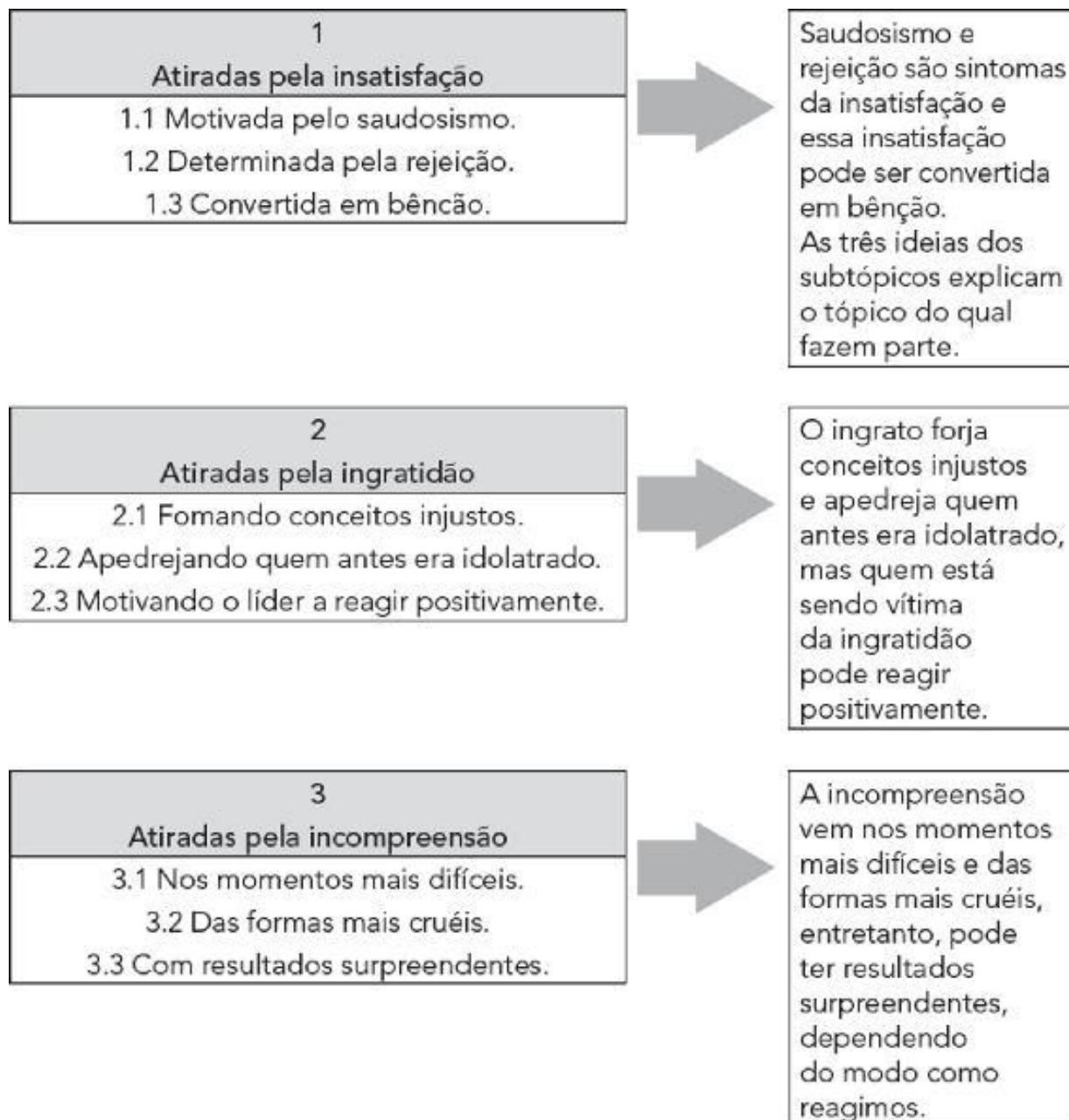
3. ESQUECER A CHAMADA DE DEUS

- Os planos pareciam infalíveis, mas eram planos de louco: errava querendo eternizar o finito. Riqueza não dá vida eterna...
- Todos teremos de comparecer diante do Senhor (Rm 14.12).

Cada subtópico deve explicar o tópico do qual é divisão

A razão de ser do subtópico é tornar claro o pensamento do tópico. Observemos no quadro adiante:

PEDRAS NO UNGIDO DO SENHOR



Como se vê, os subtópicos são úteis e ajudam a tornar a mensagem mais didática; entretanto, o pregador não deve ficar condicionado a subtópicos. É preciso cuidado para que o sermão não apresente detalhes em demasia, como um tratado de

matemática, com tantos números que o tornem maçante. É, às vezes, melhor substituir a preocupação com subtópicos pela habilidade em explicar, ilustrar e aplicar o assunto apresentado no tópico.

O conjunto das divisões deve completar o assunto em pauta

Mesmo que as divisões não consigam esgotar plenamente o assunto, a ideia apresentada na tese deve ser satisfatoriamente desenvolvida no corpo do sermão.

Introdução	
1º Tópico	ATIRADAS PELA INSATISFAÇÃO
2º Tópico	ATIRADAS PELA INGRATIDÃO
3º Tópico	ATIRADAS PELA INCOMPREENSÃO
Conclusão	

Observe-se, através dos dois tópicos (A e B), a partir do esboço a seguir, o conjunto das divisões que completam o assunto em pauta — o que tornou possível que a tese se tornasse clara.

APROVADOS POR DEUS

Texto: 2Tm 2.15

Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade.

ICT - Paulo desafiou Timóteo a viver dignamente e pregar diligentemente para ser aprovado por Deus.

TESE — Somente com uma vida digna e uma pregação diligente somos aprovados por Deus.

A: APROVADOS POR DEUS, VIVENDO DIGNAMENTE

“Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar...”	
<p>Observe que, o 1º tópico, VIVENDO DIGNAMENTE traduz uma parte da verdade central da mensagem, expressa na tese. Somado ao bem. Assim é no ministério... segundo tópico, completará o assunto proposto.</p>	<p>Apresentar-se: diante dos professores; colegas; igreja onde cultuamos, onde trabalhamos, igreja de origem.</p> <p>Apresentar-se: lembra a prova oral de antigamente com uma banca de professores; lembra a barreira nas classes de piano; a aula prática de pregação, em Homilética; o projeto (ou trabalho prático) em educação religiosa; o aluno digno não tem de que se envergonhar, apresenta-se Somado ao bem. Assim é no ministério...</p> <ul style="list-style-type: none">• Como estamos nos apresentando diante do Senhor?• Podemos nos apresentar sem ter de que nos envergonhar? <p>Apresentar-se: lembra a ideia de apresentação para o serviço, o militar diante do superior é chamado; apresenta-se, identifica-se; recebe uma missão; sai para cumpri-la; e volta a prestar contas. Da dignidade como se apresenta depende a aprovação. Estamos voltando e nos apresentando diante do Senhor que nos chama? Podemos ser aprovados pela dignidade do nosso viver? Como ministros da Palavra, na música, ou educação religiosa, podemos nos apresentar de cabeça erguida, sem ter de que nos envergonhar? Só uma vida digna nos aprova diante de Deus. “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar...” A aprovação vem precedida por provas: provados e depois aprovados.</p>

“Procure apresentar-se a Deus aprovado, como **obreiro que não tem de que se envergonhar...**”

Observe que o segundo tópico, **PREGANDO DILIGENTEMENTE**, traduz a outra parte da verdade central da mensagem expressa na tese. A soma dos dois tópicos completa o assunto proposto.

Aprovado: no original significa tudo o que foi provado e purificado e está pronto para o serviço: o ouro purificado pelo fogo; uma cédula autêntica, dinheiro que não é falsificado, não precisa ser escondido, pode ser apresentado. Timóteo precisava ser purificado e aprovado para o exercício do ministério: precisava viver dignamente e pregar diligentemente. Aprovado não é o obreiro que se julga o melhor ou se apresenta como superior, mas o que maneja bem a Palavra da verdade; ama a Palavra e sabe reparti-la com o povo; prega com fidelidade a mensagem do Senhor.

B: APROVADOS POR DEUS, PREGANDO DILIGENTEMENTE

“Procure apresentar-ste a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar **e que maneja corretamente a palavra da verdade.**”

Maneja bem — divide, reparte. Manejar bem é repartir corretamente: fazer uma exegese correta; apresentar o sentido exato da mensagem; não ficar dando voltas diante das palavras, não divagar, não mutilar o texto, não ficar perambulando. Calvino ilustrou o sentido de manejar bem, fazendo referência ao pai que divide o alimento com a família.

A Palavra da verdade — é a revelação de Deus; é a Palavra da reconciliação (2Co 5.19) “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, [...] e pôs em nós a palavra da reconciliação”. Através dela Deus nos fala.

A Palavra da verdade — é a literatura de Deus. John Knox, em seu livro A Integridade da Pregação, afirmou que “a Bíblia, como Palavra de Deus que nos transmite a presença e ação poderosa de Deus [...] E não apenas útil na pregação, mas absolutamente indispensável” (p. 16).

A Palavra da verdade — é a literatura da igreja. Os ouvintes não estão interessados na sabedoria ou eloquência do pregador, mas na apresentação da Palavra da verdade, viva e eficaz, que apresenta o Cristo que transforma e valoriza o homem. Paulo disse que sua pregação não se constituiu de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e Poder (1Co 2.4). É a Bíblia que tem falado à vida da igreja e dos crentes através dos tempos.

Sem a Bíblia não há pregação diligente — pode haver barulho e movimento, mas sem transformação, sem edificação.

O pregador diligente — maneja bem a Palavra da verdade dividindo-a corretamente; traça um caminho reto através da verdade e se nega a ceder à tentação de seguir por caminhos atraentes, porém irrelevantes. Busca a base na Palavra de Deus para aplicá-la às necessidades dos ouvintes.

O pregador diligente maneja bem a Palavra da verdade por crer na Palavra. Sua compreensão e interpretação da verdade resultam da perspectiva da fé.

“Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar **e que maneja corretamente a palavra da verdade.**”

Só é possível compreendermos a Palavra de Deus quando aceitamos as promessas do evangelho pela fé; sem fé não pode haver uma compreensão adequada da Palavra. E quando alguém não pode compreender a Palavra da verdade não tem condições para pregar diligentemente. É uma questão de bom senso: Se alguém não crer no que a Bíblia diz, como pode levar os outros a crerem?

O pregador diligente tem urgência na realização de sua tarefa; empreende o melhor de seu esforço; é cuidadoso, zeloso, pronto, rápido, preparado. Sabe que é um simples porta-voz; sabe que a Palavra é de Deus, e precisa ser pregada na comunhão com ele, tendo Cristo como centro, e na força do Espírito, para transformar e edificar vidas!

O conteúdo de uma divisão não deve ser muito maior do que o da outra

As divisões não precisam ser exatamente iguais, mas nenhuma deve ser tão grande a ponto de sacrificar o tempo das demais. Para que as divisões tenham um parâmetro, mais ou menos uniforme, devemos trabalhar os elementos funcionais: explanação, ilustração e aplicação em cada tópico.

1 INSATISFAÇÃO	2 INGRATIDÃO	3 INCOMPREENSÃO
---------------------------------	-------------------------------	----------------------------------

Voltemos, uma vez mais, ao nosso principal exemplo, Pedras no Ungido do Senhor, agora com detalhes do esboço, para mostrar que o conteúdo de uma divisão não é exageradamente maior que o da outra.

PEDRAS NO UNGIDO DO SENHOR

Texto: 2Sm 16.5-14

1. ATIRADAS PELA INSATISFAÇÃO

a. Insatisfação motivada pelo saudosismo

- Simei era comprometido com a liderança anterior. (v. 5.) “Um homem do clã da família de Saul”
- Há pessoas que não estão satisfeitas com a liderança atual porque resolveram viver em função do passado. Muitas vezes esse saudosismo está provocando uma insatisfação pessoal. A insatisfação não é apenas com a liderança, mas com tudo o que diz respeito ao presente.

b. Insatisfação motivada pela rejeição

- Simei não aceitava a liderança de Davi (v. 7): “Saia daqui, saia daqui! Assassino! Bandido!” A liderança anterior (Saul) não havia sido agradável, mas Simei resolvera rejeitar seu líder atual.
- Referências desagradáveis enaltecendo o passado, em detrimento ao presente, nem sempre são a expressão da verdade.
- Às vezes o líder é rejeitado por não ser uma cópia do antecessor.

c. Insatisfação que pode ser convertida em bênção

A bênção de procurarmos dar o melhor de nós mesmos para o trabalho;
A bênção de procurarmos servir em amor; A bênção de procurarmos satisfazer sempre ao Senhor da Seara. Pedras nos são atiradas pela insatisfação e, outras vezes, são...

2. ATIRADAS PELA INGRATIDÃO

a. Que leva o homem a forjar conceitos injustos sobre o próximo

Davi, ao enfrentar Golias, apresentou-se como homem de Deus (1Sm 17.45,47). Simei o classificou como adversário do Senhor (v. 7). Quantas vezes conceitos variam de um extremo a outro!

Texto: 2Sm 16.5-14

b. Que leva o homem a apedrejar quem antes era idolatrado

Ao vencer Golias Davi foi aclamado (1Sm 18.7).

Agora, era apedrejado. Simei esquecera os bens que o rei fizera.

Pessoas que antes idolatram o líder, depois o apedrejam!

Devemos não aceitar que nos idolatrem, para que depois não nos apedrejem. Temos virtudes e defeitos, capacidade e limitações.

c. Que pode motivar o servo do Senhor a agir positivamente

Davi não aceitou a ideia de ele mesmo fazer justiça.

Devemos depender mais e mais do Senhor:

Nossa força vem dele e não do reconhecimento humano.

Devemos procurando conhecer mais e mais a nós próprios: Quem sou?

Por que estou aqui? O que estou realizando?

Não devemos viver ávidos pelo reconhecimento humano: Servimos a Cristo: nosso galardão vem dele. Mais importante que sermos elogiados pelos homens, é sermos achados fiéis pelo Senhor! O mundo atira pedras por insatisfação, ingratidão, e incompreensão...

3. ATIRADAS PELA IMCOMPREENSÃO

Texto: 2Sm 16.5-14

a. Nos momentos mais difíceis

A situação de Davi era bastante desagradável:

um filho havia sido assassinado;

foi traído por outro filho;

perdia o trono para o filho traidor;

fugia para não morrer.

A história descreve sua tristeza e angústia (2SM 15.30).

Desagradável situação para um rei!

Geralmente pedras são atiradas nos momentos mais difíceis, e...

c. Das formas mais cruéis

Simei foi cruel, saindo às ruas para apedrejar o Rei! (ilustração: “criticar é fácil”) A incompreensão leva pessoas a atirarem as pedras da crítica, com o propósito único de ferir. Mas as pedras atiradas pela incompreensão podem ser recebidas.

e. Com resultados surpreendentes

A coragem de não procurar ferir quem apedreja: a atitude de Davi.

Haverá um filho de Zerua disposto a entregar a cabeça ao próximo.

Devemos pedir a Deus coragem para não retribuir com a vingança.

A sabedoria de procurar descobrir, diante de Deus, a razão do apedrejamento (v. 11 e 12).

A fé e a visão de esperar o futuro (v. 12).

Algumas vezes os atiradores de pedras voltam arrependidos.

O apedrejador de hoje pode ser um cooperador amanhã.

As divisões devem ser expressas de forma simétrica

Os tópicos e subtópicos devem ser formulados de modo uniforme: sentença completa, frase, ou palavra. O uso da aliteração (repetição das mesmas palavras no início de cada tópico) contribui para a simetria e facilita a memorização do esboço, mas não deve ser feito de modo forçado.

Observe o exemplo:

PEDRAS NO UNGIDO DO SENHOR

1. Atiradas pela INSATISFAÇÃO	2. Atiradas pela INGRATIDÃO	3. Atiradas pela INCOMPREENSÃO
Observe que os enunciados nos tópicos são uniformes (frases) e que o uso da aliteração facilita a memorização.		

A ORDEM DAS DIVISÕES DEVE SER CRESCENTE

Do negativo ao positivo, do menor ao maior, do inferior ao superior, do passado ao presente e futuro, da pergunta à resposta, do problema à solução. Veja-se no exemplo adiante: cada tópico tem três subtópicos; os dois primeiros são negativos e o último (em destaque) é sempre positivo, passando do problema à solução.

1 ATIRADAS PELA INSATISFAÇÃO	2 ATIRADAS PELA INGRATIDÃO	3 ATIRADAS PELA INCOMPREENSÃO
1.1 Motivada pelo saudosismo.	2.1 Fomando conceitos injustos.	3.1 Nos momentos mais difíceis.
1.2 Determinada pela rejeição.	2.2 Apedrejando quem antes era idolatrado.	3.2 Das formas mais cruéis.
1.3 Convertida em bênção.	2.3 Motivando o líder a reagir positivamente.	3.3 Com resultados surpreendentes.

Observe mais um exemplo de estrutura com tópicos, preparada a partir de um título, tese e propósito específico:

VISÃO PARA ALIMENTAR O MUNDO

Texto: Mt 14.13-21

Verdade central: Superando as dificuldades, desprezando as facilidades e usando as possibilidades, Cristo nos dá a visão para alimentar o mundo.

Propósito específico: Despertar nos crentes o amor pelos que perecem sem pão e a visão capaz de alimentar o mundo com o Pão da Vida.

1. SUPERANDO AS DIFICULDADES

A dificuldade da localização

(v. 15) “Este é um lugar deserto”

A dificuldade do horário

(v. 15) “... já está ficando tarde...”

A dificuldade financeira

(Jo 6.7) “Duzentos denários não comprariam...”

A dificuldade tecnológica

(Jo 6.5) “Onde compraremos pão para esse povo comer?”

Que com os olhos abertos, pelo Senhor, tenhamos VISÃO PARA ALIMENTAR O MUNDO, superando as dificuldades.

2. DESPREZANDO AS FACILIDADES

A facilidade de despedir a multidão faminta

(v. 15) “Manda embora a multidão...”

A facilidade de deixar cada um cuidar de si mesmo

(v. 15: “... para que possam ir aos povoados comprar comida.”

Com os olhos abertos para superar as dificuldades e desprezar as facilidades, temos a VISÃO PARA ALIMENTAR O MUNDO.

3. USANDO AS POSSIBILIDADES

Uma pequena oferta

Texto: Mt 14.13-21

Verdade central: Superando as dificuldades, desprezando as facilidades e usando as possibilidades, Cristo nos dá a visão para alimentar o mundo.

Propósito específico: Despertar nos crentes o amor pelos que perecem sem pão e a visão capaz de alimentar o mundo com o Pão da Vida.

(Jo 6.9) “Aqui está um rapaz com cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas o que é isto para tanta gente?”

Grupos organizados

(v. 19) “E ordenou que a multidão se assentasse na grama.”

A bênção do Senhor

(v. 19) “... olhando para o céu, deu graças e partiu os pães. Em seguida, deu aos discípulos, e estes à multidão.”

O completo aproveitamento

(v. 20) “Todos comeram e ficaram satisfeitos, e os discípulos recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram.”

É necessária visão para alimentar o mundo, superando as dificuldades, desprezando as facilidades e usando as possibilidades.

E, com os olhos abertos pelo Senhor, podemos cantar: “Minha vida consagro aqui, perante a tua cruz; tudo o que sou pertence a ti, oh vive em mim, meu Jesus. Amém”.

1 VILA. *OP. CIT.*, P. 78.[\[VOLTAR\]](#)

2 ALEJANDRO TREVINO FOI PASTOR E PROFESSOR DE HOMILÉTICA NO MÉXICO. ESCREVEU O LIVRO *EL PREDICADOR*, CASA BAUTISTA DE PUBLICACIONES, 1950. [\[VOLTAR\]](#)

2 CRANE. *OP. CIT.*, P. 94.[\[VOLTAR\]](#)

4 BRAGA. *OP. CIT.*, P. 79.[\[VOLTAR\]](#)

5 LLOYD-JONES. *OP. CIT.*, P. 150.[\[VOLTAR\]](#)

6 NA APOSTILA DE HOMILÉTICA I, DO PROF. DR. CHARLES DICKSON, NO STBNB, HAVIA UM CAPÍTULO SOBRE “OS DEZ MANDAMENTOS DO ESBOÇAR”. OS CONSELHOS SOBRE O SISTEMA DE DIVISÕES INSERIDOS NESTE LIVRO RECEBERAM GRANDE INFLUÊNCIA DAQUELE TRABALHO DO MEU PROFESSOR E AMIGO, A QUEM REGISTRO TODO RECONHECIMENTO E GRATIDÃO. O AUTOR

REDEFINIU OS “MANDAMENTOS” DO MESTRE DICKSON E ELABOROU TODOS OS EXEMPLOS E ILUSTRAÇÕES AQUI INSERIDOS. [\[VOLTAR\]](#)



10

Uma casa com janelas

O pregador deve ser hábil em contar histórias, e quem quiser desenvolver-se como comunicador da Palavra há de procurar crescer nesta arte. Jesus é incomparável na arte de ilustrar.

Janelas são uma das primeiras preocupações para quem planeja construir. Ninguém constrói uma casa sem janelas; elas arejam e clareiam a casa, tornando-a mais agradável. O mesmo acontece com o sermão: as ilustrações atraem a atenção dos ouvintes, e tornam mais claro o que desejamos comunicar. Spurgeon, citando Fuller, afirmou: “A principal razão para a construção de janelas numa casa é deixar a luz entrar”.[\[Nota 1\]](#) Ilustrar é esclarecer, elucidar, exemplificar, tornar mais claro. Spurgeon mencionou que “até as crianças abrem os olhos, os ouvidos e um sorriso quando contamos uma história”.[\[Nota 2\]](#) Sermões sem ilustrações dificilmente prendem a atenção; as ilustrações servem para tornar mais claras as ideias que estão sendo comunicadas. James Crane disse que a ilustração ajuda a congregação a ver com os olhos da mente.[\[Nota 3\]](#)

O pregador deve ser hábil em contar histórias, e quem quiser desenvolver-se como comunicador da Palavra deve procurar crescer nesta arte. Jesus, em seus sermões, usou ilustrações da história do povo de Israel, da realidade do momento, da natureza, dos problemas e conflitos vividos pelos ouvintes. Suas ilustrações, muitas vezes em forma de parábolas, apelaram à imaginação dos ouvintes, dando um novo sentido à mensagem.

ALGUNS TIPOS DE ILUSTRAÇÕES

Não somente longas histórias, mas breves narrativas e até pequenas frases podem servir como ilustrações para o sermão. Não é a duração que determina o valor da ilustração. Jesus usou ilustrações breves, que serviram para atrair a atenção dos seus ouvintes e fixar a mensagem apresentada. Uma análise, no Sermão do Monte e demais sermões de Jesus, mostra como o maior pregador de todos os tempos foi um Mestre na criatividade e uso de boas ilustrações. Os exemplos aqui inseridos foram extraídos do Evangelho de Mateus.

Metáforas

São o emprego de palavra ou expressão, com sentido figurado, aplicando-a a outra para sugerir relação entre ambas.

Veja quantas metáforas Jesus usou em seus sermões:

(Mt 4.19) “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens.”

(Mt 5.13) “Vocês são o sal da terra.”

(Mt 5.14) “Vocês são a luz do mundo.”

(Mt 5.16) “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens.”

(Mt 6.22) “Os olhos são a candeia do corpo.”

(Mt 6.22) “Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz.”

(Mt 6.23) “Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas.”

(Mt 6.23) “[...] se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são!”

(Mt 7.6) “Não deem o que é sagrado aos cães [...]”

(Mt 7.6) “[...] nem atirem suas pérolas aos porcos [...]”

(Mt 7.13) “Entrem pela porta estreita.”

(Mt 7.13) “[...] larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição [...]”

(Mt 7.14) “Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida!”

(Mt 7.15) “Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.”

(Mt 7.17) “[...] toda árvore boa dá frutos bons.”

(Mt 7.20) “Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!”

Símbolos

Símile é a comparação com algo semelhante. Jesus fez bastante uso de símiles. Observe os exemplos:

(Mt 7.24) “Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha.”

(Mt 7.26) “Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia.”

(Mt 13.24) “O reino dos céus é como um homem que semeou boa semente em seu campo.”

(Mt 13.31) “O reino dos céus é como um grão de mostarda que um homem plantou em seu campo.”

(Mt 13.33) “O reino dos céus é como o fermento [...]”

(Mt 13.44) “O reino dos céus é como um tesouro escondido num campo.”

(Mt 13.45) “O reino dos céus também é como um negociante que procura pérolas preciosas.”

(Mt 13.47) “O reino dos céus é ainda como uma rede que é lançada ao mar e apanha toda a sorte de peixes.”

(Mt 18.23) “Por isso, o reino dos céus é como um rei que desejava acertar contas com seus servos.”

(Mt 20.1) “Pois o reino dos céus é como um proprietário que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha.”

(Mt 22.2) “O reino dos céus é como um rei que preparou um banquete de casamento para seu filho.”

(Mt 23.27) “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados...”

(Mt 25.1) “O reino dos céus será, pois, semelhante a dez virgens [...]”

Hipérboles

Hipérbole é a figura retórica que exageradamente engrandece ou diminui a verdade das coisas. Veja como Jesus usou hipérboles:

(Mt. 5.29) “Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora.”

(Mt. 5.30) “E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora.”

(Mt. 7. 3) “Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?”

(Mt. 19.24) “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.”

(Mt. 23.24) “Guias cegos! Vocês coam um mosquito e engolem um camelo.”

Indagações

A pergunta retórica é excelente recurso como ilustração. Uma indagação pertinente e bem formulada atrai a atenção do ouvinte e ajuda na apresentação da verdade que o pregador pretende apresentar. Observe como Jesus usou muitas dessas perguntas em seus sermões.

(Mt 5.13) “Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo?”

(Mt 5.46) “Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso!”

(Mt 5.47) “E se saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso!”

(Mt 6.25) “Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa?”

(Mt 6.26) “Não têm vocês muito mais valor do que elas?”

(Mt 6.27) “Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?”

(Mt 6.28) “Por que vocês se preocupam com roupas?”

(Mt 6.30) “Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé?”

(Mt 6.31) “Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?”

(Mt 7.4) “Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu?”

(Mt 7.9) “Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra?”

(Mt 7.10) “Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra?”

(Mt 7.11) “Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!”

(Mt 7.16) “Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?”

Parábolas

São narrações alegóricas, criadas para, através de seus personagens e situações, chamar a atenção dos ouvintes para o ensino a ser ministrado. Jesus foi o Mestre no uso de parábolas na pregação. E no evangelho de Lucas está o maior celeiro das parábolas de Jesus. Ele usou pequenas frases como parábolas. A parábola do cego que guia outro cego (Lc 6.37) é constituída de duas interrogações e tem somente treze palavras, oito palavras na primeira pergunta e cinco na segunda. A parábola da candeia (Lc 8.16) é outro exemplo de uma breve narrativa entre as parábolas; nela não aparecem personagens, apenas uma figura, e é constituída de trinta e quatro palavras. Jesus lançou mão de histórias completas, com cenários e personagens diversos que enfrentam problemas e tomam decisões. É o caso das parábolas:

- O semeador (Lc 8.4-8)
- O bom samaritano (Lc 10.30-36)
- A grande ceia (Lc 14.15-24)
- A ovelha perdida (Lc 15.4-7)
- A moeda perdida (Lc 15.8-10)
- O filho pródigo (Lc 15.11-32)
- O administrador infiel (Lc 16.1-13)
- O rico e Lázaro (Lc 16.19-29)
- O juiz iníquo e a viúva importuna (Lc 18.1-6)
- O fariseu e o publicano (Lc 18.9-14)
- Os vinhateiros homicidas (Lc 20.9-18)

COMO TER BOAS ILUSTRAÇÕES

As ilustrações são, muitas vezes, a parte do sermão que mais fica gravada no coração e na mente dos ouvintes; por essa razão é preciso cuidado ao selecioná-las. Não basta ser uma boa história ou lenda para ser uma boa ilustração; não basta ter uma excelente verdade a comunicar para ser excelente no sermão. Uma boa ilustração é aquela cuja história está de acordo com a tese e o propósito específico da mensagem. Por mais que uma história seja excelente, se a lembrança dela não tornar mais clara a verdade central da mensagem e seu apelo, não terá sido válida a sua inserção. Spurgeon recomendou que as ilustrações nunca devem ser vulgares ou indignas; ele adverte: “Podem não ser muito elevadas, mas devem ser de bom gosto. Podem ser simples e, todavia, castiçamente belas; mas rudes e grosseiras não devem ser nunca”. [\[Nota 4\]](#)

MAIS QUE HABILIDADE PARA CONTAR HISTÓRIAS, É PRECISO SABEDORIA PARA ARQUIVÁ-LAS

As melhores histórias não estão nos livros de ilustrações, mas ao nosso redor no dia a dia. Precisamos de perspicácia para ver tudo quanto está acontecendo e daí tirar nossas ilustrações. A melhor ilustração é a que está mais próxima do pregador. Quanto mais próxima do acontecimento, tanto mais força e encanto oferece. Uma das melhores ilustrações do meu arquivo particular é a história da irmã Carmem Guarita da Silva, uma senhora acometida de hanseníase, que perdeu a saúde, mas fortificou a fé em Jesus. Um amigo meu publicou um livro de ilustrações e me pediu autorização para inserir essa história em seu livro. Quando abri aquele livro e vi minha ilustração predileta escrita, tive um sentimento de perda. Pensei: “Foi-se embora minha ilustração. Agora ela é de domínio público; tornou-se ilustração de livro”. Refletindo melhor, porém, cheguei à conclusão de que jamais a referida história será para mim uma ilustração de livro. Afinal, eu conheci dona Carmem, fui seu pastor por vários anos, visitei-a muitas vezes, na comunidade dos hansenianos, onde residia; ninguém me falou de sua experiência, mas eu a vi, ouvi suas palavras, senti o seu sofrer e com ela convivi. E esta proximidade autentica a ilustração, tornando-a mais atraente, mais penetrante.

ALIMENTANDO O ARQUIVO DE ILUSTRAÇÕES

Onde quer que vá, o pregador precisa estar atento para anotar novas ilustrações para o seu arquivo. Uma boa prática é o pregador estar sempre atento para anotar qualquer ilustração à medida que surge. Visitando um museu, em Palmeira dos Índios, Alagoas, li, em antigo jornal, sobre o modo justo como Graciliano Ramos tratou uma questão que envolvia um pequeno agricultor e seu pai, um dos mais poderosos coronéis da região. Naquele mesmo momento, anotei os detalhes da história e a inseri em meu arquivo de ilustrações. O pregador deve estar sempre alerta, jamais perdendo a perspectiva de arauto das boas-novas. Foi nesse sentido que Valdívio Coelho^[Nota 5] declarou: “Até dormindo somos pregadores da Palavra”.^[Nota 6]

ONDE ENCONTRAR BOAS ILUSTRAÇÕES

Na Bíblia

As páginas da Bíblia estão repletas das mais ricas e preciosas ilustrações. Por ser o livro da igreja, seus relatos estão entre os mais aceitos pelos ouvintes. Entretanto, o uso de ilustrações bíblicas requer atenção especial. Se você estiver pregando sobre José e ilustrar com a história de Daniel, cuidado para que os ouvintes não saiam confusos, sem saber qual dos personagens foi o principal. É bem verdade que a mensagem pode ser elaborada com base em dois ou mais personagens, mas a diferença entre o personagem do texto (no caso de um sermão biográfico) e o personagem da ilustração deve ser clara: o primeiro, além de ilustrar, oferecerá condições de explanação, e o segundo terá simplesmente a função de ilustrar.

Na experiência pessoal

Retalhos do cotidiano se perdem quando não os anotamos e arquivamos. Nas ilustrações da experiência pessoal, o pregador precisa cuidar para não aparecer como mocinho ou vilão. É bom contar a história sem chamar a atenção para a pessoa do pregador. E lembre-se de escrever a história, eliminando os detalhes superficiais, deixando apenas o essencial para a compreensão da narrativa e da aplicação. Longas ilustrações tornam sermões prolixos e deixam de atrair os ouvintes.

O pregador que adquire o hábito de escrever sobre os acontecimentos ao seu redor tem condições de formar um bom arquivo de ilustrações, com histórias que lhe serão úteis em todo o ministério.

Entre as minhas ilustrações da experiência pessoal, algumas merecem destaque. É óbvio que, à medida que são contadas por

outros pregadores, elas perdem a força. Por isso, o ideal é que cada pregador tenha seu próprio arquivo de ilustrações. Veja este exemplo:

SOLIDÃO NA MULTIDÃO

Falta de comunhão; amigos; valor da amizade.

Uma noite, em junho de 1989, eu estava num aeroporto do Rio de Janeiro para regressar ao Recife. Meu voo teve um atraso de quase três horas, por isso a companhia aérea ofereceu jantar aos passageiros. Eu estava terminando de jantar, num luxuoso restaurante, quando comecei a passar mal: a cabeça doía, a vista ficava escura, sentia tontura e não tinha forças para me levantar. Eu pedi a Deus que me ajudasse e, assim, reunindo todas as minhas forças, consegui sair do restaurante. Fiquei assentado, numa das salas de espera. Havia muita gente: uns parados, outros passando, e eu ali, sozinho, precisando de ajuda e na mais completa solidão...

Solidão não é simplesmente falta de companhia — é falta de comunhão. Há muita gente cercada de pessoas, mas vivendo a mais terrível solidão; é o fenômeno da multidão solitária.

Este outro exemplo de ilustração da experiência pessoal foi vivido em minha infância.

APENAS EMBALAGEM

Aparências enganosas; preconceito, julgamento apressado; casca e conteúdo.

Minha irmã e eu, quando éramos crianças, vimos umas latas de biscoitos que nos chamaram a atenção. Eram latas pequenas, floridas e multicoloridas, que desafiavam o nosso paladar. Ficávamos imaginando os biscoitos ali guardados: certamente eram tão gostosos que jamais havíamos comido nada igual.

Durante algumas semanas, juntamos nossas mesadas e, num segredo só nosso, fomos à mercearia e compramos o tão almejado biscoito. Com o nosso “tesouro escondido”, fechamos a porta do quarto para saborear a iguaria, sem que ninguém soubesse. Terrível foi a nossa surpresa e decepção: os biscoitos não tinham sabor.

Desapontados, contamos a desventura ao nosso pai. Ele tomou a lata de biscoitos e leu as letras tão pequenas, quase invisíveis, ali escritas: “Torradas de fino sabor e alto valor nutritivo, não contém açúcar, gordura, nem ovo”. No lugar dos sonhados biscoitos, havia torradas para dietas.

Ilustrações das experiências do povo

A história de dona Carmem Guarita é um exemplo do aproveitamento de experiências do povo. Nesse gênero de ilustrações é necessário haver cuidado com a ética pastoral, não revelando problemas do povo. É uma ilustração longa, mas que pode ser resumida e contada apenas em parte, destacando o que o pregador desejar usar como aplicação em sua mensagem.

OUTRA VEZ O PIANO TOCARÁ

**Alegria em Cristo; amadurecimento espiritual;
céu, certeza de vida eterna; fé, vida futura; sofrimento.**

Carmem Guarita da Silva era pianista. Seu prazer era ver os ágeis dedos passeando pelo teclado. Jovem, estudava com afinco, familiarizando-se cada vez mais com as partituras das músicas que tocava. Seu grande sonho era o de ser concertista, tornar-se conhecida entre os grandes nomes da música: ser uma grande pianista.

Tudo parecia correr bem, quando o inesperado aconteceu. A jovem pianista foi acometida de hanseníase. A terrível enfermidade mutilou e deformou o corpo da jovem tão bela, cheia de vida e esperanças; suas mãos foram atingidas e seus ágeis dedos ficaram completamente entevados.

Ferida em seu mais elevado ideal, a jovem viu o sonho de ser pianista transformar-se em terrível pesadelo. Arrancada dos amigos e familiares, foi levada ao leprosário. Foi no dia 20 de janeiro de 1945 que chegou à colônia dos hansenianos em Marituba, no Pará.

Havia ali um jovem, José Júlio da Silva Júnior, pastor evangélico, também sofrendo da mesma enfermidade. Apesar dos problemas de saúde, ele prestava assistência pastoral aos colegas enfermos. Foi através do testemunho dele que ela conheceu Jesus e o recebeu como Senhor de sua vida.

Algum tempo depois, José Júlio e a jovem se casaram, e aquela que havia sido tirada dos seus e da comunidade dos sãos, tornou-se uma bênção ao lado do marido, ajudando-o nas lides pastorais. Em agosto de 1972, o pastor José Júlio faleceu, e a esposa, apesar de toda limitação, continuou ajudando as pessoas na comunidade.

Foi em 1974 que conheci a viúva do pastor José Júlio. Eu era um jovem pastor, com 28 anos de idade e três anos de experiência no pastorado. Eu havia assumido o pastorado da Primeira Igreja Batista do Pará, em Belém, quando me falaram de dona Carmem, que era membro da igreja e vivia na Colônia dos Hansenianos, em Marituba, e que eu devia visitá-la. Informado de sua história, e nunca antes me defrontado com caso semelhante, fiquei bastante preocupado de que maneira levar conforto a alguém tão sofrida.

**Alegria em Cristo; amadurecimento espiritual;
céu, certeza de vida eterna; fé, vida futura; sofrimento.**

Para aquela primeira visita, escolhi vários textos bíblicos que julguei apropriados, mas estava muito tenso, sem saber como iniciar a conversa. Entretanto, grande foi a minha surpresa naquele dia. Realmente eu não precisava preparar-me para conversar com a irmã Carmem, pois ela estava preparada e sabia deixar todos quantos a visitavam completamente à vontade. Foi em sua humilde casa, na Colônia em Marituba, que a encontrei. Ela estava, como de costume, sentada em uma cadeira. A terrível doença se alastrara tão terrivelmente em seu corpo, que ela não podia ver nem andar.

Naquele dia, ela me contou com toda naturalidade sobre sua vida e suas duras experiências. Sem qualquer nota de indignação ou resquício de tristeza e amargura, ela falava de tal modo que a todos admirava e inspirava. Conversando com ela, podíamos sentir o poder de Deus naquela vida. Só mesmo o toque da fé podia transformar alguém tão sofrido em uma personalidade tão cativante, tão serena, tão linda e tão inspiradora. Sofrera tanto e vira seus lindos sonhos transformados em terríveis pesadelos; outros, no lugar dela, certamente se tornariam pessimistas e perderiam a capacidade de olhar para a frente. Dona Carmem, porém, não perdeu a esperança. Perdeu a vista, mas não perdeu a visão; perdeu a capacidade de andar, mas não perdeu o equilíbrio; perdeu a mobilidade dos dedos, mas não perdeu a fé. Ela olhava o futuro com firmeza, esperança e certeza. Várias vezes ela me falou de sua realidade presente e seus planos futuros.

Dizia estar privada das três coisas que mais a realizavam na vida: gostava de andar, mas não podia — suas pernas estavam imóveis; gostava de ler, mas não era possível — não podia enxergar; e gostava de tocar piano — entretanto, não podia, seus dedos estavam entrevados. Para ela, todavia, isso era apenas uma realidade transitória. Havia a certeza de um futuro glorioso, eterno, com Jesus.

Ela dizia estar aqui de passagem e que, quando chegasse ao céu, poderia outra vez, e para sempre, fazer todas as coisas boas de que tanto gostava, das quais, temporariamente, havia sido privada. Com alegria e entusiasmo ela falava de sua partida: “Quando eu chegar no céu, terei um corpo perfeito e poderei, outra vez, tocar piano”.

Durante quase oito anos tive o privilégio de ser seu pastor. Ela não era uma simples ovelha. Tinha um cuidado especial por seu pastor e por ele orava todos os dias. Visitá-la tornou-se uma inspiração.

**Alegria em Cristo; amadurecimento espiritual;
céu, certeza de vida eterna; fé, vida futura; sofrimento.**

Indo à sua casa, fui abençoado diante de uma fé tão simples e profunda. Em meio a tanto sofrimento e dor, nunca a vi triste ou desesperada e jamais ouvi de seus lábios qualquer reclamação, queixa ou lamento.

Sempre que um dos coros da Igreja preparava uma cantata, era ponto de honra uma apresentação especial na casa da irmã Carmem. No Natal, apresentávamos hinos; era um recital especial para ela. Com toda atenção e sensibilidade artística, ela comentava as músicas que ouvia. Em sua humildade, agradecia aos coristas e dizia não ser merecedora da atenção daqueles que iam ao seu encontro.

No Natal de 1982, tivemos uma apresentação a menos e isso foi doloroso para os coristas. Nos festejos natalinos ficou o vazio daquela apresentação domiciliar que não mais era necessária. Na manhã do sábado, 10 de julho de 1982, a irmã Carmem havia sido transferida deste vale de lágrimas para o país onde não há pranto, nem choro, nem dor — passou do vale da sombra da morte para a vida eterna. Agora, na presença do Mestre a quem tanto amou e honrou, ela ouve as mais belas sinfonias e desfruta das belezas celestes e prazeres que ainda não podemos compreender na sua totalidade. Ela está com Deus; seu pranto foi enxugado — não há mais choro, gemido, nem dor.

Com seu corpo incorruptível, ela pode não somente ler, mas contemplar as belezas do paraíso; pode não apenas andar, mas andar com Jesus; e pode não somente tocar piano, mas tocar no coro celestial.

Por uma vida tão simples e tão profunda; por tanta alegria num cenário de tristeza; pela esperança, onde só haveria desespero, louvamos ao Cristo que tem poder de transformar o pranto em canção e que nos dá a certeza de que outra vez o piano tocará.

Ilustrações da História

A História está repleta de fatos para ilustrar sermões. A ilustração a seguir foi extraída da história dos batistas:

TUDO VEM DE DEUS

Ação de Deus; glorificação a Deus; história dos batistas.

Ao pregar o sermão do Centenário dos Batistas no Brasil, em outubro de 1982, o pastor David Mein usou uma ilustração da história para introduzir a mensagem oficial: Quando os batistas brasileiros comemoravam o seu meio século de história, em 1932, com um culto em Ação de Graças, no templo da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, esteve presente o casal William Buck e Ana Bagby, os pioneiros da denominação batista no Brasil. Ao final das comemorações, W. B. Bagby foi solicitado a dar uma palavra. Os registros do acontecimento relatam que, levantando-se vagarosa e hesitantemente, aproximou-se do púlpito emocionado; depois de alguns momentos de silêncio, levantou e estendeu o braço e apenas exclamou: “Tudo vem de Deus”. [\[Nota 7\]](#)

A próxima ilustração fala de algo que aconteceu pouco antes do assassinato do pastor Martin Luther King Jr.

DIGAM QUE EU FUI UM MENSAGEIRO

**Exemplo; testemunho; vida de serviço.
O pastor Martin Luther King Júnior falou à sua Igreja, em Atlanta,
Estados Unidos, dois meses antes de sua morte:**

Se alguém aqui estiver presente quando chegar a minha hora, não quero um enterro prolongado. Se alguém fizer o elogio fúnebre, digam-lhe que não fale demais. Às vezes, penso no que eu gostaria que essa pessoa dissesse.

Digam-lhe que não mencione que eu tenho o Prêmio Nobel da Paz — isso não é importante. Digam-lhe que não fale que eu tenho mais de 300 ou 400 prêmios, isso não é importante. Digam-lhe que não fale na Universidade onde eu estudei. Gostaria que alguém falasse no dia em que Martin Luther King Jr. tentou dar a vida para servir aos outros. Gostaria que alguém falasse do dia em que Martin Luther King Jr. tentou amar alguém.

Quero que alguém fale no dia em que tentei ser justo e mar chei com eles. Quero que possam falar no dia em que tentei dar de comer aos que ti nham fome. Quero que possam falar no dia da minha vida em que tentei vestir os que estavam nus. Quero que falem do dia da minha vida em que tentei visitar os que estavam na prisão. E quero que digam que procurei amar e servir a humanidade.

Sim, se quiserem, digam que eu fui um mensageiro. Digam que fui um mensageiro da justiça. Digam que eu fui um mensageiro da paz. Digam que eu fui um mensageiro da retidão. E todas as outras coisas supérfluas não terão importância. Não terei dinheiro para deixar, não terei as coisas boas e luxuosas da vida para deixar, quero deixar apenas uma vida de serviço.

Se puder ajudar alguém à minha volta, se puder alegrar alguém com uma palavra ou canção, se puder mostrar o caminho a alguém que está andando errado, não terei vivido em vão. Se puder cumprir meu dever de cristão, se puder levar a salvação ao mundo arrasado. Se puder difundir a mensagem como o Mestre a ensinou, então, minha vida não terá sido em vão.

Ilustrações de revistas e jornais evangélicos

São um farto celeiro de boas ilustrações. Basta que o pregador os leia com *olhos homiléticos* e desejo de alimentar seu arquivo de

ilustrações. Veja este exemplo:

POSSO TRANSFORMAR MINHA CAMA EM PÚLPITO

Céu; fé; fidelidade; morte; trabalho missionário; missões; ministério pastoral; testemunho.

O pastor Arondo Rodrigues da Silva, missionário da Junta de Missões Nacionais, com apenas 26 anos de idade foi acometido de leucemia aguda e internado em um hospital, em Brasília. Sabendo da gravidade de seu estado de saúde, orou: “Senhor, meu Deus, não sei exatamente por quanto tempo vou ficar aqui, mas eu te agradeço porque posso transformar esta cama em meu púlpito, pois tenho tido a oportunidade de testemunhar a muitos o que eu não alcançaria de outra forma. Senhor, meu Deus, eu não te peço que me dê saúde, mas forças para testemunhar até o fim”.

Poucas horas antes de morrer, ele mandou um recado para a missionária Margarida Lemos Gonçalves: “Digam a dona Margarida e a todos os missionários que deem tudo pelo trabalho de Deus, porque no fim é só isso que vale a pena” (Revista A pátria para Cristo).

Ilustrações de jornais e revistas seculares

Infelizmente as notícias publicadas são mais negativas que positivas. Diariamente os jornais e revistas publicam as dificuldades do cotidiano: os desencontros do homem com o próximo, a violência nas ruas, o desamor que marca as pessoas e as reações diante dos problemas e dificuldades. Tais assuntos e, também, as boas notícias são ilustrações que devem ser arquivadas e usadas. Observe este exemplo:

AGORA EU SEI QUE EXISTE UM DEUS

**Existência de Deus; música;
profissão — um bom profissional.**

Yehudi Menuhin foi um dos violinistas mais brilhantes deste século. Quando o físico Albert Einstein o ouviu tocar violino, afirmou: “Agora eu sei que existe um Deus no céu” (Revista Veja).

Ilustrações de livros

Livros são uma boa fonte de ilustrações. Quanto mais lemos, mais condições temos de achar novas ilustrações.

O RABINO QUE PERDEU UM FILHO

Amor de um pai; luto; morte; perda de um ente querido; sofrimento.

O rabino Harold Kushner, depois da morte do filho, afirmou: “Sou uma pessoa mais sensível, um melhor pastor, um conselheiro mais compreensivo por causa da vida e morte de Arão do que jamais podia ser se ele não tivesse existido. E eu devolveria imediatamente tudo isso que ganhei se pudesse ter meu filho vivo outra vez. Se pudesse escolher, eu desistiria de todo o crescimento espiritual e profundidade de sentimento que ganhei através de nossa experiência para ser o que eu era há quinze anos, um rabino comum, um conselheiro indiferente, ajudando alguns e incapaz de ajudar outros, e pai de um garoto feliz e inteligente. Mas eu não posso escolher” (Perdas Necessárias, de Judith Viorst, p. 270).

Ilustrações do estudo do texto

Kenneth Bailey depois de conviver nas aldeias palestinas escreveu *As Parábolas de Lucas*. Em seu livro há excelentes ilustrações, com uma lição maior: quanto mais conhecemos o texto, tanto mais condições temos de pregar a mensagem e de encontrar ilustrações pertinentes ao assunto.

O GRANDE AMOR DO PAI

Amor de Deus; filho pródigo; volta ao lar.

À época do pródigo, a volta de um jovem fracassado para com a comunidade que um dia desprezou era motivo de chacota, humilhação e escárnio. Uma multidão, sabendo da notícia da volta, se reunia para dele escarnecer. Era o ódio de todo o povo.

Chegando à aldeia, ao ser identificado, o pródigo era recebido por uma multidão que naturalmente se formava. Ali ele era saudado com insultos e zombarias, falados e cantados; estando sujeito até a agressão física. “O pai sabe muito bem como o filho será tratado se e quando voltar humilhado para a comunidade da aldeia que um dia ele rejeitou. O que o pai faz nesta cena de volta ao lar pode ser entendido melhor como uma série de atos dramáticos calculados para proteger o rapaz da hostilidade da aldeia, e para restaurá-lo à comunhão da comunidade. Estes atos começam quando o pai sai correndo estrada afora.

Um nobre oriental com roupas esvoaçantes nunca corre para parte alguma. Fazê-lo é humilhante. Ben Sirach confirma esta atitude. Eli diz: “O andar do homem dá a conhecer quem ele é” (Eclesiástico 12.28). Weatherhead escreve: “Aos olhos do oriental é indigno um homem de idade correr”. Aristóteles diz: “Os grandes homens nunca correm em público”. O texto diz: “Ele teve compaixão”. Sugerimos que esta compaixão inclui especificamente a consciência da punição que o rapaz teria de enfrentar, se voltasse para a aldeia, assumindo uma posição humilhante enquanto o faz. Bruce notou que um ato desses depressa atrairia uma multidão para o local. “O Pai faz com que a reconciliação se torne pública, na entrada da aldeia [...] Não há palavras de aceitação e boas-vindas. O amor expresso é profundo demais para ser expresso através de palavras. Só atos conseguem fazê-lo” (As Parábolas de Lucas, p. 229-230).

Ilustrações da literatura

Há na literatura belas páginas que podem ser excelentes ilustrações. Acompanhe os exemplos:

A ALEGRIA DE DAR

Dádiva; liberalidade.

Vós pouco dais quando dais de vossas posses

É quando derdes de vós próprios que realmente dais

Pois, o que são vossas posses, senão coisas que guardais com medo de precisardes delas amanhã?

Há os que dão pouco do muito que possuem, e fazem-no para ser elogiados, e seu desejo secreto desvaloriza seus presentes.

E há os que pouco têm e dão-no inteiramente.

Eles confiam na vida e na generosidade da vida e seus cofres nunca se esvaziam

E há os que dão com alegria e essa alegria é sua recompensa.

E há os que dão com pena e essa pena é seu batismo.

E há os que dão sem sentir pena nem buscar alegria e sem pensar na virtude: Dão como, no vale, o mirto espalha a sua fragrância no espaço.

Pelas mãos de tais pessoas, Deus fala; e através de seus olhos, ele sorri para o mundo.

É belo dar quando solicitado; é mais belo, porém, dar sem ser solicitado, por haver apenas compreendido

E para os generosos, procurar quem receber é uma alegria maior ainda que a de dar.

E existe alguma coisa que possais conservar?

Tudo que possuis será um dia dado.

Dai, agora, portanto, para que a época da dádiva seja vossa e não de vossos herdeiros.

Dizeis muitas vezes: “Eu daria, mas somente a quem merece”.

As árvores de vossos pomares não falam assim,
nem os rebanhos de vossos pastos.

Dão para continuar a viver, pois reter é perecer...

Dádiva; liberalidade.

Extraído de: O Profeta, de Gibran Khalil Gibran

Não é necessária uma grande página para termos uma boa ilustração. Às vezes, uma pequena citação de uma grande página causa um efeito grandioso. É o caso do célebre poema de Castro Alves, “Vozes d’África”. O trecho usado é o início do trecho, em que o poeta indaga sobre a presença e atuação de Deus.

Observe o exemplo:

ONDE ESTÁ DEUS?

Aflição; ausência de Deus; indagação; homem, sede de Deus.

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

Em que mundo, em que estrela tu te escondes Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,

Que embalde desde então corre o infinito... Onde estás, Senhor Deus?...

Na literatura evangélica há poemas que podem ilustrar sermões em vários propósitos e ocasiões. Veja o exemplo:

O TOQUE DE JESUS [\[Nota 8\]](#)

Jesus; mãos de Jesus; mãos; valor das mãos.

Macias mãos de criança,
que na manjedoura nasceu...
Pequenas mãos: divino-humanas,
cujo toque nos faz ver o amor de Deus.

Sábias mãos de adolescente,
com os doutores a conversar...
e que crescem para a boa-nova,
com seu toque, ao mundo anunciar.

Humildes mãos de carpinteiro:
Lavrando a tora, aplainando a madeira...
Mãos calejadas, mãos adestradas,
têm o toque que marca a vida inteira.

Santas mãos do Homem de Nazaré,
pregando e ensinando vida...
elas abençoam, perdoam
e com seu toque dão aos mortos vida.

Puras mãos do Deus feito homem,
pelos homens se gastando estão...
e para a fome do pobre saciar,
com seu toque abençoam e multiplicam o pão.

Sublimes mãos do Mestre Jesus,
grandes sinais a realizar...
purificam leprosos, curam cegos,
E com seu toque fazem coxos andar

Calejadas mãos de trabalhador,
Carregando a cruz em meu lugar...
elas sofrem para me dar alívio,
e têm o toque, vida eterna dá.

Jesus; mãos de Jesus; mãos; valor das mãos.

Sofridas mãos do crucificado,
pregadas na cruz para morrer...
cravadas, sangrentas, traspassadas,
mas têm o toque, faz o morto reviver.

Gloriosas mãos do Filho de Deus,
tantos homens e mulheres a tocar...
Mãos que reabilitam, libertam, capacitam
e têm o toque que nos motiva o caminhar.

Ilustrações de cartas

Cartas que trazem lições de vida e fé, com a devida autorização, podem ser usadas como ilustrações. De uma carta da Missão Novas Tribos, extraí esta ilustração:

O SENHOR SÓ OS TRANSFERIU DE LUGAR

Amadurecimento espiritual; certeza de vida eterna; mãe; visão de uma mãe; testemunho; céu; galardão; morte; perda de um ente querido.

A família Camargo estava reunida em São Paulo, comemorando o Dia das Mães, quando o telefone tocou informando a dona Olinda e seu esposo que o filho — que era missionário da Missão Novas Tribos — e a esposa haviam naufragado na travessia do rio Oiapoque, no Amapá. Como poderia reagir uma mãe, recebendo tão terrível notícia no Dia das Mães? Depois de receber o telefonema, ainda sob o impacto do terrível acontecimento, dona Olinda declarou: “Eles já eram do Senhor. O Senhor só os transferiu de lugar”.

Ilustrações de entrevistas com os ouvintes

Antes do Dia das Mães, dos Pais, da Criança ou qualquer ocasião especial, uma entrevista com um grupo específico da igreja pode resultar em bom material para ilustrar a mensagem, através dos dados colhidos na entrevista. Outra ideia é realizar a entrevista dentro da própria mensagem, orientando previamente a pessoa ou grupo a ser entrevistado a dar respostas precisas, pertinentes ao assunto tratado.

Ilustrações das artes

Pinturas e esculturas célebres constituem boa fonte de ilustrações. Algumas delas tratam de temas religiosos, oferecendo uma fonte para ilustrar a mensagem.

Ilustrações da natureza

Muitas das ilustrações de Jesus foram tiradas da natureza. Ele falou das aves do céu, das flores do campo, do grão de mostarda, do trabalho do semeador e dos campos prontos para a colheita.

Ilustrações do dia a dia

São fatos do labor diário: enquanto viajamos — no avião, trem, automóvel, ônibus ou metrô; enquanto conversamos — com a criança, idoso, adolescente, jovem, ou adulto; enquanto passamos, encontrando o transeunte, o vendedor, o pedinte, lendo a mensagem do *outdoor*; enquanto nos comunicamos — uma palavra, um gesto, sorriso, uma reação.

Ilustrações dos dados estatísticos

Informações preciosas que podem enriquecer grandemente a mensagem podem ser conseguidas a partir de dados estatísticos.

Há várias outras fontes de ilustrações. O pregador deve cultivar a sabedoria para arquivá-las e o bom senso para usá-las. As ilustrações são muito importantes, mas uma boa mensagem não é constituída apenas de ilustrações. Não basta ter uma coletânea delas, por melhores que pareçam ser, para termos um bom sermão.

ALGUNS CUIDADOS NO USO DE ILUSTRAÇÕES

Histórias da mesma fonte

Os ouvintes percebem quando o pregador ilustra sempre com histórias da mesma fonte. Alguns sermões recebem tantas ilustrações da natureza que parecem uma aula de biologia. Outros apresentam tantos dados estatísticos, que levam os ouvintes a perguntar se o pregador trabalha no IBGE. O ideal é que as ilustrações sejam de fontes diferentes.

Histórias do gabinete pastoral

A distância entre o gabinete pastoral e o púlpito precisa ser respeitada. No púlpito, nossa missão é falar, comunicar as boas-novas; no gabinete, nosso desafio é ouvir, estimular as pessoas a falar e jamais passar adiante o que foi compartilhado. Por mais que uma história pareça atraente para ser usada como ilustração, se tiver sido compartilhada no gabinete pastoral, não deve ser usada no púlpito.

Histórias da família do pastor

O pregador deve evitar a menção de fatos envolvendo sua família. A esposa e os filhos do pastor são pessoas que, como as demais ovelhas do rebanho, merecem todo respeito e a preservação da privacidade.

Histórias constrangedoras

Acontecimentos envolvendo os sentimentos ou limitações dos outros jamais devem ser usados como ilustração, evitando constranger as pessoas envolvidas.

Histórias impróprias ao púlpito

Entre elas, podemos destacar:

Histórias que mais parecem contos de carochinha

Enquanto o pregador narra tais “fatos” os ouvintes se entreolham e indagam: — Será que realmente aconteceu?

Histórias com dose excessiva de humor

Um pouco de humor é excelente recurso; o sermão deve ser alegre, mas é preciso cuidado com o humor exagerado: muita gente ri e o riso pode ser exagerado a ponto de dificultar a comunicação. Quando isso acontece, o pregador deixa de ser arauto das Boas-Novas e mais parece o bobo da corte.

Piadas de mau gosto

Palavras e expressões que não edificam não devem fazer parte do nosso vocabulário e, muito menos, ser usadas no púlpito.

Boas ilustrações, aliadas à boa aplicação, e somadas à explanação, possibilitam o equilíbrio do sermão tornando-o relevante, capaz de falar ao ouvinte na atualidade.

1 FULLER, APUD SPURGEON. OP. CIT., P. 1.[\[VOLTAR\]](#)

2 SPURGEON. OP. CIT., P. 3.[\[VOLTAR\]](#)

3 CRANE. OP. CIT., P. 129.[\[VOLTAR\]](#)

4 SPURGEON. OP. CIT., P. 15.[\[VOLTAR\]](#)

5 VALDÍVIO DE OLIVEIRA COELHO, PASTOR DA IGREJA BATISTA SIÃO, EM SALVADOR, BAHIA, FOI, ENTRE OS PASTORES BATISTAS, UM DOS MAIORES EVANGELISTAS E AVIVALISTAS DO BRASIL, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO 20.
[\[VOLTAR\]](#)

6 VALDÍVIO COELHO. *COMO PREPARAR O SERMÃO*.[\[VOLTAR\]](#)

7 DAVID MEIN. *SERMÃO OFICIAL DO CENTENÁRIO DOS BATISTAS BRASILEIROS.*
[\[VOLTAR\]](#)

8 JILTON MORAES. *O TOQUE DE JESUS.*[\[VOLTAR\]](#)



11

A boa mensagem fala ao ouvinte

O sermão que alcança na atualidade é aquele cuja mensagem fala à vida do ouvinte. Quanto mais nos aproximamos do ouvinte tanto mais condições temos de fazê-lo aproximar-se da mensagem.

A pregação se torna relevante quando, sustentada em base bíblica, apresenta um conteúdo contextualizado capaz de alcançar os ouvintes, oferecendo-lhes fé para a dúvida, alimento para a fome, esperança para o desespero, respostas para as indagações, ânimo para o desânimo e conforto para a aflição. Para tanto, é necessário que o pregador considere a existência de duas culturas: a das pessoas para quem o texto foi originalmente escrito e a dos ouvintes na atualidade. Somente assim o pregador terá condições de, estudando as realidades do passado e conhecendo a situação contemporânea, tornar a mensagem atual, clara e desafiadora — mensagem ao homem de hoje.^[Nota 1] É nesse ponto que entra a aplicação: “O processo retórico mediante o qual se aplica direta e pessoalmente a verdade ao indivíduo, a fim de persuadi-lo a reagir de modo favorável”.^[Nota 2] Sem aplicação não há persuasão e, portanto, não há pregação.

A aplicação é importante por tornar a mensagem pessoal. Um sermão sem aplicação, por mais bem elaborado e apresentado que seja, não passa de um discurso distante e impessoal. É somente quando o pregador aplica, quando os conceitos e ideias se aproximam do ouvinte, e de tal modo a mensagem o alcança, que ele afirma: “Deus falou ao meu coração; a mensagem foi para mim”. Através da aplicação o ouvinte passa a se sentir parte do sermão.

Na aplicação, a mensagem é personalizada, relacionada à vida do ouvinte. Aplicar tem vários sentidos, entre eles:

1. pôr em prática;
2. acomodar;
3. adaptar;
4. adequar.

A partir dessas palavras, podemos dizer que *aplicar* é tornar o sermão prático, acomodando-o ao auditório através da adaptação dos seus conceitos e ensinamentos à vida dos ouvintes, de tal modo que resulte em uma boa adequação, capaz de possibilitar ao pregador entrar no mundo do ouvinte, para trazê-lo ao mundo da mensagem pregada.

O pregador evangélico deve ser sábio em aplicar. Excelente exemplo de aplicação está no sermão ético que o profeta Natã pregou ao rei Davi, com o propósito de persuadi-lo a reconhecer o pecado que havia cometido ao apoderar-se da mulher de Urias.

Veja como Natã aplicou sabiamente:

O texto bíblico (2Sm 12.1-7)	Os passos na aplicação
(v. 1) “E o Senhor enviou a Davi o profeta Natã. Ao chegar, ele disse a Davi: ‘Dois homens viviam numa cidade, um era rico e o outro, pobre’.”	1. Para tornar prática a sua mensagem, o profeta lança mão de uma ilustração.
(v. 2-3) “O rico possuía muitas ovelhas e bois, mas o pobre nada tinha, senão uma cordeirinha que havia comprado. Ele a criou, e ela cresceu com ele e com seus filhos. Ela comia junto dele, bebia do seu copo e até dormia em seus braços. Era como uma filha para ele.”	2. Através do conteúdo da ilustração, o profeta acomoda a mensagem ao seu ouvinte.

O texto bíblico (2Sm 12.1-7)	Os passos na aplicação
(v. 4) “Certo dia, um viajante chegou à casa do rico, e este não quis pegar uma de suas próprias ovelhas ou de seus bois para preparar-lhe uma refeição. Em vez disso, preparou para o visitante a cordeira que pertencia ao pobre.”	3. Visando adaptar a mensagem à realidade do ouvinte, o profeta cria uma situação em que a única ovelha do homem pobre é covardemente roubada.
(v. 5, 6) “Então Davi encheu-se de ira contra o homem e disse a Natã: ‘Juro pelo nome do Senhor que o homem que fez isso merece a morte! Deverá pagar quatro vezes o preço da cordeira, porquanto agiu sem misericórdia’.”	4. O profeta consegue adequar a mensagem: não apenas ele entra no mundo do ouvinte, mas consegue trazer o ouvinte ao mundo da mensagem.
(v. 7) “Você é esse homem!, disse Natã a Davi...”	5. Numa aplicação direta, o sermão é concluído, confrontando o ouvinte.

Através da aplicação, Natã apresentou a verdade ao seu ouvinte, apresentando-lhe o plano de Deus e persuadindo-o a uma mudança comportamental. Brown afirmou: “A aplicação precisa demonstrar por que a pessoa deve ouvir o sermão e responder, indicando como pode o ouvinte receber a verdade nele apresentada e viver de acordo com ela”. [\[Nota 3\]](#)

No passado, os sermões de muitos pregadores se tornaram impessoais e distantes. Lloyd-Jones contou que uma senhora, após ouvir famoso pregador, afirmou haver gostado do sermão. O comentário levou alguém a perguntar-lhe se compreendera o que ele dissera. Diante da indagação, ela respondeu: “Longe de mim presumir que poderia entender tão grande homem como aquele”. Lloyd-Jones completou: “Essa era a atitude antiga, mas já desapareceu. Estamos em uma nova posição, na qual os ouvintes nos bancos estão insistindo nos seus direitos”. [\[Nota 4\]](#)

O tempo dos sermões arcaicos passou. O sermão que alcança o objetivo na atualidade é aquele cuja mensagem fala à vida do

ouvinte. O pastor de minha igreja, quando eu era criança, pregava longos sermões; eram verdadeiras peças retóricas — porém prolixas e distantes dos ouvintes. Ainda me lembro que a aplicação, na maioria das vezes, vinha apenas na conclusão. A mensagem era rica de conceitos e ensinamentos; uma verdadeira aula de Bíblia, mas ficava distante dos ouvintes por não relacionar a mensagem ao momento que viviam, aos problemas que atravessavam.

Muitos pregadores reconhecem que o sermão, para alcançar êxito na atualidade, precisa ter um vasto material de aplicação; e o pregador precisa ousar aplicar ao longo de toda a mensagem.

TORNANDO A APLICAÇÃO RELEVANTE

Pelo conhecimento dos ouvintes

Geralmente o melhor auditório para o bom pregador é formado por suas ovelhas. O exercício do ministério pastoral possibilita ao pastor um melhor conhecimento das pessoas de sua comunidade. O trabalho do púlpito se completa na visitação, no aconselhamento e na vivência diária com os paroquianos. E quanto mais conhecemos as pessoas, com os seus sonhos e pesadelos, capacitações e limitações, alegrias e tristezas, realizações e frustrações, mais condições temos de alcançá-las em seu mundo significativo e lhes falar ao coração. Um pastor que não se envolve com as ovelhas terá dificuldade para envolvê-las em seus sermões.

Pela proximidade com os ouvintes

Quanto mais nos aproximamos do ouvinte tanto mais condições temos de fazê-lo aproximar-se da mensagem. Alguns evangelistas já começam a mensagem aplicando essa estratégia; eles sabem que tais sermões têm bem mais alcance, por procurar envolver o ouvinte desde as primeiras palavras.

Precisamos começar onde as pessoas vivem, e depois levar a alma sequiosa de respostas para as fontes bíblicas e doutrinárias, em vez de usar o tipo tradicional de pregação expositiva, que gasta os primeiros parágrafos explicando raízes gregas e hebraicas, enquanto a mente dos ouvintes passeia por pastos mais verdes. O sermão precisa prender a atenção do ouvinte com um enfoque realista da vida. [\[Nota 5\]](#)

Bom exemplo de proximidade com os ouvintes é pensarmos no pregador visitante. Nunca antes havia ali estado e veio para uma série de pregações; nada conhece da cidade e de seus costumes;

nada sabe do povo e seus problemas. O que o pregador pode fazer para conseguir proximidade com um auditório que não lhe é conhecido? Ele poderia ficar distante, mas sabendo que, sem proximidade com os ouvintes, teria dificuldades de comunicar a mensagem, procurou antecipadamente inteirar-se de tudo sobre o povo. Por isso, sua mensagem usará figuras que as pessoas conhecem. Ele pode mencionar algo da história da cidade, nomes das principais ruas, alguns vultos ilustres, os pratos que fazem a culinária local e outros detalhes que vão chamar a atenção dos ouvintes, fazendo-os sentir que a mensagem está sendo dirigida diretamente a eles.

Pela intimidade com o texto bíblico

Para pregar um bom sermão não basta conhecer as pessoas e seus problemas; é preciso conhecer o que a Palavra de Deus tem a comunicar e ter intimidade com o texto bíblico. Pregadores falham quando planejam basear o sermão no bom livro de antropologia, sociologia, psicologia ou outro livro qualquer recentemente lido. Precisamos ter em mente que a base da pregação cristã é sempre a Bíblia. Jamais nos devemos esquecer que os fiéis vão ao templo motivados a ouvir a Palavra de Deus e não as palavras do pregador.

A aplicação relevante tem sua base no uso adequado do texto bíblico. John Stott declarou que a autoridade da pregação depende da proximidade entre o pregador e o texto bíblico que está sendo exposto. [\[Nota 6\]](#) Mais que ter um texto bíblico, o pregador precisa conhecê-lo em profundidade para dele tirar lições relevantes para o momento atual.

A intimidade com o texto bíblico é conseguida quando ele, de tão importante, passa a fazer parte da vida do pregador. Quanto mais o texto fala ao coração do pregador, mais condições tem de falar aos ouvintes. Com um texto bíblico que se constitui de palavras áridas e distantes, jamais o pregador terá condições de aplicar bem as verdades do Livro Santo aos seus ouvintes. Quem quiser crescer na

arte de aplicar no púlpito deve aprofundar-se no conhecimento das Escrituras.

Pela ponte entre o texto bíblico e os ouvintes

Há uma grande distância entre o mundo bíblico e a realidade atual. É impossível haver aplicação sem a aproximação desses dois mundos. Clyde Fant declarou que “a pregação verdadeira ocorre somente quando estabelece um diálogo a meio caminho entre o pregador e seus ouvintes”.[\[Nota 7\]](#) É a esse indispensável diálogo mencionado por Fant, que chamamos aplicação. Harold Freeman afirmou que há um abismo entre o mundo bíblico e o mundo moderno, e que o pregador, com sua palavra, tem a responsabilidade de construir uma ponte capaz de ligar esses dois mundos.[\[Nota 8\]](#) A aplicação torna possível essa ponte, que Freeman chamou de arco da pregação.

Pela simplicidade da mensagem

O sermão precisa ser simples para alcançar os ouvintes e comunicar o que Deus tem a lhes falar. Lloyd-Jones declarou que a função do pregador “não é apresentar uma pesquisa erudita do texto, nem fazer uma exibição de seu conhecimento; ele está tratando com almas vivas e deseja comovê-las, conduzindo-as com ele, guiando-as à Verdade”.[\[Nota 9\]](#)

Alguns pregadores têm medo de pregar sermões simples para não serem classificados de supérfluos. Há uma grande diferença entre simplicidade e superficialidade na pregação: o pregador simples tem algo a comunicar e sabe a melhor maneira para fazê-lo; o pregador supérfluo não tem o que comunicar e muito menos como fazê-lo. A pregação pode ser simples, com grande conteúdo e excelente comunicação. Como pregadores, precisamos considerar que pregamos não para demonstrar conhecimento pessoal, mas para apresentar a mensagem: poder de Deus e sabedoria de Deus;

pregamos para falar ao ouvinte e, quando não conseguimos fazê-lo, não cumprimos a missão que o Senhor da pregação tinha para nós. O bom pregador tem a simplicidade capaz de alcançar o seu auditório.

Pela objetividade da mensagem

O pregador deve esforçar-se para tornar sua mensagem a mais objetiva possível. Quanto mais o sermão é objetivo, tanto mais condições tem de alcançar o ouvinte, que se torna capaz de compreender, assimilar e introjetar os valores apresentados. “A mensagem embasada em linguagem popular atinge uma quantidade enorme de receptores, já que os sinais ou símbolos são aqueles usados no cotidiano.”[\[Nota 10\]](#)

Pelo uso de uma boa ilustração

Pregadores hábeis em ilustrar geralmente têm habilidade em aplicar. A partir do uso correto de uma ilustração, é mais fácil aplicar e falar ao coração do ouvinte. David Mein, em seu sermão “Cantando à meia-noite”, usou exemplos de pessoas que louvaram ao Senhor nas dificuldades. Ele mencionou Fanny Crosby, uma pessoa cega, com grandes limitações físicas. Ela escreveu vários hinos, entre eles o 356 do Cantor Cristão:

Meu Jesus me guia sempre. Que mais posso desejar?
Duvidar do meu Amado? Do meu Deus desconfiar?
Paz perfeita, gozo infindo tenho, e sua proteção;
Pois eu sei que por mim vela seu bondoso coração.

A partir dessa ilustração, foi criada a aplicação direta, mostrando que se uma pessoa, que teria tudo para ser insatisfeita, ficou tão realizada por sua fé em Jesus, nós também precisamos ter a capacidade de cantar, por mais difícil que seja a situação, reafirmando a nossa fé no Cristo glorioso que nos tem dado vida.

[\[Nota 11\]](#)

Pelo equilíbrio do sermão

Ao longo da mensagem o pregador precisa trabalhar a aplicação, junto com a explanação e as ilustrações, mantendo assim um equilíbrio entre esses elementos funcionais. O tempo despendido pelo pregador de quase uma hora no púlpito trabalhando apenas a explanação do texto bíblico, é passado. Tais sermões, mesmo sendo boas aulas de Bíblia, são incapazes de manter a atenção do ouvinte. Quando a aplicação começa a ocorrer desde a introdução, a mensagem tem muito mais poder de atração, por estar apresentando realidades vivas e não apenas conceitos abstratos. [\[Nota 12\]](#)

Observe neste exemplo, como a aplicação ocorre a partir do próprio texto, em Atos 16.26:

De repente, houve um terremoto tão violento, que os alicerces da prisão foram abalados. Imediatamente todas as portas se abriram, e as correntes de todos se soltaram.

Não dá para imaginar as maravilhas que Deus quer realizar entre nós. Os problemas da noite se transformam nas bênçãos do amanhecer, as dificuldades em facilidades; as limitações em realizações e as tristezas em alegrias. Finda o choro da noite e vivemos a alegria do amanhecer!

É impossível a qualquer pregador conseguir equilíbrio em sua mensagem se não fizer bom uso da aplicação.

A preocupação com o alcance da mensagem deve estar presente em todas as partes da mensagem, motivando o pregador a trabalhar a aplicação desde a introdução, que é o momento crucial para conquistar os ouvintes.

1 MORAES. *O VALOR DA BREVIDADE*, P. 147. [\[VOLTAR\]](#)

2 BRAGA. *OP. CIT.*, P. 185. [\[VOLTAR\]](#)

3 H. C. BROWN JR.. *LA PREPARACIÓN PARA EL SERMON EM LA ACTUALIDAD*, IN: RODOLFO G. TURNBULL (ED.). *DICCIONARIO DE LA TEOLOGIA PRÁCTICA — HOMILÉTICA*, P. 63. [\[VOLTAR\]](#)

- 4 LLOYD-JONES. *OP. CIT.*, P. 88.[\[VOLTAR\]](#)
- 5 LLOYD M. PERRY & CHARLES SELL. *PREGANDO SOBRE OS PROBLEMAS DA VIDA*, P. 20.[\[VOLTAR\]](#)
- 6 STOTT. *OP. CIT.*, P. 37.[\[VOLTAR\]](#)
- 7 CLYDE E. FANT. *PREACHING FOR TODAY*, P. 169.[\[VOLTAR\]](#)
- 8 HAROLD FREEMAN. *NUEVAS ALTERNATIVAS EM LA PREDICACIÓN BÍBLICA*, P. 26.
[\[VOLTAR\]](#)
- 9 LLOYD-JONES. *OP. CIT.*, P. 66.[\[VOLTAR\]](#)
- 10 JOSÉ MARIA N. PEREIRA. *FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA COMUNICAÇÃO*.
IN: ADÍSIA SÁ (COMP.). *FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS DA COMUNICAÇÃO*, P. 131.
[\[VOLTAR\]](#)
- 11 DAVID MEIN. ARQUIVO HOMILÉTICO. *SERMÃO: CRISTO GLORIOSO*, DM
717/EV.DV.[\[VOLTAR\]](#)
- 12 MORAES. *A CUMPLICIDADE NA PREGAÇÃO. REFLEXÃO E FÉ*, P. 108.[\[VOLTAR\]](#)



12

É preciso conquistar o ouvinte

Quando o pregador começa bem, amplia as possibilidades de se conduzir bem durante toda a apresentação no púlpito; do contrário, quando começa mal, dificilmente tem chances de reconquistar o ouvinte.

Começar o sermão é um dos passos mais difíceis. E essa tarefa se torna complicada aos pregadores que insistem em iniciar a elaboração de seus sermões escrevendo a introdução, como o primeiro passo. Nem sempre os pregadores iniciantes compreendem quando são aconselhados a só escrever a introdução depois de terem elaborado todos os demais passos do sermão.

A introdução, mesmo sendo o primeiro elemento que aparece no púlpito, é um dos últimos a ser elaborado no gabinete de estudos. Somente depois de ter toda a pesquisa pronta, com os tópicos, ilustrações, aplicação e, algumas vezes, até a conclusão, é que temos condições de elaborar convenientemente a introdução. Não é possível determinar como devemos começar a apresentar algo que ainda não sabemos exatamente o que é; somente depois de conhecer o conteúdo e movimento do sermão poderemos determinar qual o melhor modo de iniciá-lo. Claro que todo sermão precisa de um começo; o problema é que não se trata simplesmente de começar, mas começar bem.

Qual o principal propósito da introdução? Brown respondeu, afirmando: “O propósito principal da introdução é despertar o interesse do ouvinte, tornar claro o propósito do sermão e criar empatia entre o pregador e a congregação”.[\[Nota 1\]](#) Dickson ensinou aos seus alunos que “o propósito da introdução é ganhar o coração,

o ouvido e a mente do ouvinte”.[\[Nota 2\]](#) E Key ensinou que “a introdução deve despertar a atenção dos ouvintes e provocar interesse no sermão”.[\[Nota 3\]](#)

Um dos grandes segredos para uma boa introdução é a frase inicial. Quando o pregador começa bem, amplia as possibilidades de se conduzir bem durante toda a apresentação no púlpito. Do contrário, dificilmente tem chances de reconquistar o ouvinte. Em outras palavras: é na introdução que o pregador ganha ou perde a luta pela atenção do ouvinte. Se a frase inicial soar ao ouvinte como um desafio amável e firme, ele terá uma atitude de disponibilidade para ouvir o que vai ser comunicado no sermão. Mas uma boa introdução não é constituída apenas da frase inicial; ela requer, também, uma boa elaboração.

COMPONENTES DE UMA BOA INTRODUÇÃO

A melhor fórmula para juntar os ingredientes que fazem uma boa introdução é recorrer à pesquisa, com os passos para a preparação do sermão, ou seja:

$$\begin{array}{ccccccccc} \text{TEXT} & + & \text{IC} & + & \text{TES} & + & \text{TÍTUL} & = & \text{INTRODUÇÃ} \\ \text{O} & & \text{T} & & \text{E} & & \text{O} & & \text{O} \end{array}$$

Apesar de a tradição ter determinado através de anos que a leitura do texto vem sempre em primeiro lugar, esta não é uma ordem inalterável. A ordem desses fatores não altera o produto. Em muitas introduções será melhor começar com a leitura do texto; em outras, porém, a leitura textual poderá vir em último lugar, dentro da introdução, como parte integrante da introdução e não como um apêndice.

CARACTERÍSTICAS DE UMA BOA INTRODUÇÃO

Para que um sermão atraia a atenção dos ouvintes, desafiando-os a ficar atentos ao que vai ser comunicado no púlpito, necessita de uma boa introdução, cujas características relacionamos a seguir.

Biblicidade

Uma boa introdução, de qualquer tipo, deve estar diretamente relacionada à verdade bíblica que se pretende destacar no sermão. O pregador precisa entender que tudo que compõe a introdução deve ter o propósito de chamar a atenção do ouvinte para a verdade a ser pregada. Considerando que a verdade pregada há de ter sua base na Palavra de Deus, toda boa introdução deve atrair a atenção do ouvinte para o conteúdo bíblico a ser comunicado.

Brandura

Se, durante todo o sermão a mensagem precisa ser comunicada com brandura, na introdução muito mais. Sem brandura não se conquista o coração e, sem conquistar o coração, não chegamos ao ouvido e à mente dos nossos ouvintes. Lembro-me do pregador naquela noite: ele começou o sermão encarando duramente os ouvintes e, com o dedo em riste, indagou, em tom acusatório:

— Crentes em Cristo, ou sepulcros caiados? O que vocês realmente são?

E prosseguiu rispidamente:

— Eu sei que há muita gente hipócrita aqui.

Mesmo admitindo a hipótese de alguns ouvintes serem infiéis e hipócritas, o pregador jamais deverá iniciar a mensagem com tão forte acusação. A primeira preocupação do pregador no púlpito deve ser conquistar a atenção dos ouvintes. O pregador inteligente ganha o coração do ouvinte e assim conquista a sua atenção. As verdades

mais duras e contundentes podem ser ditas com educação e cordialidade. O pregador jamais deve parecer zangado. Ninguém precisa surrar o púlpito para dizer que os pais devem educar os filhos.

Brevidade

Se, em todo o sermão, a capacidade de dizer o máximo no mínimo de palavras é extremamente importante, na introdução esse princípio é não só importante como indispensável. Preferencialmente a introdução, incluindo a leitura do texto bíblico, não deverá ocupar mais que dez por cento do tempo do sermão. Ilion Jones, após lembrar que as pessoas vivem num tempo de pressa, acrescentou: “Qualquer coisa que se diga pró e contra as introduções, tudo parece concordar que elas devem ser breves”. [\[Nota 4\]](#) Se o pregador cansa seus ouvintes na introdução, eles logo se desmotivam a ouvir o restante do sermão. Sobre essa realidade, Charles Dargan contou que uma senhora, depois de ouvir um pregador que costumava usar longas introduções, afirmou: “Apesar de ser um homem de Deus, gastava tanto tempo colocando a mesa, que ela perdia o apetite para a refeição”. [\[Nota 5\]](#)

Clareza

Começando com o título, o sermão precisa ser claro para ser plenamente compreendido pelos ouvintes. E na introdução, quando o primeiro contato com os ouvintes está sendo mantido, é que, de modo muito especial, a mensagem precisa ser clara. Os ouvintes da atualidade não se dispõem a prestar atenção em palavras que são proferidas sem clareza. José Maria Pereira diz que a mensagem clara atinge o ouvinte de modo direto, tornando mais fácil sua assimilação e incorporação ao sistema de valores do indivíduo. “A mensagem embasada em linguagem popular atinge uma quantidade enorme de receptores, já que os sinais ou símbolos são aqueles usados no cotidiano”. [\[Nota 6\]](#)

Cumplicidade

A cumplicidade é um recurso necessário ao momento atual. Para alcançar os ouvintes, o sermão precisa de base bíblica e identificação com o auditório. Se o pregador não alcançar o coração das pessoas, jamais conseguirá empatia com os ouvintes. A cumplicidade na pregação, apesar de ser um recurso para o momento, não é uma inovação; foi usada no Antigo Testamento; basta, como já vimos, olhar a pregação de Natã. Desde a introdução, as pessoas precisam deixar de ser simples ouvintes e tornarem-se participantes na pregação. O abismo entre o mundo da pregação e o mundo do ouvinte deixa de existir; o pregador entra no mundo do ouvinte com a mensagem e possibilita ao ouvinte entrar no mundo fascinante da Revelação Bíblica; o pregador dá ao auditório a oportunidade de interagir, sentindo-se assim como coautor e coapresentador do que está sendo dito no púlpito.

Honestidade

A introdução não pode ser mais que o sermão.

É desnecessário uma introdução muito bem elaborada se as demais partes da mensagem estão apenas alinhavadas. Uma boa introdução requer um bom sermão. Se o pregador não tiver um sermão à altura de sua introdução, todo o esforço pela atenção do ouvinte terá sido em vão. Todas as indagações feitas no início do sermão deverão ter respostas, todos os questionamentos colocados diante dos ouvintes deverão ser esclarecidos, e nenhuma promessa deverá ser feita sem que possa ser cumprida ao longo da apresentação da mensagem.

Novidade

Uma das grandes precauções dos evangélicos é a novidade nos sermões. Em uma pesquisa sobre os *fatores para melhorar a pregação*, apenas 2,09% dos ouvintes e 0,43% dos pastores

indicaram a novidade como um fator importante. [\[Nota 7\]](#) O problema é que algumas pessoas têm confundido novidade com abertura para inovações teológicas ou desvios da sã doutrina. A novidade necessária à introdução e a todo sermão é a capacidade do pregador de, usando velhos textos bíblicos, apresentar a mensagem de modo novo; de poder tirar novas lições de textos antigos; de saber introduzir velhos assuntos de modo novo; e de apresentar velhos conceitos com novas palavras.

ALGUNS TIPOS DE INTRODUÇÃO

Vários são os tipos de introdução e algumas vezes o pregador usa uma associação de mais de um tipo. Precisamos considerar que a frase inicial é de grande importância para o desenvolvimento do sermão como um todo. Na maioria das vezes, a primeira impressão perdura até o final da mensagem. Eis alguns dos tipos de introdução mais usados.

Afirmção

O sermão inicia com uma sentença afirmativa. Pode ser bíblica:

“No mundo, passamos por aflições.”

“Jesus veio para nos dar vida.”

Pode iniciar, também, com uma afirmação da história:

“Independência ou morte!”

É válido lançar mão de uma afirmação com base no texto bíblico da mensagem ou de um texto paralelo:

“A alegria vem pela manhã.”

“Tudo podemos em Cristo.”

Podem-se usar, ainda, afirmações das pesquisas e experiências do pregador ou de qualquer fonte digna de menção no púlpito. Uma afirmação para iniciar o sermão deve ser atraente, clara, elegante, relevante, simpática, sincera, verdadeira e capaz de oferecer a ideia da tese do sermão. Observe esta introdução cujas primeiras palavras são uma sentença afirmativa.

A ALEGRIA VEM PELA MANHÃ

Texto: SI 30.5

Introdução

Choro e alegria são sentimentos antagônicos. Mas são comuns ao ser humano.

Quem nunca chorou?

Nascemos chorando e tanto choramos em nossa curta passagem neste mundo, que faz com que este mundo seja chamado de vale de lágrimas.

O ser humano anela por alegria.

Mas, onde encontrar a verdadeira alegria?

Confiante no favor divino, Davi afirmou que a alegria vem após uma noite de choro.

As palavras são de Davi, rei de Israel. Um homem que conheceu o pranto e o regozijo, a dor e a alegria.

Confiando no Senhor, alcançamos a alegria que vem pela manhã.

“O choro pode persistir uma noite, mas de manhã irrompe a alegria.”

Dramatização

Uma boa introdução dramatizada só é possível quando se dispõe de um grupo de teatro. Um grupo com criatividade e talento pode criar ou adaptar uma pequena encenação, de acordo com a mensagem a ser comunicada; deve ser simples e breve, preferencialmente não ultrapassando cinco minutos; os participantes devem estar conscientes da responsabilidade de serem mais pregadores que atores. O quanto possível, o pregador deve assistir a pelo menos um dos ensaios e orar com os integrantes da equipe.

Vejamos este exemplo. Ele foi possível graças à ação do grupo de teatro do Seminário Teológico Batista Equatorial, em Belém. O

grupo dramatizou a introdução desta mensagem em outubro de 1998, quando ali preguei. Observemos como funcionou a dramatização:

Dois jovens aparecem conversando; um deles tenta convencer o colega a tomar determinada decisão que parece ser a melhor e mais vantajosa; o outro está preocupado com a ética de sua decisão; por mais que o colega tente, com bons argumentos, persuadir o amigo a *dizer sim* à decisão mais fácil, ele, com força e coragem, encara o amigo e afirma: “Minha decisão é *não*. Não. Não devo. Não posso. Não quero”. Assim afirmando, ele sai com o colega. Após esta apresentação, o pregador assoma ao púlpito e com poucas palavras completa a introdução, como podemos ver:

CORAGEM PARA DIZER NÃO

Texto: Dn 1.8

Introdução

Dizer não nem sempre é fácil. O advérbio não é um dos primeiros vocábulos que a criança ouve, um dos primeiros que aprende a falar, mas é uma das palavras mais difíceis de ser pronunciada quando crescemos e passamos a nos comunicar efetivamente uns com os outros.

Daniel, em diferentes momentos de sua vida, teve coragem para dizer não. Hoje precisamos ter coragem para dizer não. O nosso ideal deve ser o de vencer tentações, vantagens e armadilhas do mundo, para fazer a vontade do Senhor que deixou sua glória para nos dar vida.

Ilustração

Uma boa ilustração para ser usada na introdução deve ser breve e capaz de chamar a atenção dos ouvintes para as verdades da mensagem. Algumas vezes é possível contar apenas uma parte da ilustração, deixando o final para ser narrado no corpo do sermão ou mesmo na conclusão. O exemplo a seguir focaliza uma ilustração bíblica:

A ELOQUÊNCIA DO SILÊNCIO

Texto: Mc 14.60,61; 15.4,5; Lc 23.8,9

Introdução

Meia hora de silêncio... João registra que houve meia hora de silêncio no céu. E aqui na Terra, quanto tempo somos capazes de guardar em silêncio? Maria, a mãe de Jesus, foi uma personagem que entrou para a história como capaz de silenciar:

“Maria, porém, guardava todas essas coisas e sobre elas refletia em seu coração” (Lc 2.19).

Há momentos na vida em que o silêncio é mais eloquente que quaisquer palavras: tanto se pode falar sem palavras, que vale a pena refletir sobre a eloquência do silêncio.

Interrogação

Deve ser uma pergunta bem formulada, pertinente e capaz de chamar a atenção dos ouvintes. Todo cuidado é necessário para que indagações tolas e até jocosas sejam evitadas. Há alguns anos ouvi um pregador que iniciou o sermão perguntando: Por que eu não sou um urubu?

A partir dessa pergunta ele introduziu o texto: “Graças a Deus eu sou o que sou”. Ele teria tido um começo melhor se usasse a figura de outros animais: Por que eu não posso voar como uma águia? Por que eu não tenho a força de um leão? Por que não sou tão grande quanto um elefante? Por que não tenho a graciosidade dos golfinhos? Veja este exemplo de introdução com interrogação:

A DIGNIDADE DA VIDA OPEROSA

Texto: Cl 1.10

Introdução

Onde está a dignidade da vida operosa?

A vida cristã é um constante desafio ao labor, ao trabalho, à operosidade.

Paulo desafiou os crentes em Colossos a viverem para agradar o Senhor, frutificando e crescendo no conhecimento dele.

Somos chamados a uma vida de serviço: devemos viver para agradar ao Senhor, produzir frutos para sua honra e crescer no conhecimento dele.

Onde está a dignidade da vida operosa?

Música

O pregador inicia a mensagem lançando mão da letra de um ou mais hinos. Se tais hinos estiverem inseridos na ordem do culto, será ainda melhor. O uso da música que cantamos em nossas igrejas na introdução de sermões traz várias vantagens:

Atrai pelo uso de realidades conhecidas e queridas dos ouvintes.

Ajuda a memorização da tese ou verdade central porque os valores cantados ficam mais facilmente gravados que a palavra falada.

Cria um elo entre a mensagem e o culto de modo especial, se o hino mencionado está nela inserido.

Realça a mensagem musical, motivando os ouvintes a prestar mais atenção às letras dos hinos.

Desafia os crentes a levar a sério as letras dos hinos. Destaca o quanto a música é importante na proclamação da

Palavra.

Alguns pregadores têm usado letras de músicas populares para introduzir sermões. É preciso cuidado com o uso dessas letras no púlpito. Você pode encontrar músicas populares com boas letras, mas é prudente considerar as seguintes questões antes de usá-las:

Vale a pena usar a letra da tal música?

A letra da música é apropriada ao culto?

Posso encontrar melhor mensagem musical em outra fonte?

O uso da tal música não vai desviar o foco da atenção do sermão, com alguns ouvintes solfejando sua melodia?

De que modo a igreja reagirá ao uso da tal música no sermão?

Estarei escandalizando os mais imaturos?

O exemplo a seguir mostra como dois conhecidos hinos [\[Nota 8\]](#) foram usados para introduzir o sermão, parte de uma série, que tem como tema geral: “Ser de Jesus é...”

SER DE JESUS É ESTAR UNIDO A ELE

Texto: Rm 14.8; 8.35-39

Introdução

Cantamos: “Eu sou de Jesus, aleluia, de Cristo Jesus meu Senhor”.

“Que segurança. Sou de Jesus! Eu já desfruto as bênçãos da luz. Sou por Jesus herdeiro de Deus; ele me leva à glória dos céus”.

Que significa esta afirmação: “Sou de Jesus?”.

Ser de Jesus é estar unido a ele na vida e na morte.

Paulo, o apóstolo, afirmou que vivendo ou morrendo somos do Senhor e nada nos separa do seu amor.

Nada nos separa do amor de Deus, vivendo ou morrendo estamos unidos a Cristo. Ser de Jesus é estar unidos a ele.

Negação

O sermão inicia com uma frase negativa, que precisa ser bem pronunciada para que a mensagem seja realmente compreendida. Deve ser uma frase que cause impacto.

Veja o exemplo a seguir:

A FRONTE ENSANGUENTADA

Texto: Mc 15.17-19

Introdução

Ele não tinha aparência. Não tinha formosura. Nenhuma beleza podia ser vista nele...

“Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada havia em sua aparência para que o desejássemos” (Is 53.2).

Quem gostaria de ter um amigo assim?

Parece a descrição de alguém horripilante e indesejável. Mas, na realidade, o profeta estava falando da pessoa mais fantástica que o mundo já conheceu — a expressão máxima da graça de Deus, o Rei dos reis, o Senhor dos senhores; o Filho de Deus feito homem: Jesus de Nazaré.

Por que o profeta falou que ele não tinha qualquer beleza?

Ocasão especial

A introdução é elaborada a partir da realidade vivida pela comunidade. Pode ser uma ocasião indicada no calendário secular da Igreja, um momento de gratidão e alegria vivido pelo povo.

Veja o exemplo a seguir:

SONHOS, REALIDADES E INCENTIVOS NO PASTORADO

Texto: Js 1.1-9

Introdução

Nesta ocasião festiva, lembro-me dos sonhos arquitetados em minha mente, quando, dois dias após minha consagração, tomei posse pela primeira vez no pastorado de uma igreja.

Deus nos criou com a capacidade de sonhar. Sonhar acordados; sonhar com os olhos abertos; sonhar com os pés no chão!

Hoje é um dia de sonhos para o pastor... e para a Igreja...

Ao chamar Josué, Deus o incentivou, preparando-o para enfrentar as realidades de ministrar em seu nome.

Deus incentiva a todos quantos chama ao seu trabalho, preparando a enfrentar as realidades do ministério. Todos sonhamos, mas há uma grande diferença entre sonhos e realidades.

Quais os possíveis sonhos na mente do pastor... hoje, no dia da sua posse no pastorado desta igreja?

Poética

A poesia é excelente recurso para introduzir sermões. O pregador pode usar um poema de sua autoria ou de outro autor, com a mensagem apropriada. Pode, também, utilizar a linguagem poética, sem necessariamente tratar-se de um poema. O exemplo a seguir mostra um modelo de introdução poética sem uso de um poema.

UM HINO À MEIA-NOITE

Texto: At 16.25

Introdução

Meia-noite. Meia-noite diz não apenas que o dia está terminando, mas que outro dia vem como símbolo de problemas e dificuldades.

Meia-noite tem a ver com a noite interminável muitas vezes enfrentada; meia-noite de sofrimentos, problemas, dificuldades, dissabores.

Meia-noite, quando é mais fácil calar, mais fácil mesmo chorar; meia-noite quando é difícil cantar...

Em plena meia-noite escura, marcada por problemas e dificuldades, um hino foi ouvido. Aquela meia-noite tinha tudo para ser uma das mais tristes da história, mas o hino nela cantado fez com que, precocemente, viesse o amanhecer.

“Por volta da meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus; os outros presos os ouviam.”

Mais fácil mesmo era chorar que cantar. Paulo e Silas haviam sido presos injustamente, presos por fazer o bem; haviam sido arrastados até a praça e, na presença dos magistrados, depois de caluniados e terem as vestes rasgadas, foram açoitados com varas. A história registra que foram muitos açoites; e depois de tão cruelmente açoitados, foram lançados na prisão... Eles estavam no desconforto de um cárcere de segurança máxima e ainda com os pés presos ao tronco. Mas, ainda assim, apesar de todo desconforto, apesar de todo o sofrimento, cantaram.

Paulo e Silas podiam ter ficado em silêncio, mas cantaram um hino à meia-noite. Paulo e Silas, cantando um hino à meia-noite, viveram a alegria do amanhecer...

Cantando um hino à meia-noite, finda o choro e vivemos a alegria do amanhecer

Recurso visual

Para esse tipo de introdução, o pregador usa o melhor recurso visual disponível. Além dos recursos oferecidos pela informática e eletrônica, o pregador pode lançar mão de vários outros. O telefone pode ser um bom exemplo: “telefone celular”. O pregador pode falar com alguém do próprio auditório, preferencialmente uma criança, para introduzir o assunto: comunicação com Deus por meio da oração. No exemplo a seguir, a ideia é usar os jovens aprovados no exame do vestibular, chamando-os à frente, para apresentar um personagem que foi aprovado em três fases.

TRÊS FASES — TRÊS APROVAÇÕES

Texto: Lc. 4.1-13

Introdução

Este é o grupo dos aprovados. Eles viveram a expectativa do vestibular. Serei aprovado na segunda fase?

Jesus foi provado e aprovado em três fases — três provas — três vitórias. Vitória completa temos em Jesus. O texto nos diz (v.1) que: Cheio do Espírito Santo, Jesus voltou do Jordão e era levado (guiado) pelo Espírito no deserto.

O fato de estarmos no Espírito não nos isenta das tentações, mas dá-nos forças para enfrentá-las.

Ser guiado pelo Espírito Santo é o segredo para a vitória. Haverá sempre desertos em nossas experiências.

v. 2 — Quarenta dias de tentações — provas — “tentado pelo Diabo”. Bem mais dias que as provas do vestibular — 40 dias que simbolizam uma vida toda de provas, com aprovação absoluta.

Situação real

Esta é uma das introduções que mais chamam a atenção dos ouvintes, uma vez que focaliza uma realidade conhecida ou que, de alguma forma, está sendo vivida pela comunidade. É preciso cuidado para abordar o assunto com relevância e seriedade, sem transformar a mensagem da Bíblia em um discurso político, atacando ou defendendo governantes. Observe este exemplo:

NEM TUDO ESTÁ PERDIDO

Texto: Jr. 33.3

Introdução

“Clame a mim e eu responderei e lhe direi coisas grandiosas e insondáveis que você não conhece.”

Uma expressão que se tem tornado comum nos últimos tempos e que diz bem da gravidade do momento é: não tem mais jeito. A realidade é que, para muitos, parece não haver mais esperança.

Dentro de poucos instantes estaremos entrando no segundo lustro do terceiro milênio...

Que nos aguarda neste início de milênio?

Qual seria a mensagem profética para o momento atual?

O profeta diria: há muito que vocês podem fazer. Não se preocupem com as reformas que vêm dos homens, preocupem-se com a reforma que o Senhor quer fazer em vocês; aproximem-se do Senhor, clamem a ele.

Foi assim que Deus falou ao profeta Jeremias: “Clame a mim e eu responderei e lhe direi coisas grandiosas e insondáveis que você não conhece”.

Tese

Uma ênfase especial é dada à tese. O pregador pode usá-la como as primeiras palavras, abrindo a mensagem.

Veja algumas teses que servem para iniciar sermões:

O brilho da glória do Senhor faz o homem cair para levantar-se e brilhar (At 26. 9-18).

Quando a graça de Deus trabalha a alegria, a generosidade e a entrega são vistas (2Co 8.1-5).

Libertos pelo Senhor, devemos cantar a libertação que ele nos oferece (Sl 32.1-7).

Vejamos, neste exemplo, *Com os olhos fitos em Jesus*, a tese (Para prosseguirmos firmes e sermos vitoriosos, devemos marchar com os olhos fitos no Senhor) como elemento de destaque na introdução:

COM OS OLHOS FITOS EM JESUS

Texto: Hb 12.1,2a

Introdução

Para prosseguirmos firmes e sermos vitoriosos, devemos marchar com os olhos fitos no Senhor.

O ministério pastoral é a carreira mais sublime e mais gloriosa que alguém pode exercer. Também não existe missão mais difícil de ser exercida. O autor aos hebreus desafiou os crentes a estar com os olhos fitos no Senhor.

Textual

Enfatiza a verdade apresentada no texto básico do sermão. Deve-se ter cuidado para não ficar no pretérito. Observe o exemplo:

DESAFIADOS A FAZER O BEM

Texto: At. 10.38

Introdução

“[...] andou por toda a parte fazendo o bem [...]”

Não existe referência melhor: “Quem era?” “Era aquele que andava fazendo o bem.” Não há destaque mais significativo do que a menção realçadora do bem praticado.

Assim foi Jesus de Nazaré. Tanto que Pedro, falando a seu respeito, proferiu as palavras do nosso texto: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem...”.

Andar fazendo o bem é o maior e mais sublime desafio para nós cristãos.
Tremendo desafio!

Andar como Jesus andou! Andar fazendo o bem!

CONSELHOS PARA COMEÇAR BEM

Comece onde o povo está

Jesus foi um mestre em introduzir seus sermões assim. Ele sempre usou algo significativo do mundo daqueles que o ouviam. O pregador que começa próximo dos ouvintes não tem dificuldade de aproximar-se deles com o sermão, conquistando e mantendo sua atenção.

Estude bem o material da introdução

Conheça bem o material a ser usado na introdução para não perder a comunicação visual com os ouvintes. Mesmo que o sermão seja lido, é bom cuidar para que o material da introdução esteja bem estudado, possibilitando o contato visual com os ouvintes.

Procure variar na introdução

Qualquer pregador que faz um estudo sério em seu programa de pregação descobrirá que há uma tendência em todos nós de usar mais os nossos tipos favoritos de introdução. É bom sabermos quais as nossas preferências para o início da mensagem; só assim poderemos nos preparar melhor e usar todos os tipos, mesmo os que não nos parecem tão atraentes.

Considere a ocasião e o auditório

Quando o pregador tem a sabedoria de considerar esses dois fatores, é mais fácil chegar ao mundo significativo dos ouvintes. Às vezes, a própria ocasião sugere excelentes ganchos para introduzir o sermão.

Evite o humor exagerado

Só use uma anedota, um chiste se for de muito bom gosto e tiver alguma ligação com a ideia a ser pregada. Os primeiros minutos no púlpito são preciosos demais para serem gastos em piadas.

Não peça desculpas desnecessárias

O pregador tem a autoridade dada pelo Senhor para a comunicação da mensagem. Há pregadores que, para parecer humildes, gastam um tempo grande pedindo desculpas, o que é, na verdade, uma demonstração de falsa modéstia.

Não fale de outros assuntos

Antes de começar a pregar o sermão, evite falar da família, da Igreja, da viagem que acabou de fazer ou que vai fazer; evite também uma longa saudação e tudo que tome tempo e desvie a atenção dos ouvintes.

Fale com naturalidade e vida

Gritos incomodam e uma voz muito fraca prejudica a audição. É preciso dar vida à voz, falar sentindo a significação de tudo quanto está sendo dito.

Pregue confiando no poder do Senhor

Por melhor que pareça ser a pesquisa, ela não é garantia de sucesso no púlpito. O pregador que quiser começar bem, e continuar bem, deve confiar no poder do Senhor e não na eficácia do seu trabalho.

Surpreenda seus ouvintes

Pode ser o resultado de uma pesquisa feita na igreja, ou a participação de algumas crianças; ou do grupo de teatro da Igreja; pode ser uma introdução interativa, ou alguém adentrando ao santuário inesperadamente. Uma novidade agradável e de bom senso certamente será bem-vinda. Depois de preparar o corpo do sermão e a introdução, o pregador pode partir para a elaboração da conclusão.

1 BROWN JR. *ET ALII*. *OP. CIT.*, P. 126.[\[VOLTAR\]](#)

2 DICKSON. *OS DEZ PASSOS*, P. 3.[\[VOLTAR\]](#)

3 KEY. *OP. CIT.*, P. 187.[\[VOLTAR\]](#)

4 ILION JONES. *PRINCIPLES AND PRACTICE OF PREACHING*, P. 117.[\[VOLTAR\]](#)

5 EDWIN CHARLES DARGAN. *A HISTORY OF PREACHING*, P. 180.[\[VOLTAR\]](#)

6 PEREIRA, IN: *SÁ ET ALII* (COMP.). *OP. CIT.*, P. 131.[\[VOLTAR\]](#)

7 MORAES. *O VALOR DA BREVIDADE*, P. 148-149.[\[VOLTAR\]](#)

8 HINOS “EU SOU DE JESUS”, 454 DO *HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO*, LETRA DE JAMES ROWE, E “QUE SEGURANÇA! SOU DE JESUS”, 417 HCC, LETRA DE FANNY JANE CROSBY.[\[VOLTAR\]](#)



13

Afinal, o final

Um sermão não precisa ser interminável para ter valores eternos. [...] Alguns pastores não sabem parar quando, na realidade, já terminaram. Eles não são capazes de colocar o último vagão do trem no seu devido lugar. [\[Nota 1\]](#)

Depois de ouvir por uns trinta ou quarenta minutos o sermão naquele domingo, uma piedosa irmã ficou impaciente diante da crise que se tornou visível no púlpito: o pregador, falando em *círculos intermináveis*, não conseguia encontrar o *caminho* para concluir sua mensagem. Mais tarde aquela irmã declarou: — Eu orei pedindo a Deus que tivesse misericórdia do pregador e o ajudasse a terminar o sermão.

A terrível realidade é que a irmã estava cansada de tanta redundância do pregador. Ele parecia um avião, perdido, precisando encerrar a viagem, sem encontrar teto para a aterrissagem. A conclusão há de ser concisa e precisa para que o propósito da mensagem seja alcançado.

Elaborar a conclusão não deve ser a última tarefa no preparo do esboço. O pregador terá trabalhado, desde a escolha do texto, sua ICT e demais passos até a aplicação. Enfim, chegou o momento de planejar o término do sermão.

Encerrar no momento certo é uma das grandes habilidades que o pregador deve desenvolver. Lutero foi categórico ao afirmar: “Um bom pregador deve saber parar”. [\[Nota 2\]](#) Mas há pregadores que desperdiçam tantas palavras e ficam perdidos a ponto de despertar a compaixão dos ouvintes. Para que o sermão tenha um final feliz, o pregador precisa ter em mente alguns cuidados, conhecer os

principais tipos de conclusão e saber encerrar quando realmente terminou.

ALGUNS CUIDADOS AO ELABORAR A CONCLUSÃO

Apele sem apelação

O apelo é um convite, dando ao ouvinte a oportunidade de assumir um compromisso diante das verdades apresentadas no sermão. Apelo não é apelação; deve ser feito de modo claro e direto, porém com elegância e sem indelicadezas. Não adianta forçar as pessoas a tomar decisões; devemos cumprir o papel de porta-vozes, pregar com amor, simplicidade e vida, na união do Senhor, deixando que o Espírito Santo trabalhe em cada coração.

Seja objetivo e considere a unidade

Divagações devem ser evitadas em qualquer parte do sermão e muito mais ao seu final. Na conclusão, o propósito específico é alcançado, momento em que o ouvinte é persuadido a mudanças comportamentais e firmará novos propósitos diante da mensagem pregada.

Sem divagações, temos uma boa mensagem, que tem começo, meio e fim. Não basta ter boa introdução e bom conteúdo; é fundamental que todas as partes estejam diretamente relacionadas à tese do sermão. Alguns pregadores elaboram a conclusão de tal modo que parece ser um outro sermão. Na conclusão não se deve apresentar uma nova matéria. Tudo quanto devia ter sido apresentado já deve ter sido exposto aos ouvintes para chegar o momento de terminar o discurso sem demora.

Pare sem medo e evite o chiste

Alguns pregadores continuam falando quando não têm mais nada a dizer a rigor, não conseguem terminar: o material já esgotou, mas eles discursam em círculos intermináveis. Não se deve temer o

encerramento de nossa fala: nada agrada mais ao ouvinte que o *amém final* da mensagem proferido no tempo certo. Devemos lembrar também que o humor exagerado pode ser prejudicial ao propósito de persuadir o ouvinte a assumir um compromisso diante da verdade ouvida por ele. Certos chistes são importantes à comunicação do sermão, porém não na conclusão, já que podem fragilizar tudo o que antes se disse.

Considere o propósito específico e seja breve

O rumo da conclusão é determinado pelo pregador, que elabora a conclusão a partir do propósito específico e, por isso, tem muito mais condições de alcançar seus ouvintes com brevidade. O pregador sábio é prático e objetivo. Conclusões longas dificilmente alcançam o propósito. Quando o sermão foi rico em aplicação, desde o início, há mais condições de concluir com objetividade e síntese.

Trabalhe o apelo

O apelo é parte importante do sermão, não é apêndice e muito menos outra mensagem, é uma oportunidade concedida aos ouvintes para responderem publicamente aos desafios apresentados na mensagem. Apesar de o apelo ser mais usado nos sermões evangelísticos, em qualquer propósito básico há lugar para um apelo. Billy Graham defendeu a validade do apelo evangelístico, afirmando que o evangelho exige decisão e porque ele é encontrado na Bíblia. [\[Nota 3\]](#) O apelo é parte importante da conclusão. Al Fasol declarou que ele deve ser feito esperando respostas positivas dos ouvintes, dizendo claramente o que deles se deseja, ao expressar autoridade e mostrar senso de urgência. [\[Nota 4\]](#) Ao contrário, apelos prolixos e insistentes deixam os ouvintes constrangidos. O desafio é pregar com clareza e objetividade para não alongar a conclusão.

A página *Os dez mandamentos do apelo* apresenta preceitos que precisam ser conhecidos e seguidos. [\[Nota 5\]](#)

OS DEZ MANDAMENTOS DO APELO

1	Não terás outro propósito senão o de levar pessoas aos pés de Jesus.
2	Não farás para ti imagem de grande pregador, nem alguma semelhança que possa ostentar tua própria glória, seja em teu púlpito, ou em qualquer lugar.
3	Não tomarás qualquer atitude que não seja confirmada com a mensagem pregada por tua vida.
4	Lembra-te de que um bom apelo precisa ser expresso com objetividade e clareza para alcançar resposta.
5	Honra as pessoas que te ouvem, evitando o uso de ameaças, ironias e chacotas.
6	Não matarás os teus ouvintes de pavor quanto ao destino eterno.
7	Não adulterarás o convite, barateando a mensagem para conseguir maiores resultados.
8	Não furtarás o equilíbrio de teu apelo, mas lhe darás a medida certa de emoção e razão.
9	Não dirás falso testemunho, usando em teu apelo ilustrações enganosas.
10	Não cobiçarás o papel de converter, que é do Espírito Santo e jamais do pregador.

Nunca pregue uma nova mensagem

Conforme se disse anteriormente, na conclusão não há lugar para matéria nova. Tudo quanto o pregador planejou dizer já deve ter sido comunicado ao longo da mensagem.

ALGUNS TIPOS DE CONCLUSÃO

Apelo direto

Inicia no mesmo segmento do sermão, ao contrário do que geralmente é feito: após (ou durante) o cântico. O apelo direto difere do costume e, quando feito no poder do Senhor, alcança os ouvintes.

Texto: 1Pe 2.24	O MILAGRE MAIOR ACONTECE
PE: Desafiar os ouvintes a receber a vida que só Jesus pode oferecer.	Conclusão: Só pela morte de Cristo alcançamos vida eterna. Entregue-se, pela fé, ao Senhor Jesus. Assuma um compromisso com ele. Venha agora mesmo e coloque sua vida diante de Jesus... <p style="text-align: right;">Amém</p>

Aplicação

Enfatiza que a verdade apresentada pode e deve ser vivida para que as bênçãos sejam alcançadas.

Texto: Jz 6.11-15	INQUIETAÇÃO, DESAFIO E AÇÃO
--------------------------	------------------------------------

Texto: Jz 6.11-15	INQUIETAÇÃO, DESAFIO E AÇÃO
PE: Despertar nos ouvintes o desejo de ouvir a voz do Senhor e fazer tudo quanto ele manda.	Conclusão: Que a nossa inquietação nos leve à presença do Senhor e que na presença dele sejamos dóceis aos desafios que ele tem para nós, para que assim, provando-o, e por ele provados, possamos ser aprovados e ser bênçãos para o mundo. Amém

Ilustração

É uma imagem capaz de trazer mais luz sobre o assunto em pauta, persuadindo o ouvinte a reagir diante da Palavra do Senhor. Deve ser breve e causar impacto, tornando mais claro o propósito específico.

Texto: 2Tm 2.15	PASTOR, O HOMEM FIEL
------------------------	-----------------------------

Texto: 2Tm 2.15	PASTOR, O HOMEM FIEL
<p>PE: Desafiar os pastores a ser homens fiéis, diante do Senhor</p>	<p>Conclusão: O pastor Albérico Alves de Souza, já aposentado e enfermo, foi visitado por um repórter que perguntou: — Se o senhor não fosse pastor, o que seria? Reunindo forças, o veterano obreiro respondeu: — Ser pastor, somente; ser pastor muito me honra, ser pastor e nada mais. Ele havia sido fiel a essa determinação desde a juventude: fora expulso de casa, quando decidiu ser pastor; e, após servir mais de cinquenta anos no ministério de gloriosa carreira, ele não via outro caminho além da fidelidade. “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade.” (2Tm 2.15). Eis o desafio: Tomar a cruz e seguir o Mestre. Eis o desafio: Sermos achados fiéis, fazendo o que o Senhor quer que façamos, colocando a pregação no centro do ministério e completando a carreira que ele nos tem confiado. Eis o desafio: “Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida.” (Ap 2.10). Que dele possamos ouvir: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito”. (Mt 25.21).</p> <p style="text-align: right;">Amém</p>

Interrogação

Uma interrogação, uma pergunta bem formulada é capaz de motivar o ouvinte a pensar profundamente diante das realidades e desafios apresentados no sermão. Deve ser algo de fato relevante para chamar à atenção e fazer refletir.

Texto: Sl 30.5	A ALEGRIA VEM PELA MANHÃ
PE: Fazer o ouvinte refletir sobre a alegria, desafiando-o a receber Jesus. para ter alegria completa.	Conclusão: Sua vida pode ser comparada a uma noite ou a um amanhecer? Você conhece a verdadeira alegria? Você é alegre? Quer ser realmente alegre? Lembre-se: “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”. Receba a verdadeira alegria. Entregue sua vida ao Senhor Jesus. Amém

Música

A letra e a história dos hinos são excelentes recursos em qualquer parte do sermão e, de modo especial, na conclusão. Alguns pregadores são hábeis com esse tipo de conclusão. A vantagem é que os hinos são material precioso ao adorador. Veja-se este exemplo, com a letra do hino a ser cantado logo após a mensagem:

Texto: Hc 2.4	VIVER PELA FÉ. O QUE SIGNIFICA?
----------------------	--

Texto: Hc 2.4	VIVER PELA FÉ. O QUE SIGNIFICA?
PE: Persuadir o ouvinte a compreender o significado do viver pela fé e assim viver.	<p>Conclusão: O hino que vamos cantar é uma declaração de fé. “Mestre divino, ó Jesus, meu Senhor, eu creio em ti, sim, creio em ti; força recebo, sustento e vigor. Quando, Senhor, creio em ti. Creio, creio, Cristo Jesus creio em ti! Gozo concedes-me, força e vigor, quando, Senhor, creio em ti”. [Nota 6] Que possamos, vendo o invisível e crendo no impossível, viver pela fé, viver diante do Senhor.</p> <p style="text-align: right;">Amém</p>

Poética

Um poema pode ser um bom recurso para encerrar o sermão. O problema é encontrar um poema capaz de trazer a mensagem de que o pregador necessita. Pregadores-poetas escrevem poemas baseados nos assuntos de suas mensagens. Algumas vezes tenho ousado lançar mão desse recurso, como se pode observar no exemplo a seguir:

Texto: 1Pe 2.21	SEGUINDO AS PISADAS DO MESTRE
------------------------	--------------------------------------

Texto: 1Pe 2.21	SEGUINDO AS PISADAS DO MESTRE
PE: Desafiar os ouvintes a seguir os passos do Senhor Jesus.	<p>Conclusão: As estradas são estreitas. Não há flores no caminho, Algumas vezes, só espinho...</p> <p>Mas o desafio de Jesus é claro: Segue-me!</p> <p>Penso em sua completa humildade: Não tendo a intenção de ser igual a Deus, E me ensinando, assim, os caminhos seus...</p> <p>Então ouço seu desafio mais claro: Segue-me!</p> <p style="text-align: right;">Amém</p>

Sumária

Apresenta um resumo do sermão e enfatiza os tópicos, preparando os ouvintes para o final. Deve-se cuidar para que a conclusão sumária não pareça a repetição da mensagem. Há várias formas:

- a. Com a menção dos tópicos do sermão, em forma de aplicação:

Texto: Cl 1.10	A DIGNIDADE DA VIDA OPEROSA
-----------------------	------------------------------------

Texto: CI 1.10	A DIGNIDADE DA VIDA OPEROSA
PE: Desafiar os ouvintes a viver para agradar ao Senhor.	<p>Conclusão: Que, no dia-a-dia e em todos os dias, experimentemos a dignidade da vida operosa: vivendo para agradar ao Senhor, frutificando para honrar ao Senhor, e crescendo no conhecimento do Senhor.</p> <p style="text-align: right;">Amém.</p>

b. Com o resumo da mensagem na forma de um poema. É a conclusão sumária poética:

Texto: 1 Rs 19	QUE FAZES AQUI?
PE: Desafiar os ouvintes a viver para agradar ao Senhor	<p>Conclusão: Que fazes aqui? Se fugimos de problemas, o Senhor tem a solução; se esquecemos que ele está conosco, ele nos estende a mão; Se só temos queixas e lamentos, ele compreende o nosso intento; Se o Senhor esperamos passar, seu amor vai nos encontrar; Se deixamos trabalho a fazer; ele irá trabalhar o nosso viver; Se sozinhos estamos a nos sentir, sua Graça irá nos assistir. Que fazes aqui? Que possamos responder com a vida no altar no propósito de só a ele servir e honrar.</p> <p style="text-align: right;">Amém</p>

c. Com a menção dos tópicos e algum desenvolvimento:

Texto: Fp 4.11	A DIGNIDADE DA VIDA OPEROSA
-----------------------	------------------------------------

Texto: Fp 4.11	A DIGNIDADE DA VIDA OPEROSA
PE: Encorajar os ouvintes a buscar a realização para o seu viver.	<p>Conclusão:</p> <p>É possível em meio a tantos problemas alguém ser realmente feliz? Aprendemos a viver contentes quando somos alcançados por Jesus — como Paulo que, apesar de religioso, perseguia a igreja de Jesus e foi alcançado pelo Mestre.</p> <p>Vivemos contentes quando somos inspirados por Jesus — como Paulo, vemos o brilho da glória do Senhor e recebemos a inspiração da sua chamada para uma missão especial.</p> <p style="text-align: right;">Amém</p>

d. Com um resumo em forma de lições práticas

Texto: Gn 45.1-5	OS IRMÃOS SE ENCONTRAM
-------------------------	-------------------------------

Texto: Gn 45.1-5	OS IRMÃOS SE ENCONTRAM
PE Desafiar os ouvintes a, diante do Pai, se encontrarem sempre com o próximo.:	<p>Conclusão:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O tempo é precioso e não deve ser perdido. Eu não sei por quanto tempo mais vou ter meu irmão comigo. 2. Devemos aprender a tratar bem a todos; a história dá muitas voltas e eu posso me achar na contramão. 3. Devemos aprender a tratar bem a todos; a história dá muitas voltas e eu posso me achar na contramão. 4. O perdão é a garantia de novos relacionamentos; não dá pra recomeçar sem perdão. “O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado.” <p>Cristo pagou o alto preço para que pudéssemos viver como irmãos... Vivamos as bênçãos do encontro.</p> <p style="text-align: right;">Amém</p>

e. Com um resumo em forma de perguntas, de acordo com os tópicos do sermão, desafiando o ouvinte a assumir um compromisso com Jesus.

Texto: At 16.30,31	CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA IMPORTANTE PERGUNTA
---------------------------	--

Texto: At 16.30,31	CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA IMPORTANTE PERGUNTA
PE: Persuadir os ouvintes a receberem a salvação que Jesus oferece aos que nele creem.	<p>Conclusão:</p> <p>Você vive num ambiente de condenação?</p> <p>Atravessa momentos de perplexidade?</p> <p>Tem sido alcançado pela força do testemunho?</p> <p>Tem recebido uma resposta objetiva?</p> <p>Então entregue sua vida a Jesus.</p> <p style="text-align: right;">Amém.</p>

Tese

Neste tipo de conclusão, a tese é enfatizada de modo especial. Como verdade central da mensagem, ela já foi apresentada e defendida no corpo do sermão; agora, uma vez mais, recebe ênfase a caminho da aplicação final.

Texto: Mc 14.61; 15.4,5; Lc 23.8,9	A ELOQUÊNCIA DO SILÊNCIO
---	---------------------------------

Texto: Mc 14.61; 15.4,5; Lc 23.8,9	A ELOQUÊNCIA DO SILÊNCIO
<p>TESE: Há momentos na vida em que o silêncio é mais eloquente do que quaisquer palavras.</p> <p>PE: Encorajar os ouvintes a seguir o exemplo de Jesus, respondendo com o silêncio.</p>	<p>Conclusão:</p> <p>Tinha razão o profeta Jeremias, quando afirmou: “É bom esperar tranquilo pela salvação do Senhor” (Lm 3.26).</p> <p>Há momentos na vida em que o silêncio é mais eloquente que quaisquer palavras.</p> <p>Sejamos mais e mais de Cristo e aprendamos sempre com a eloquência do seu silêncio.</p> <p style="text-align: right;">Amém</p>

Sob essas formas, o esboço está concluído. Os passos *da pesquisa ao púlpito* parecem encerrados. Entretanto, há detalhes importantes que precisam ser lembrados antes de se assomar ao púlpito.

1 CROFT PENTZ. *I PREACH TOO LONG*, IN: *THE PREACHER'S MAGAZINE*,. P. 32. [\[VOLTAR\]](#)

2 KIRST. *OP. CIT.*, P. 77. [\[VOLTAR\]](#)

3 BILLY GRAHAM. *O APELO DO EVANGELISTA POR UMA DECISÃO*, IN: J. D. DOUGLAS (ED.). *O EVANGELISTA E O MUNDO ATUAL*, P. 115. [\[VOLTAR\]](#)

4 AL FASOL. *ESSENTIALS FOR BIBLICAL PREACHING*, P. 67. [\[VOLTAR\]](#)

5 TRABALHO ELABORADO PELA TURMA DE PREGAÇÃO EVANGELÍSTICA, STBNB, 1995, PROF. JILTON MORAES, COM A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS: ELENIR OLIVEIRA, VALDEMIR ARCANJOS DOS SANTOS, ITIEL ARAÚJO FILHO, ALFREDO OLIVEIRA SILVA, REIDSON MESQUITA, CIRO MENDES E WILSON PINHO PIRES FILHO. [\[VOLTAR\]](#)

6 CANTOR CRISTÃO, HINO 370. [\[VOLTAR\]](#)



14

Antes de assomar ao púlpito

Não basta ao pregador ser piedoso e ter excelente material bíblico e homilético para apresentar no púlpito; o pregador sábio jamais descuida do seu preparo pessoal.

Até agora nossa preocupação tem sido com o preparo espiritual, bíblico e homilético. Precisamos considerar, porém, que não basta ao pregador ser piedoso e ter um bom material para apresentar no púlpito. Quem prega precisa pensar em algumas áreas do preparo pessoal: o toque final no esboço, o preparo físico e a aparência pessoal são importantes e fundamentais a uma boa comunicação.

O TOQUE FINAL NO ESBOÇO

O fato de haver terminado o manuscrito ou o esboço não significa necessariamente que a mensagem esteja pronta para ser proferida. Muitos sermões são pregados sem força e vigor porque os pregadores não estão seguros do conteúdo para apresentar aos ouvintes. As ideias previamente colocadas no papel precisam ser transformadas em um discurso oral. Não basta ter um esboço com todos os passos certos ou um impecável manuscrito; devemos ter em mente que não distribuimos a cópia do sermão para ser lido pelos ouvintes, mas o apresentamos em viva voz, olhando nossos ouvintes e sendo por eles observados.

Clyde Fant declarou que a elaboração do sermão tem três fases: na primeira fase, está ainda sem forma e vazio e há trevas sobre a face do abismo; essa é a fase do caos criativo; a segunda fase é o momento quando tudo deve ser feito com decência e ordem. Salientando a importância de se estabelecer a unidade e o movimento, diz ele que nenhum sermão deve falar de tudo, de qualquer maneira: “Alguns pregadores vão para o púlpito na fase do caos, e outros pregam com esboços rígidos e bem feitos, mas nem uma etapa nem a outra é a fase final do sermão”.[\[Nota 1\]](#) A terceira fase surge quando o sermão é transformado em um discurso a ser transmitido. Essa, muitas vezes, é mais negligenciada, apesar de ser a mais importante do ponto de vista do ouvinte.[\[Nota 2\]](#)

Após a finalização do esboço, para melhor apresentá-lo, é preciso tempo para estudar detalhadamente cada parte do texto. Memorizar tudo quanto está no papel pode ser difícil, especialmente quando o sermão está inteiramente escrito; entretanto é preciso conhecermos bem tudo quanto elaboramos para não nos tornarmos prisioneiros do papel durante a apresentação da mensagem. O pregador que fica todo o tempo olhando para seu manuscrito não tem condições de olhar os ouvintes e conquistar-lhes a atenção.

O toque final da preparação é o momento em que o pregador analisa frase por frase, palavra por palavra, tudo o que colocou no papel; é o momento de tornar cada frase e cada palavra precisa e preciosa, de acordo com o propósito que sua mensagem pretende alcançar.

O PREPARO FÍSICO

É imprescindível ao pregador manter-se em boa forma, antes de assomar ao púlpito. A base da mensagem é espiritual — Deus —, mas o veículo é material — o homem usado por Deus. Quem quiser dar conta da tarefa de pregar deve dispor de boas condições físicas. Tem-se afirmado que o trabalho de pregar equivale a um dia de árduo labor braçal. A saúde determina, em grande parte, o tipo de pregador que alguém pode ser.

Há, na história da pregação, algumas exceções a essa regra — homens que, a despeito de suas precárias condições físicas, foram grandes mestres no púlpito: Richard Baxter, grande pregador inglês do século XVII, foi um homem que praticamente não conhecia uma só hora sem dor; Robert Hall, um dos maiores pregadores batistas do século XIX, nunca desfrutou de boa saúde.^[Nota 3] A regra, entretanto, é a de que necessitamos de boa saúde para o exercício do ministério da pregação.

Controle suas atividades

O controle das atividades é muito importante na vida do pregador. O ministério pastoral é um árduo trabalho, com múltiplas funções e ocupações. A responsabilidade do pastor não se resume ao púlpito. Temos o dever de aconselhar, administrar, confortar, ensinar, evangelizar, orientar, visitar e assistir em muitas outras áreas. Como pastores, somos chamados nos momentos extremos da vida: no nascimento de uma criança e na morte de alguém; na alegria da promoção e na tristeza do desemprego; no casamento e na separação.

Em função da multiplicidade de ocupações do pastor e do fato de ser chamado a assistir nos extremos da vida, muitas vezes ele é sobrecarregado de tarefas inusitadas e chamados urgentes que não constavam da agenda e que geralmente não entram em relatórios.

Em meio a tantas tarefas, o pastor precisa cuidado para não cair em um ativismo, ficando sem tempo para a devida elaboração de seus sermões.

O uso que fazemos do tempo depende, em grande parte, do modo como vemos as atividades que temos a realizar. O salmista afirmou que a vida passa depressa (Sl 90.10b).

O tempo passa sempre com a mesma velocidade, mas algumas vezes achamos que ele passou mais rápido e pouco ou nada fizemos. Quando isso acontece, estamos geralmente afirmando que não conseguimos os resultados previstos dentro do tempo de que dispúnhamos.

Para controlar seu programa de atividades, o pregador necessita arrolar pessoas na comunidade que podem e desejam participar delas. O pastor deve delegar atribuições, deixando parte expressiva do seu tempo para o estudo, meditação e pregação da Palavra.

Alimente-se bem

A alimentação é outro fator importante ao preparo físico. Somos influenciados pela alimentação que ingerimos. O pregador precisa alimentar-se bem, considerando a quantidade adequada, a melhor qualidade e os horários certos. É importante lembrar também que o segredo de uma dieta apropriada não está na quantidade, mas na qualidade do que comemos; quem se alimenta em excesso está sujeito a mal-estar, indisposição, dores de cabeça e outros problemas de saúde. Por essa razão, é prudente que o pregador não se alimente em demasia, especialmente antes de assomar ao púlpito. Quem se excede na alimentação tem dificuldade para apresentar a mensagem com movimentação, entusiasmo e vida. Uma dieta equilibrada, que ofereça as proteínas, vitaminas e sais minerais de que o organismo necessita deve ser planejada e seguida.

Devemos estar atentos também aos horários em que nos alimentamos, para que o organismo tenha melhores condições de

funcionamento. Há pessoas que saem de casa, pela manhã, quase sem nenhuma alimentação; ao meio-dia comem bem, e à noite exageram na quantidade de alimentos. No entanto, diz a sabedoria popular que pela manhã a alimentação deve ser como a de um rei; ao meio-dia, como a de um príncipe; e à noite, como a de um pobre. [\[Nota 4\]](#) Sem que tenhamos de passar de reis a mendigos, precisamos nos alimentar da melhor forma e nos melhores horários.

Repose o suficiente

O sono é a melhor forma de repouso. O pregador deve planejar sua agenda diária com um número correto de horas para o sono. Muitas vezes, além do sono, o organismo precisará, também, de repouso. Depois da realização de atividades exaustivas é aconselhável que o pregador pare para, depois, reiniciar com mais energias e em melhores condições.

Mexa-se

A prática de exercícios físicos é indispensável à boa saúde. Alejandro Trevino declarou: “O pregador não precisa se destacar como atleta, nem como uma figura proeminente nos esportes, mas é conveniente que pratique sistematicamente determinados exercícios que tonifiquem seu sistema e lhe permitam a conservação da saúde”. [\[Nota 5\]](#) Um bom exercício para o pregador é correr ou caminhar de segunda a sexta-feira; tal disciplina melhora o físico e desenvolve a capacidade respiratória. Boa prática, também, é procurar desenvolver alguma habilidade manual, um trabalho que exija esforço físico.

Essa foi a prática adotada pelo Senhor da Pregação, Jesus de Nazaré. Ele foi carpinteiro e como tal deve ter-se exercitado bastante no árduo trabalho de serrar e lavrar a madeira. Existem vários exercícios que podem ser feitos dentro de casa; o importante

é que não deixemos nosso programa diário sem tempo para exercitarmos nosso físico.

Evite a ansiedade

Não deve haver lugar para a ansiedade na vida do crente; na vida do pastor, muito menos; o pregador que vive dominado pela ansiedade não tem condições de pregar sobre o amor e cuidado de Deus. Foi Jesus quem advertiu: “Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa?” (Mt 6.25).

A exagerada preocupação com o sustento material leva à ansiedade. E, naturalmente, é difícil alguém não se preocupar quando tem sérios compromissos que precisam ser considerados e não há como atendê-los. Há vários outros fatores que podem levar o pregador a experimentar a ansiedade, e que, enumerados, podem ser estímulo para autocontrole:

- demasiada preocupação com os problemas eclesiásticos;
- enfermidades na família, na igreja ou do próprio pregador;
- envolvimento exagerado com os problemas das ovelhas;
- falta de aceitação das limitações pessoais em algumas áreas;
- falta de controle do orçamento doméstico;
- falta de integridade na conduta pessoal, com deslizes que podem ser apontados;
- falta de total confiança de que o sustento vem do Senhor e que ele supre, a seu tempo, todas as nossas necessidades;
- falta de um planejamento no ministério da pregação, gerando ansiedade sobre o que pregar a cada nova semana;
- inabilidade em delegar atribuições, causando um acúmulo insuportável de tarefas a realizar;
- insatisfação com a igreja onde serve ou com o trabalho que está realizando;

- problemas de relacionamentos pessoais na igreja ou em casa.

O segredo para evitar preocupações está em uma vida de maior dependência de Deus. “Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês.” (1Pe 5.7) — é a sábia orientação do apóstolo Pedro. Quanto mais nos aproximamos do Senhor, tanto mais nos tornamos conscientes de que o trabalho é dele e todo o suprimento vem dele — somos apenas instrumentos em suas mãos. Como pregadores não devemos temer diante da responsabilidade de pregar a mensagem. Devemos assomar ao púlpito na melhor forma física possível.

A APARÊNCIA PESSOAL

A aparência do pregador no púlpito depende em grande parte de seu cuidado com a saúde. Quando o pregador está bem fisicamente, tem mais condições de apresentar-se com boa aparência. Sem cairmos na tentação da vaidade, com destaque exagerado pela aparência física, devemos ter uma especial preocupação com o modo como nos apresentamos. É preciso considerar que os ouvintes são mais estimulados a prestar atenção às palavras, quando a apresentação de quem fala lhes é agradável.

Higiene pessoal

Uma boa aparência depende do cuidado que temos com a higiene pessoal. O nosso corpo foi feito por Deus e nos foi entregue para o mantermos limpo. Ninguém conseguirá uma aparência agradável se não começar com a higiene corporal. O asseio diário e constante, banhando todo o corpo, usando sabonete e desodorante é imprescindível.

Parte importante da higiene pessoal é o cuidado com os dentes. Para quem usa a voz, os dentes exercem importante função. É impossível pregar sem exhibir os dentes; escovar e tratar deles é indispensável. O dentista deve ser procurado sempre para o tratamento necessário. Como é triste ver pregadores exibindo cáries! Como é terrível ver pregadores desdentados! Isso dá ao auditório a sensação de descaso com o próprio corpo e falta de higiene pessoal. Além disso, quando o pregador tem problemas dentários, pode ter também sua dicção prejudicada.

Perceba seu rosto

O rosto transmite o que sentimos. Daí a importância da expressão facial na comunicação. A mensagem transmitida com as nossas palavras deve ser ilustrada com o nosso semblante. O rosto do

pregador deve ser expressivo para condizer com a alegria da mensagem que proclama. Um rosto mal-humorado não condiz com a comunicação da mensagem da graça de Deus. Devemos estar atentos ao conselho de Salvador Gomes e Prado Flores: “Geralmente, é preciso suavizar todos os músculos da face, relaxar-se e não franzir o senho”. [\[Nota 6\]](#)

Cuide de suas mãos, cabelos e barba

As mãos, tão usadas na expressão corporal do pregador, precisam ser cuidadas com atenção. É preciso ter unhas e mãos sempre limpas, mesmo que o pregador trabalhe com ofícios manuais, ou mesmo tenha acabado de trocar um pneu do carro a caminho do templo.

Cabelos sujos e despenteados não condizem com a imagem do pregador do evangelho; cabelos em desalinho só são modernos para alguns. É bom nos lembrarmos de que somos arautos do Senhor e não animadores de shows.

A barba também é outro exigente cuidado na apresentação pessoal do pregador. Alguns pregadores já têm feito opção da moda, que aceita uma barba com aspecto por fazer. O ideal, entretanto, é barbear-se diariamente, ou pelo menos nos dias em que se vai pregar; aqueles que aderiram à barba meio longa devem apresentá-la bem asseada e com contornos definidos.

Vista-se bem

Há alguns aspectos importantes quando pensamos no traje: vestes limpas, vestes bem assentadas e sapatos polidos. O modo como nos vestimos é muito importante. Não importa que os trajes sejam novos, mas que estejam limpos e estirados. Roupas sujas apresentam a falta de higiene de quem as veste; roupas amassadas, além de parecer desleixo, dão péssima aparência a quem as traça. Para uma boa aparência, as roupas precisam, de

igual modo, estar bem dispostas. Considere a combinação das cores; a mistura de muitas cores não é recomendada no púlpito.

Certo ouvinte fez uma referência jocosa a um pregador, afirmando que ele parecia com uma caixa de lápis de cor — cada peça de seu traje era de uma cor diferente, com cores tão vivas e fortes que impossibilitavam harmonia. Roupas bem dispostas requerem um mínimo de senso estético. Precisamos ter noção do belo não só para apreciá-lo, mas para buscar atingi-lo em nossa aparência pessoal. Há detalhes na disposição das vestes que devem ser considerados:

- vestir-se o melhor possível, dentro das limitações do orçamento familiar;
- considerar que trajes não precisam ser novos para ser bonitos; necessitam apenas ser bem cuidados e bem conservados;
- a gravata deve ser bem ajustada ao colarinho da camisa, mas sem muito aperto para que o pregador se sinta realmente confortável, com os botões corretamente ajustados;
- as roupas precisam ser confortáveis para que o pregador se sinta à vontade no púlpito.

Homens e mulheres jamais poderão mudar seus traços fisionômicos básicos, mas começando por uma vida interior dirigida por Jesus, sendo bons mordomos do próprio corpo, usando trajes limpos e bem dispostos, podem mudar para melhor sua aparência. É importante lembrar também que a roupa do pregador deve estar disposta de tal modo que não venha desviar a atenção do ouvinte.

O USO DA VOZ

A habilidade no uso da voz é importante para quem vive do exercício da palavra; para o ministério da pregação, dispomos de um único instrumento, dado por Deus: a voz — e esta não pode ser trocada, mas deve ser cuidada, trabalhada e aperfeiçoada.

Um sermão, mesmo com bom conteúdo, pode ser prejudicado pelo modo como o pregador fala. Jésus Gonçalves destacou esta realidade: “A má comunicação começa com uma voz irritante, fraca, estridente, aguda ou grave demais. Assim como as boas vozes produzem convicção, as defeituosas geram dúvidas e rejeição”. [\[Nota 7\]](#)

Adiante, lembramos alguns exemplos de mau uso da voz:

- estridente — irrita o ouvinte;
- dissonante — não prende a atenção;
- extremamente suave — prejudica a audição;
- extremamente forte — agride os tímpanos;
- vagarosa demais — estimula o sono;
- rápida demais — dificulta a compreensão;
- gutural — deixa o ouvinte tenso.

Nem todos os pregadores possuem uma boa voz natural. A quem vive da fala, repetimos, é indispensável procurar melhorar a voz. Um bom recurso para conseguir esse intento é consultar um médico ou fonoaudiólogo.

Procure conhecer sua voz

A melhor maneira de ouvir a própria voz é pedir que alguém grave mensagens suas, se possível, sem que você saiba o dia exato quando estará sendo feita a gravação. A primeira vez que alguém ouve sua própria voz gravada pode ser decepcionante e, às vezes, quase inacreditável. A reação pode ser: “Não é possível! Esta voz é a minha voz mesmo?”. Com o passar do tempo, entretanto, ouvindo várias gravações, o pregador vai-se acostumando, passando a

conhecer a própria voz para ter melhores condições de solucionar seus eventuais problemas de dicção ou tom.

Não tente substituir sua voz

Por mais que alguém tenha ficado insatisfeito ao ouvir sua voz, nunca deve imitar a voz de outro pregador, mesmo do seu pastor preferido: a voz de cada orador é única.

Trabalhe sua voz

Alguns cuidados devem ser tomados para um melhor uso da voz:

- fale sempre com os pulmões cheios de ar, para não quebrar a voz;
- respire bem, inspirando pelo nariz e expirando pela boca;
- não fale enquanto estiver inspirando;
- fale com naturalidade e vida;
- não grite; gritos agredem as cordas vocais de quem fala e prejudicam os tímpanos de quem escuta;
- evite falar ao ar livre quando o tempo estiver frio e úmido;
- faça exercícios de respiração;
- faça exercícios de relaxamento;
- faça exercícios vocais;
- cante, pelo menos para si mesmo;
- procure articular bem;
- use sua voz na tonalidade natural;
- cuide para que o final das frases e palavras seja bem audível;
- imposte a voz sem afetação.

A habilidade no uso da voz é imprescindível ao bom pregador. Sobre a importância da voz, Moraes Carvalho declarou:

É o som que dará o primeiro toque no órgão auditivo do ouvinte. E dele depende, em grande parte, a aceitação ou rejeição da mensagem. A voz, pela sua sonoridade, irá abrir o leito por onde o rio de palavras passará. É fácil, portanto, deduzir o seu valor. [\[Nota 8\]](#)

Procurar usar bem a voz é, como se vê, mais que necessário ao pregador; é indispensável.

Agora, depois desta árdua empreitada, tudo parece realmente preparado para o momento da comunicação da mensagem.

A pergunta é: como deve o pregador comportar-se no púlpito?

1 FANT. *OP. CIT.*, P. 135.[\[VOLTAR\]](#)

2 *IBIDEM.*[\[VOLTAR\]](#)

3 CRANE. *OP. CIT.*, P. 144.[\[VOLTAR\]](#)

4 LYDIA SIQUEIRA. *A SAÚDE VEM PELA COZINHA*, P. 23.[\[VOLTAR\]](#)

5 TREVINO. *OP. CIT.*, P. 26.[\[VOLTAR\]](#)

6 SALVADOR GOMES & JOSÉ H. PRADO FLORES. *FORMAÇÃO DE PREGADORES*, P. 105.[\[VOLTAR\]](#)

7 JÉSUS SILVA GONÇALVES. *O PÚLPITO CRIATIVO*, P. 25.[\[VOLTAR\]](#)

8 D. MORAES CARVALHO. *ORATÓRIA E COMUNICAÇÃO HUMANA*, P. 87.[\[VOLTAR\]](#)



15

No púlpito

Quando o preparo para pregar não é apenas homilético, mas completo, com mais tempo para o Senhor da Pregação e não só para as técnicas da pregação, temos condições de saber o que pregar, como e quando fazê-lo.

Chegou o momento esperado; esperado e temido. Foi o que aconteceu com aquele pregador; ele havia elaborado passo a passo o seu esboço, julgava-se pronto para pregar a mensagem. Ao chegar à plataforma do templo, entretanto, começou a sentir, de modo claro, que o esboço preparado não era o sermão que Deus queria que ele pregasse. Foi uma luta! Enquanto os fiéis cantavam e participavam ativamente de cada parte do culto, ele *quebrava a cabeça* em busca do sermão a ser pregado, perguntando ao Senhor da Pregação: “Qual a tua vontade? Que devo pregar? Passa de mim este cálice”.

Pregadores iniciantes, estudando Homilética, estão sempre perguntando o que fazer numa circunstância assim. A solução a ser buscada não é o que fazer em tal situação, mas o que fazer para não chegar a vivê-la. Tenho sentido em minha própria experiência que quando o preparo para pregar não é apenas homilético, mas realmente um preparo completo — vivendo mais tempo com o Senhor da Pregação e não apenas com as técnicas para a pregação —, temos condições de saber o que pregar, como e quando fazê-lo.

ALGUNS PASSOS PRELIMINARES

Diante de seu auditório, como deve o pregador chegar diante dos ouvintes? Não existe uma fórmula mágica para o bom desempenho no púlpito. Além de todo preparo que temos visto até agora, que começa com o espiritual, há alguns passos que podem ajudar pregadores iniciantes.

Apresente-se sem ostentação

O sermão evangélico é a comunicação da graça de Deus. Este conteúdo da pregação já é razão suficiente para nos dizer da incoerência de alguém tentar falar da graça divina com uma atitude de vaidade e exibição. É somente sendo humildes que temos condições de pregar a mensagem do Senhor que “como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28); é somente agindo sem alarde que agradamos ao nosso Mestre que “andou por toda a parte fazendo o bem” (At 10.38); é somente pregando com discrição e modéstia que podemos falar em nome do Cristo que jamais agiu para se promover ou se exhibir, mas para dar sua vida em resgate do mundo (Lc 19.10); é somente apresentando-nos sem qualquer ostentação que nos tornamos porta-vozes do Senhor que deixou sua glória e entre nós habitou (Jo 1.14) “mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Fp 2.7-8).

Domine seu esboço

Alguns pregadores têm optado por pregar sem o uso de anotações. Esta é a forma ideal quando o esboço tiver sido preparado e, de tão estudado, esteja memorizado, dispensando assim seu uso no púlpito.

Outros pregadores pregam sem esboço, porque não pesquisaram ou porque não têm qualquer esboço. Há uma grande diferença entre pregar sem esboço porque as ideias estão estudadas a ponto de ele ser dispensado e pregar sem esboço porque não houve preparo.

Usando um esboço, o ideal é que o pregador o domine plenamente. É desastroso quando quem vai pregar fica procurando o esboço na hora de começar a proferir a mensagem.

Há alguns conselhos que podem ajudar no uso do esboço:

- elabore o esboço usando letras visíveis, espaços, símbolos e recursos visuais que o ajudem a um melhor desempenho no púlpito;
- padronize o papel a ser usado, tenha folhas do mesmo tamanho, numeradas e dispostas na ordem correta;
- se usar um sermônário, escolha o que não seja muito maior que sua Bíblia;
- se o esboço estiver dentro da Bíblia, é melhor prendê-lo, para evitar a surpresa de vê-lo levado pelo vento;
- evite longos esboços: usando palavras precisas e preciosas terá mais condições de escrever o máximo com o mínimo de palavras.

Cuidado ao usar o humor

Um toque de humor, com inteligência e vida, certamente dará à mensagem um brilho especial, tornando-a mais atraente. A verdade que é dita com graça pode alcançar melhor o coração do ouvinte.

Mas há alguns cuidados que precisamos ter no uso do chiste:

- o humor deve ser usado na medida certa; o pregador não está no púlpito para divertir a plateia, mas para pregar o *assim diz o Senhor*;
- nenhuma brincadeira deve ser feita apontando para limitações ou problemas das pessoas;
- condição social, nacionalidade e religiosidade das pessoas não devem servir de diversão;

- passagens e personagens bíblicos não devem servir de humor;
- o humor não deve ser usado para preencher o vazio da falta de conteúdo da mensagem;
- o humor, ao contrário, deve ser usado para dar mais alcance à mensagem que está sendo pregada.

Comece sem medo

É natural que pregadores iniciantes assomem ao púlpito com muito temor. Entretanto, com o passar do tempo, novas experiências irão trazer mais segurança ao pregador. Há alguns detalhes que, uma vez lembrados, servem para nos ajudar a vencer o temor:

- a mensagem que pregamos é a mais preciosa, urgente e importante que alguém pode transmitir;
- tendo plena convicção de que a mensagem é realmente o que Deus tem a transmitir aos ouvintes, temos autoridade para pregar no poder dele;
- a ninguém foi dado maior privilégio que ao pregador — o de transmitir a mensagem de Deus;
- o Senhor garante completa assistência aos que são chamados a falar em seu nome. A promessa que fez a Moisés é válida a nós hoje: “Agora, pois, vá; eu estarei com você, ensinando-lhe o que dizer” (Ex 4.12);
- uma vez que anunciamos a mensagem do amor, pregada em amor, não há razão para o medo, pois, “No amor não há medo; ao contrário, o perfeito amor expulsa o medo” (1Jo 4.18);
- a completa elaboração de um trabalho passo a passo — da pesquisa ao púlpito — nos dá a segurança de enfrentar o auditório sem temor.

Leia o texto com entusiasmo e vida

Terrível tortura é o pregador começar seu sermão com uma leitura insegura do texto, sem entusiasmo e vida. Antes de assomar ao púlpito o texto bíblico já deve ter sido lido o máximo de vezes possível. Um bom exercício é lê-lo desde o início da pesquisa,

considerando as diferenças das personagens, suas falas, diálogos, sentimentos e circunstâncias, compondo a narrativa.

Observe o exemplo com o nosso conhecido texto de Lucas 15.11-32, **considerando as personagens** (são cinco personagens nesta parábola):

v. 11 “Jesus continuou: ‘Um homem tinha dois filhos.

v. 12 “O mais novo disse ao seu pai: ‘Pai, quero a minha parte da herança’. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles.

v. 13 “Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente.

v. 14 “Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade.

v. 15 “Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos.

v. 16 “Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada.

v. 17 “Caindo em si, ele disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome!

v. 18 ““Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti.

v. 19 ““Não mais sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados.’

v. 20 “A seguir, levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou.

v. 21 “O filho lhe disse: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não mais sou digno de ser chamado teu filho.’

v. 22 “Mas o pai disse aos seus servos: ‘Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés.

v. 23 “Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos.

v. 24 “‘Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado.’ E começaram a festejar o seu regresso.

v. 25 “Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança.

v. 26 “Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo.

v. 27 “Este lhe respondeu: ‘Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo.’

v. 28 “O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele.

v. 29 “Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedei às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos.

v. 30 “‘Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!’

v. 31 “Disse o pai: ‘Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu.

v. 32 “‘Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado.’”

Uma vez conhecidas as falas dos personagens que compõem o texto, podemos dar mais vida à sua leitura, procurando nos aprofundar nas falas de cada personagem, determinando:

- quem fala;

- com quem fala;
- o que fala;
- para que fala.

Veja o exemplo, no mesmo texto, **apresentando os versículos onde *falam* os personagens do texto:**

(v. 12)

- quem fala — o filho mais novo;
- com quem fala — com o pai;
- o que fala — que deseja receber sua parte na herança;
- para que fala — para exigir seus direitos.

(v. 17-19)

- quem fala — o filho mais novo;
- com quem fala — consigo;
- o que fala — lembrando o contraste entre a casa de seu pai, onde havia fartura e sua situação de fome; firmando o propósito de voltar (escolhendo as palavras que pronunciará junto ao pai;
- para que fala — para reconhecer seu erro, para mencionar seu arrependimento e firmar o propósito de voltar ao lar.

(v. 21)

- quem fala — o filho mais novo;
- com quem fala — com o pai;
- o que fala — “Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho”;
- para que fala — para expressar seu arrependimento.

(v. 22-24)

- quem fala — o pai;
- com quem fala — com os servos;
- o que fala — “Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado”;

- para que fala — para determinar que fosse trazido, com urgência, tudo quanto o filho precisava para ser visto na sua verdadeira condição de filho; para determinar providências necessárias à festa e para justificar a razão da sua alegria.

(v. 27)

- quem fala — o criado;
- com quem fala — com o filho mais velho;
- o que fala — “Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo”;
- para que fala — para explicar a razão da festa.

(v. 29, 30)

- quem fala — o filho mais velho;
- com quem fala — com o pai;
- o que fala — “Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!”;
- para que fala — para se apresentar como o bom e para acusar o pai de parcial e injusto.

(v. 31, 32)

- quem fala — o pai;
- com quem fala — com o filho mais velho;
- o que fala — “Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos de celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado”;
- para que fala — para dizer que tudo que é dele é também desse filho; para falar da razão da alegria com a volta do outro filho.

É válido verificarmos também que nos textos onde há um narrador, suas falas estão pintando a cena.

Observe neste caso da Parábola do Pródigo:

(v. 11, 12a)

- o que narra — “Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai:”;
- para que narra — para introduzir a narrativa.

(v. 12c -17a)

- o que narra — “Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso, foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada”;
- para que narra — para informar que o pai atendeu ao pedido do filho mais moço; que o filho viajou para longe; para oferecer detalhes do fracasso dele em uma terra distante e para informar que ele enxergou seu estado.

(v. 20, 21a)

- o que narra — “Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou”;
- para que narra — para dizer que o filho mais moço voltou para casa; para contar como o pai o avistou e correu para recebê-lo.

(v. 22a)

- o que narra — “O pai, porém, disse a seus servos:”
- para que narra — para introduzir a fala do pai, dando ordens aos servos.

(v.24a — 27a)

- o que narra — “E começaram a festejar o seu regresso. Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se

aproximou da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe respondeu:”;

- para que narra — para contar da alegria da festa, informar da chegada do filho mais velho e sua curiosidade em saber o que acontecia.

(v. 28-29a)

- o que narra — “O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai:”;
- para que narra — para contar da indignação do filho mais velho, descrever a disposição do pai de dialogar com ele e introduzir a argumentação do filho mais velho.

(v. 31a)

- o que narra — “Mas nós tínhamos de celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado”;
- para que narra — para introduzir a fala do pai, procurando dialogar com o filho mais velho.

Como se vê, uma leitura textual rigorosa requer, também, que cada detalhe da narrativa seja considerado. Veja alguns destaques, apenas em parte do v. 12 e no verso 13, de Lucas 15:

v. 12 “Quero a minha parte da herança”

Não pode ser lido com muita brandura, uma vez que expressa um pedido nada cortês; era como se o filho mais moço estivesse desejando a morte do pai.

v. 13 “Não muito tempo depois”

Não pode ser lido vagorosamente, pois diz da pressa do filho mais moço em partir.

v. 13 “Reuniu tudo o que tinha”

Deve ser lido com bastante ênfase para dar a ideia de que a partida era real.

v. 13 “Foi para uma região distante”

Deve ser lido, tornando enfático que ele não só partiu, mas partiu para longe.

v. 13 “lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente.”
Deve ser lido com a ênfase capaz de mostrar que os bens foram gastos por um modo de viver sem controle.

USE TAMBÉM A LINGUAGEM NÃO VERBAL

Antes mesmo de começar a comunicar a mensagem, o pregador precisa portar-se de modo adequado no culto. Brown Jr. sugere algo prático sobre a postura no púlpito: “Deve assentar-se de modo confortável, mas ereto e preferencialmente com ambos os pés no chão”.[\[Nota 1\]](#) Mesmo cruzando as pernas, é bom ter cuidado para que o modo como nos sentamos diga que realmente ali estamos para louvar e adorar ao Senhor da Pregação. Sobre a atitude participativa do pregador no culto, Brown Jr. adverte: “Deve ter cuidado para que seu porte indique uma personalidade alerta, vitalmente interessada em todas as partes do culto e no povo a quem irá falar”.[\[Nota 2\]](#)

Lembre-se de que nos comunicamos com o rosto, mesmo sem palavras. A expressão facial é importante, como dissemos, uma vez que os ouvintes estão ligados a nós, não apenas pela audição, mas, também, pelo olhar: os olhos dos ouvintes estão postos no pregador. Assim, comunicamo-nos com palavras e sem palavras. Através da face pregamos o sermão; tudo quanto falamos precisa ser autenticado pelo modo como nos expressamos. A expressão facial deve variar de acordo com a significação do que comunicamos. Se alguém disser algo triste com um sorriso nos lábios, dificilmente convencerá seus ouvintes de que o acontecimento narrado tenha sido realmente triste. Por outro lado, precisamos saber falar da alegria com uma expressão realmente alegre. Alguns pregadores nunca mudam a expressão facial: uns têm um sorriso nos lábios, não importa o que estejam comunicando; outros têm um semblante contraído e fechado, mesmo quando falam do contentamento resultante da vida em Cristo. Há também alguns pregadores que têm uma expressão facial apática, não transmitem tristeza nem alegria: eles apenas falam, sem qualquer expressão facial.

O perigo, quando o pregador comunica apenas com palavras, é que o sermão se torne monótono e o auditório perca o interesse, impossibilitando por isso uma boa comunicação. Devemos considerar que o Senhor nos tem dado a capacidade de comunicação não apenas através de palavras, mas também através da expressão facial e dos movimentos.

Outro aspecto importante em nossa expressão facial é a direção do olhar. Para onde devemos olhar enquanto pregamos? Há pregadores que fixam o olhar no teto, outros olham para baixo, outros olham para o púlpito ou um ponto fixo qualquer no santuário. Não devemos perguntar somente: “Para onde” deve o pregador olhar, mas “Para quem” deve o pregador olhar.

Os olhos do pregador precisam estar fixos em seu auditório; devemos não apenas olhar alguns ouvintes, mas procurar alcançar com o olhar a todos no auditório. O olhar do pregador deve ser expressivo, humilde e com a força capaz de atrair os ouvintes. Alejandro Trevino advertiu:

Se o pregador quer que sua mensagem tenha efeito, olhe de frente a seu auditório, como acontece quando se comunica uma notícia sensacional e interessante. Ninguém dá uma notícia desse gênero, sem olhar de frente e nos olhos dos ouvintes.

[\[Nota 3\]](#)

A expressão facial deve ser natural; ninguém se alegra ao ouvir um orador que faz trejeitos enquanto fala. Spurgeon conta a história de um pregador que poderia ter-se tornado excelente, mas adquiriu, aos poucos, o hábito de fazer caretas. Como resultado, seus ouvintes foram perdendo o prazer de ouvi-lo, e ele chegou a receber estima e honras, mas não um auditório atento. Spurgeon acrescenta:

Excelentes cristãos dizem que não sabiam se deviam rir ou chorar quando o ouviam pregar. Sentiam que pela inclinação da natureza deviam rir, mas pelos impulsos da Graça deviam chorar, quando viam um pregador tão bom, completamente arruinado por atitudes absurdamente artificiais. [\[Nota 4\]](#)

Quem comunica no púlpito deve fazê-lo com todo cuidado para não ficar escravo de desagradáveis tiques, contrações musculares dispensáveis e impróprias que só prejudicam. Spurgeon dizia a seus alunos que era melhor que eles se reduzissem a manequins imóveis do que serem encarnações do grotesco. Ele desaconselhava os pregadores a ficar diante do espelho, praticando posturas, mas os aconselhava a que não se tornassem vulgares ou absurdos.

As posturas e atitudes são, entretanto, uma pequena parte simplesmente da vestimenta de um discurso, e não é nas vestes que jaz a substância da matéria. Um homem vestido de fustão é homem, apesar de tudo, assim como um sermão pregado de modo estranho pode ser um bom sermão, apesar de tudo. [\[Nota 5\]](#)

Os movimentos do pregador são importantes no púlpito. Os gestos são úteis, aliviando a tensão nervosa e tornando a comunicação mais expressiva. Gestos são expressões e ideias que nunca devem atrapalhar e, sim, ajudar. Nessa comunicação não-verbal deve haver especial preocupação com as mãos do pregador, procurando este nunca falar com as mãos nos bolsos, braços cruzados ou sob outra posição que indique estarem as mãos sobrando no púlpito.

Onde vou colocar as mãos? Que fazer com as mãos enquanto prego? Esta tem sido a preocupação de alguns pregadores iniciantes. Deixar as mãos onde estão é a melhor saída. Se não temos preocupação com as mãos em outra qualquer ocasião, não há razão para isso enquanto pregamos. No entanto, há hábitos que alguns pregadores adquirem que são prejudiciais à comunicação no púlpito. Eis alguns deles:

- esmurrar o púlpito;
- tirar e colocar os óculos repetidamente;
- ficar centralizando o nó da gravata;
- assoar o nariz;
- coçar os ouvidos;
- ajeitar o bigode;
- enxugar o suor.

Como deve o pregador movimentar-se no púlpito? Quais os gestos recomendáveis? Os gestos devem partir sempre do íntimo do pregador e nunca ser forçados. Existem alguns gestos mais usados no púlpito:

- O dedo indicador, apontado para um dos lados, ilustra uma direção a seguir: “Este é o caminho, andai nele!”.
- O mesmo indicador, apontado para o auditório, indica acusação: “Tu és o homem!”.
- A mão estendida expressa um convite: “Jesus convida: Vinde a mim”.
- A mão estendida ilustra o dar: “Jesus vos oferece vida”.
- A mão estendida, sendo recolhida, fala do ato de receber: “Recebemos as bênçãos do Senhor”.
- As duas mãos, à frente, espalmadas para o auditório, expressam recusa, corte, rejeição: “Basta. Não me detenhas!”.
- As duas mãos estendidas verticalmente em linha horizontal servem para ilustrar divisão: “Separará os justos e os injustos”.
- O punho fechado serve para expressar força, triunfo: “Somos mais que vencedores”.

MOTIVE PARA CONSEGUIR A ATENÇÃO

Ter ouvintes atentos é o primeiro grande desafio da comunicação no púlpito. A partir da primeira palavra, começa a luta para alcançarmos os fiéis. E somente com uma motivação adequada será possível termos um auditório atento.

Motivar é dirigir o comportamento da pessoa a um determinado objetivo. A cada momento somos bombardeados por uma série de estímulos. Quem está com fome tem seu interesse voltado à procura de alimentação, assim como quem está sedento procurará água para saciar sua sede. As pessoas são motivadas a ir ao templo. Naturalmente a motivação adequada a levar homens e mulheres ao templo seria a necessidade de alimento espiritual, como expressou o salmista:

Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando poderei entrar para apresentar-me a Deus? (Sl 42.1,2).

O homem precisa de alimento espiritual; precisa de Deus e precisa receber informações a respeito dele, de seus preceitos, seu amor, suas promessas e glória. Mas nem todos os ouvintes vão ao templo com esta motivação. A esse respeito, Webb Garrison [\[Nota 6\]](#) alistou alguns dos mais significativos motivos que levam pessoas ao templo:

- lealdade a uma instituição;
- falta de um propósito reconhecido;
- companheirismo;
- participação nos cultos;
- desejo de informação;
- respeito à tradicional autoridade;
- curiosidade;
- exibição;
- vazão emocional;
- problemas pessoais;

O propósito que leva as pessoas ao templo é importante e determina, até certo ponto, o modo como se comportam durante a apresentação do sermão. É muito mais fácil atrair a atenção dos ouvintes que vão ao templo em busca do alimento espiritual, desejosos de ouvir a mensagem. Para os demais, será necessária uma motivação especial capaz de lhes atrair a atenção e mantê-la. É preciso considerar, também, que a televisão tem habituado as pessoas a manter-se atraídas não só pelas palavras, mas, principalmente, através de imagens.

As gerações contemporâneas estão motivadas a não apenas ouvir, mas a ver o que lhe é transmitido. E é para os ouvintes desta época, acostumados aos mais modernos recursos visuais, que pregamos os nossos sermões. Embora muitas vezes a atenção do ouvinte esteja distante da mensagem que está sendo comunicada, todos os ouvintes estão atentos a algo. Atentamos para acontecimentos imediatos ou remotos, próximos ou distantes, tristes ou alegres, agradáveis ou desagradáveis.

Considerando que a atenção é dinâmica, o pregador necessita envidar todos os esforços para ter ouvintes atentos ao longo de toda a mensagem. Cada parte do sermão deverá ser interessante, com um equilíbrio marcado por explanação viva, ilustrações atraentes e aplicação desafiadora. As palavras e frases precisam ser pronunciadas com brandura e firmeza para atrair e convencer o auditório; e toda expressão corporal e facial precisa estar em sintonia com o que é comunicado. Para que haja uma interação completa entre o que se comunica no púlpito e o auditório, torna-se necessário que o pregador seja sábio em motivar seus ouvintes.

O que pode o pregador fazer para motivar seus ouvintes? Nada melhor que buscar todo o preparo, procurando fortalecer-se “no Senhor e no seu forte poder” (Ef 6.10). Algumas sugestões, que, de certo modo retomam os vários dos conselhos desta obra são:

- ter o sermão bem elaborado e bem estudado;
- considerar a ocasião;
- escolher palavras precisas e preciosas;

- procurar falar ao coração de cada ouvinte;
- trajar-se de modo simples e elegante;
- falar com firmeza e simpatia;
- usar a linguagem não-verbal;
- encarar o auditório com amor;
- manter o equilíbrio entre os elementos funcionais;
- considerar a unidade do sermão;
- apelar ao raciocínio;
- respeitar os ouvintes;
- terminar no tempo certo.

USE ARGUMENTOS PERSUASIVOS

O pregador sábio trabalha, com equilíbrio, os elementos funcionais da pregação (explanação, ilustração e aplicação), usando argumentos persuasivos para possibilitar aos ouvintes compreenderem as verdades apresentadas. A argumentação apela para a razão, levando o ouvinte a raciocinar para melhor entender o que lhe está sendo apresentado.

Precisamos ter em mente, porém, que nem tudo no púlpito é argumentação. A veracidade do conteúdo bíblico da mensagem não precisa de argumentos do pregador para ser comprovada. Broadus disse que “podemos usualmente tomar como provado tudo quanto as Escrituras ensinam”. [\[Nota 7\]](#)

Analisando a pregação no livro de Atos, Crane mostrou como os discursos ali inseridos foram ricos em argumentação. Ele apresenta a mensagem narrada no texto de Atos 17.2,3:

(v. 3): explicando e provando que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos. E dizia: “Este Jesus que lhes proclamo é o Cristo”.

Crane [\[Nota 8\]](#) classificou o argumento apresentado nesse texto como um argumento dedutivo em forma silogística incompleta, no qual uma das proposições fica subentendida. E assim ele reconstrói o texto:

Premissa maior — era necessário que o Cristo padecesse e ressuscitasse dentre os mortos.

Premissa menor — Jesus padeceu e ressuscitou dentre os mortos (premissa que fica subentendida pelo teor geral do argumento).

Conclusão: Portanto este Jesus que eu vos anuncio, dizia ele, é o Cristo.

Analisando sermões de pregadores do Antigo e Novo Testamento, constatamos que eles usaram não só o argumento dedutivo, mas vários outros argumentos baseados em analogias, refutação, dedução e indução. É preciso, então, que possamos desenvolver e utilizar os bons recursos da argumentação, uma vez que esta faz parte de uma pregação relevante e eficaz, capaz de alcançar os seus propósitos.

Alguns conselhos para obter argumentos persuasivos

- Considerando que o “não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16a), devemos ter em mente que a força da mensagem está mais em sua essência do que em sua forma de apresentação; mais na atuação do espírito do que na argumentação do pregador.
- Já que, quanto mais compreendemos a verdade que expomos, mais condições temos de ajudar os outros a compreendê-la, é imprescindível que valorizemos nossa relação pessoal com a Palavra de Deus.
- Lembrando que a Bíblia é a Palavra de Deus, e que o povo vai ao templo buscando ser por ela alimentado, nossa pregação deve ter conteúdo e argumentos dela oriundos.
- Entendendo que os nossos argumentos no púlpito devem ser honestos, só devemos trabalhar na persuasão da verdade que já nos alcançou.
- Partindo do pressuposto que pregar é comunicar a Palavra de Deus e que sem comunicação não há pregação, a mensagem que pregamos deve ser simples e objetiva, com argumentos claros, que possam ser compreendidos por todos os ouvintes.
- Considerando que a capacidade de atenção e assimilação do ouvinte é limitada, use apenas argumentos lógicos e imprescindíveis à compreensão da verdade apresentada.

Considere o tempo dos ouvintes

Para que haja uma boa comunicação no púlpito, é preciso que os pregadores considerem o fator tempo como algo importante aos ouvintes. O problema é que falar sobre a necessidade de síntese no púlpito pode parecer profanação, uma vez que é o Espírito Santo quem inspira. Para algumas pessoas, uma vez que o pregador é um porta-voz de Deus, ele não pode ficar limitado ao relógio. [\[Nota 9\]](#) Talvez seja esta a razão de haver tão pouco material sobre a brevidade nos livros de Homilética. Por outro lado, uma pesquisa feita com 123 pastores batistas brasileiros, nos anos de 1992 e 1993, que compôs parte de minha tese de doutorado em Teologia, apontou várias razões da importância da síntese na pregação. A síntese:

1. alcança melhor a atenção, evitando a divagação;
2. ajuda a manter o interesse do ouvinte pelo assunto da mensagem;
3. atende à curta capacidade de concentração do ouvinte hodierno;
4. deixa mais tempo para uma melhor participação no culto;
5. encaixa-se dentro da exiguidade de tempo das pessoas;
6. exige mais estudos homiléticos, exegéticos e hermenêuticos;
7. faz com que o pregador dê mais atenção ao conteúdo que à forma;
8. leva o pregador a selecionar o essencial e eliminar o supérfluo;
9. permite melhor alcance do homem moderno com a mensagem;
10. permite uma captação mais rápida e clara da mensagem;
11. possibilita lógica e clareza na pregação;
12. possibilita unidade e objetividade na pregação;
13. possibilita ao pregador manter a atenção dos ouvintes;
14. possibilita ao ouvinte uma maior retenção da mensagem;
15. torna a mensagem mais aceita pelos ouvintes;
16. situa o pregador no contexto existencial da sociedade contemporânea;

A mesma pesquisa indicou, também, os principais riscos da pregação breve, que são:

1. aplicação insuficiente;
2. apresentação de ideias incompletas;
3. eliminação de material relevante, tornando a mensagem supérflua;
4. condicionamento da mensagem à forma de viver do mundo;
5. curto preparo para a apresentação de um sermão breve;
6. não-apresentação da essência da mensagem;
7. descaso com as possibilidades do texto básico;
8. descuido das reais necessidades dos ouvintes;
9. falta de explicação de detalhes importantes do sermão;
10. falta de conteúdo; brevidade por não ter o que dizer;
11. frustração do auditório;
12. impossibilidade de alcançar o propósito do sermão;
13. insuficiência no desenvolvimento de parte importante do sermão;
14. interferências indesejáveis;
15. limitação na apresentação de detalhes;
16. negligência no uso de ilustrações;
17. pobreza de argumentação;
18. brevidade por não ter o que dizer;
19. superficialidade na explanação; [\[Nota 10\]](#)

Porém, mesmo reconhecendo os perigos da brevidade, os pastores entrevistados apresentaram as vantagens da síntese para a relevância da pregação:

1. agrada mais aos ouvintes;
2. ajuda a não cansar a mente do ouvinte;
3. atualiza o pregador como comunicador;
4. deixa ao auditório menos tempo com participação passiva;
5. encaixa mais a mensagem ao ritmo de vida do homem hoje;
6. evita a fala desnecessária;
7. faz com que o ouvinte fique mais atento ao sermão;
8. mantém pregador e pregação ligados ao homem contemporâneo;
9. mantém o foco da mensagem num só sentido;
10. motiva o pregador a selecionar o material a ser apresentado;

11. permite mais diversidade na abordagem dos temas;
12. possibilita um maior envolvimento do ouvinte;
13. possibilita uma melhor compreensão da mensagem;
14. torna a mensagem mais objetiva [\[Nota 11\]](#)

Visitei Luiz de Assis, quando ele estava para completar 90 anos de idade. Ele tinha vasta experiência pastoral e grande lucidez, pregando quase todos os domingos. Sabendo que uma das marcas características de seu trabalho homilético foi a síntese, perguntei-lhe: “Quantos minutos o irmão gasta na apresentação de seus sermões dominicais?”. Voltando-se para a esposa, indagou-lhe: “Quantos minutos eu preguei no domingo passado?”. A pronta resposta da esposa foi: “Vinte minutos”. Voltando-se para mim, ele prosseguiu: “Ela disse que eu preguei vinte minutos, mas eu quero melhorar e chegar aos quinze minutos”. [\[Nota 12\]](#)

O pregador precisa estar em dia com a realidade da época e com as técnicas modernas de comunicação para pregar de tal modo a atender as necessidades dos ouvintes; precisa compreender que a atenção não é estática, mas dinâmica: não para. “É como uma criança cujo olhar vagueia do rosto ao chapéu de alguém, e dali para o tapete, ao piso, e logo, para as flores num canto, tudo em questão de minutos, e logo com a mesma rapidez, corre, toma um brinquedo, perde interesse por ele e o coloca de lado”, diz Drakeford. [\[Nota 13\]](#)

Os ouvintes devem ocupar lugar de destaque na pregação, uma vez que sem ouvintes não há comunicação, e sem comunicação não há pregação. Jesus, sempre lembremos, foi o maior mestre no atendimento das necessidades dos ouvintes. A dialética de Jesus foi a mais impressionante que o mundo já conheceu. Ele pregou a mensagem adequada a cada auditório, com sermões profundos, relevantes e breves; falou como jamais outro homem conseguiu falar e disse muito em poucas palavras. Raymond Bailey afirma que o pregador que desejar fazer uma opção pela brevidade em sua pregação deve, “primeiro, olhar para o exemplo de Jesus e, segundo, considerar o fato que a brevidade funciona realmente. A

mensagem mais longa de Jesus, o Sermão do Monte, tem a duração de quinze minutos”. [\[Nota 14\]](#)

Harold Freeman advertiu que o pregador que desejar ser breve em sua pregação deverá perguntar para si mesmo se o material disponível é mesmo necessário para o desenvolvimento que deseja fazer. “Isto força o pregador a avaliar todo o volume de material ao seu dispor, levando-o a eliminar o material periférico e manter apenas o que está relacionado diretamente com o propósito da mensagem, possibilitando mais clareza no desenvolvimento do sermão.” [\[Nota 15\]](#) Admir Ramos ofereceu uma fórmula simples para tornar o discurso breve: “A narração será breve se o orador começar donde rigorosamente convém e não de mais longe; se o orador não introduzir nela objetos estranhos ao assunto; se cortar tudo o que não fizer sensível falta”. [\[Nota 16\]](#)

Jimmie Nelson declarou que “alguns pregadores não estão dispostos a pagar o preço que um sermão breve e profundo exige”. [\[Nota 17\]](#) James Cox ecoa: “Em alguns casos, é a falta de preparação adequada que faz o sermão se tornar longo. É preciso um grande preparo para se produzir um bom sermão breve”. E completa: “Alguns pregadores têm uma eloquência capaz de cobrir a pobreza de ideias com uma torrente de palavras”. [\[Nota 18\]](#) Em sintonia com Nelson e Cox, Jesse Northcutt confessou: “Cada vez que fui pregar e não estive bem preparado, preguei muito mais do que quando me preparei melhor”. [\[Nota 19\]](#)

É essa falta de preparo que tem levado pregadores a falar em círculos intermináveis, indo do Gênesis ao Apocalipse, com muitas palavras, dizendo pouca coisa que vale realmente a pena ouvir. Croft Pentz denunciou: “Se os sermões de alguns pregadores fossem impressos como pregados, não venderiam, o que mais existe neles é repetição, perambulação e irrelevância”. [\[Nota 20\]](#)

Al Fasol lembrou que as pessoas hoje estão acostumadas a mensagens breves, não tendo a mesma capacidade das pessoas do passado, de ficar ouvindo por um longo tempo. Ele mencionou a

importância do *feedback*: “Quando alguém sem Cristo visita a igreja, é mais fácil entender, escutando um sermão breve para receber Cristo, do que através de um sermão longo. A mensagem breve tem mais possibilidade de alcançar o não-crente. E até as pessoas que já são crentes são mais facilmente inspiradas e respondem melhor à mensagem breve do que ao longo sermão”. [\[Nota 21\]](#) Ney Ladeia declarou: “Um sermão rico em conteúdo atingirá de forma mais completa seus ouvintes, num período médio de vinte minutos. Esse é o tempo em que o auditório concentra melhor sua atenção e recebe muito mais do conteúdo que está sendo apresentado”. [\[Nota 22\]](#)

Na experiência de pregadores e de professores de homilética, mas principalmente na dos ouvintes, pode-se afirmar, também que não é só o cronômetro que determina se um sermão é breve ou prolixo. Há sermões que, aos cinco minutos de apresentação, já são longos, enquanto outros, por mais que o tempo passe, ainda parecem breves. [\[Nota 23\]](#) Kirst chegou a declarar: “O que um pastor tem a dizer à sua comunidade não pode ser medido pelo relógio. Num culto normal, com liturgia completa, a duração de uma prédica atingirá, em regra 17 a 20 minutos. Mais de 25, só para pregadores extraordinários”. [\[Nota 24\]](#)

A principal vantagem da brevidade na pregação é a possibilidade da apresentação do essencial e a eliminação do superficial. Grant Lovejoy mencionou: “Quando o pregador sabe que tem de ser breve, então ele chega logo ao assunto principal e tira as coisas que não são importantes para o sermão”. [\[Nota 25\]](#)

Uma vez que não é o sermão mais curto o mais fácil de ser preparado, o pregador que desejar ser breve, terá de dispor de mais tempo para a elaboração de seu sermão. A brevidade com conteúdo não é conseguida pela falta de palavras, mas pela sabedoria em usá-las. Daí, podemos afirmar que *o melhor pregador não é o que mais fala, mas o que falando menos, mais diz*. O pregador relevante é o que sabe dizer mais em menos tempo; e sem ser escravo do

relógio, considera as necessidades e os problemas dos ouvintes que vivem com pressa, numa sociedade apressada. [\[Nota 26\]](#)

Que o Senhor da Pregação nos dê a Palavra e nos ajude em tão árduo trabalho *da pesquisa ao púlpito*.

1 BROWN JR., CLINARD, NORTH CUTT. *OP. CIT.*, P. 161. [\[VOLTAR\]](#)

2 *IBIDEM*. [\[VOLTAR\]](#)

3 TREVINO. *OP. CIT.*, P. 70. [\[VOLTAR\]](#)

4 SPURGEON. *OP. CIT.*, P. 113. [\[VOLTAR\]](#)

5 *IBIDEM*, P. 113. [\[VOLTAR\]](#)

6 WEBB GARRISON. *THE PREACHER AND HIS AUDIENCE*, P. 27-34. [\[VOLTAR\]](#)

7 BROADUS. *OP. CIT.*, P. 167. [\[VOLTAR\]](#)

8 CRANE. *OP. CIT.*, P. 20. [\[VOLTAR\]](#)

9 MORAES. *O VALOR DA BREVIDADE*, P. 151. [\[VOLTAR\]](#)

10 *IBIDEM*, P. 154. [\[VOLTAR\]](#)

11 *IBIDEM*, P. 155. [\[VOLTAR\]](#)

12 LUIZ DE ASSIS: ENTREVISTA (JUL. 1999). [\[VOLTAR\]](#)

13 JOHN W. DRAKEFORD. *EL HUMOR EM LA PREDICACIÓN*, P. 30. [\[VOLTAR\]](#)

14 RAYMOND BAILEY: ENTREVISTA (OUT. 1991). [\[VOLTAR\]](#)

15 HAROLD FREEMAN: ENTREVISTA (SET. 1991). [\[VOLTAR\]](#)

16 ADMIR RAMOS. *FALE EM PÚLPITO*, P. 34. [\[VOLTAR\]](#)

17 JIMMIE NELSON: ENTREVISTA (SET. 1991) FORT WORTH. [\[VOLTAR\]](#)

18 JAMES COX: ENTREVISTA (OUT. 1991), LOUSVILLE, KENTUKY. [\[VOLTAR\]](#)

19 JESSE NORTH CUTT: ENTREVISTA (OUT. 1991), LOUSVILLE, KENTUKY. [\[VOLTAR\]](#)

20 CROFT M. PENTZ. *OP. CIT.*, P. 32. [\[VOLTAR\]](#)

21 AL FASOL: ENTREVISTA (OUT. 1991), FORT WORTH. [\[VOLTAR\]](#)

22 NEY LADEIA: ENTREVISTA (JAN. 1993). [\[VOLTAR\]](#)

23 MORAES. *O VALOR DA BREVIDADE*, P. 169. [\[VOLTAR\]](#)

24 KIRST. *OP. CIT.*, P. 76. [\[VOLTAR\]](#)

25 GRAND LOVEJOY: ENTREVISTA (AGO. 1991), FORT WORTH. [\[VOLTAR\]](#)

26 MORAES. *O VALOR DA BREVIDADE*, P. XVII. [\[VOLTAR\]](#)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anderson, Justo. Manual de Homilética para laicos. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1990.

Bailey, Kenneth. As parábolas de Lucas. São Paulo, Vida Nova, 1989.

Bell, Gordon. Segredos para ser bem-sucedido em discursos e apresentações. São Paulo, Nobel, 1992.

BERLO, D. Kenneth. O processo da comunicação: introdução à teoria e prática. São Paulo, Martins Fontes, 1979.

Bíblia de Jerusalém: nova edição revista. São Paulo, Paulus, 1995.
bíblia de referência Thompson, São Paulo, Vida, s.d.

Bíblia Sagrada: revista e atualizada no Brasil. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Bíblia Sagrada: tradução na linguagem de hoje. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

Bíblia Sagrada: versão revisada, de acordo com os melhores textos. Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, 1986.

Bíblia Sagrada interconfessional. Lisboa, Difusora Bíblica, 1994.

Blackwood, A. W. A preparação de sermões. Rio de Janeiro, ASTE/JUERP, 1981.

_____. La preparación de sermones bíblicos. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1976.

Bowie, Walter Russell. *Preaching*. Nashville, Abingdon Press, s.d.

Braga, James. Como preparar mensagens bíblicas. Miami, Vida, 1986.

Broadus, John. O sermão e seu preparo. Rio de Janeiro, JUERP, 1960.

Brown Jr., H. C.; Clinard, H. Gordon; Northcutt, Jesse. Steps to the sermon. Nashville, Broadman Press, 1977.

Bryson, Harold; Taylor, James C. Building sermons to meet people's needs. Nashville, Broadman Press, 1980.

Cantor Cristão: hinário dos batistas brasileiros. Rio de Janeiro, JUERP, 1971.

Carnegie, Dale. Como falar em público e influenciar pessoas no mundo dos negócios. Rio de Janeiro, Record, 1962.

Carvalho, D. Moraes. Oratória e comunicação humana. São Paulo, Comércio e Importadora de Livros, 1967.

Celam. Comunicação: Missão e desafio. São Paulo, Paulinas, 1988.

_____. A homilia. São Paulo, Paulinas, 1983.

Coelho, Valdívio. Como preparar o sermão: depoimento escrito a Charles Dickson. Salvador, 1968.

Costa, Rovílio (Org.). Práticas de comunicação. Porto Alegre, Correio Rio Grandense, 1983.

Costas, Orlando E. Comunicación por medio de la predicación. Barcelona, Editorial Caribe, 1973.

_____. Predicación Evangélica y teología hispana. San Diego, Publicaciones de Las Americas, 1982.

Crane, James. O sermão eficaz. Rio de Janeiro, JUERP, 1989.
Croatto, J. Severino. Êxodo: uma hermenêutica da liberdade. São Paulo, Paulinas, 1981.

Dargan, Edwin C. A history of preaching. Grand Rapids, Baker Book House, 1974.

Dickson, Charles W. Os dez passos no sermão: apostila de Homilética. Recife, STBNB, s.d.

_____. Apostila de Homilética. Recife, STBNB, s.d.

Douglas, J. D., O evangelista e o mundo atual. São Paulo, Vida Nova, 1986.

Drakeford, John W. El humor en la predicación. El Paso, CBP, 1991.

Entzminger, W. E. A prática da oração. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1958.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

Fant, Clyde E. Preaching for today. New York, Harper & Row, 1977.

Fasol, Al. A guide to self improvement in sermon delivery. Grand Rapids, Baker Book House, 1991.

_____. Essentials for biblical preaching. Grand Rapids, Baker Book House, 1989.

Freeman, Harold. Nuevas alternativas em la predicación bíblica. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1990.

Garrison, Webb. The preacher and his audience. Westwood, Fleming H. Revell Company, s.d.

Gomes, Salvador; flores, José H. Prado. Formação de pregadores. São Paulo, Loyola, 1997.

Gonçalves, Jésus Silva. O púlpito criativo. Rio de Janeiro, JUERP, 1993.

Gouvea Jr., Herculano. Lições de retórica sagrada. Campinas, Maranata, 1974.

Grasso, Domenico. Teologia de la predicación. Barcelona, Sigueme, 1988.

Hinário para o culto cristão: novo hinário dos batistas brasileiros. Rio de Janeiro, JUERP, 1990.

Jones, Ilion T. Principles and practice of preaching. Nashville, Abingdon Press, 1952.

Jowett, John Henry. O pregador, sua vida e sua obra. Campinas, Casa Editora Presbiteriana, 1969.

Kelley, Page H. Mensagens do Antigo Testamento para os nossos dias. Rio de Janeiro, JUERP, 1980.

Key, Jerry Stanley. O preparo e a pregação de sermões bíblicos. Rio de Janeiro, JUERP, 2001.

Kirst, Nelson. Rudimentos de Homilética. São Paulo, Paulinas; Sinodal, 1985.

Knox, John. A integridade da pregação. São Paulo, ASTE, 1964.

Koller, Charles W. Pregação expositiva sem anotações. São Paulo, Mundo Cristão, 1984.

Lachler, Karl. Prega a Palavra. São Paulo, Vida Nova, 1990. liefeld, Walter L. Exposição do Novo Testamento: do texto ao sermão. São Paulo, Vida Nova, 1985.

Lloyd-Jones, D. Martin. Pregação e pregadores. São Paulo, Fiel, 1984.

Maldonado, Luis. A Homilia: pregação, liturgia, comunidade. São Paulo, Paulinas, 1997.

Marcel, Pierre Ch. The relevance of preaching. Grand Rapids, Baker Book House, 1977.

Marshall, Catherine, Para todo o sempre. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959.

Martin, Al. O que há de errado com a pregação de hoje?. São Paulo, Fiel, s.d.

Mein, David. Sermão oficial do centenário dos batistas brasileiros: 64ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira. Salvador, 1982.

_____. Arquivo homilético de David Mein: Cristo Glorioso. DM 717/ EV.DV. s.d.

Mohama, João. Como ser um bom pregador. São Paulo, Loyola, 1993.

Moraes, Jilton. A pregação evangélica primitiva: declínio e restauração. Recife, STBNB, 1981. Monografia de mestrado.

_____. A pregação neotestamentária: uma nova dimensão à mensagem do Antigo Testamento. Orientador: Dr. Paulo Wailler da Silva. Recife, STBNB, 1983. Dissertação de mestrado.

_____. A música e a pregação no culto. Recife: STBNB, 1992. Monografia de doutorado.

_____. A pregação relevante. Recife, STBNB 1991. Monografia de doutorado.

_____. O valor da brevidade para a relevância da pregação. Orientador: Jerry Stanley Key. Recife, STBNB 1993. Tese de doutorado.

_____. O toque de Jesus. Poema. Recife, 2000. Inédito.

Morgan, G. Campbell. El ministerio de la predicación. Barcelona, CLIE, 1984.

North, Stafford. Pregação, homem & método. São Paulo, Vida Cristã, 1971. oliveira, Marques. Como conquistar, falando. Brasília, Tecnoprint, 1980.

Parry, John. Psicologia da comunicação humana. São Paulo, Cultrix, 1972.

Pattinson, Harwood T. The making on the sermons. Philadelphia: The American Baptist Publication Society, 1941.

Perry, Lloyd & Sell, Charles. Pregando sobre os problemas da vida. Rio de Janeiro, JUERP, 1989.

Porter, Paulo C. Cartilha do pregador. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

Ramos, Admir. Fale em público. São Paulo, Brasil Editora, s.d.

Rienecker, Fritz & Rogers, Cleon, Chave linguística do Novo Testamento grego. São Paulo, Vida Nova, 1988.

Robinson, Haddon W. A pregação bíblica. São Paulo, Vida Nova, 1983.

Sá, Edísia, *et al.* Fundamentos científicos da comunicação. Petrópolis, Vozes, 1973.

Sangster, W. E. The craft of the sermon construction. London, The Epworth Press, 1949.

Santos, Mário Ferreira. Curso de oratória e retórica. São Paulo, Logos, 1958.

Semanes, Cassiano Floristan; carretero, Manuel Useros. Teología de la acción pastoral. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1968.

Shepard, J. W. O pregador. Rio de Janeiro, CPB, 1950. siqueira, Lydia. A saúde vem pela cozinha. São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 1980.

Sleeth, Ronald E. Persuasive preaching. New York, Harper & Row Publishers, s.d.

Sodré, Hélio. História universal da eloquência. Rio de Janeiro, Gráfica da Folha Carioca, 1959.

Spurgeon, C. H. Lições aos meus alunos. São Paulo, PES, s.d.

Stanfield, Vernon, *et al.* Homiletics. Grand Rapids, Baker Book House, 1961. stott, John. O perfil do pregador. São Paulo, Sepal, 1989.

Teixeira, Nereu. A comunicação libertadora. São Paulo, Paulinas, 1983.

Tizard, Leslie J. La predicación, arte de la comunicación. Buenos Aires, La Aurora, 1962.

Trevino, Alejandro. El predicador: Prácticas a mis estudiantes. El Paso, CBP, 1976.

Turnbull, Rodolfo G. Dicionário de la teología práctica: Homilética. Buenos Aires, Escaton, 1976.

Vila, Samuel. Manual de Homilética. Barcelona, CLIE, 1982.

Wiseman, Neil B. (Comp.). Biblical preaching for contemporary man. Grand Rapids, Baker Book House, 1970.

White, Douglas M. Predicación expositiva. El Paso, CBP, 1982.

REVISTAS

The Preacher's Magazine, v. 57, set/nov, 1991.

Reflexão e Fé. Recife: STBNB Edições, n. 1, ago, 1999.

ENTREVISTAS

Assis, Luiz de. Maceió, julho de 1992.

Azevedo, Irland Pereira de. Recife, STBNB, abril de 1993.

Bailey, Raymond. Louisville, Kentucky, outubro de 1991.

Bitencourt, Marcos Antônio Miranda. Recife, STBNB, março de 1999.

Cox, James. Louisville, Kentucky, outubro de 1991.

Fasol, Al. Fort Worth, Texas, outubro de 1991. freeman, Harold. Fort Worth, Texas, setembro de 1991. Iadeia, Ney. Recife, STBNB, janeiro de 1993.

Lovejoy, Grant. Fort Worth, Texas, setembro de 1991.

Northcutt, Jesse. Fort Worth, Texas, setembro de 1991.

Spann, Fred. Recife, STBNB, março de 1993.



ÍNDICE REMISSIVO

- Apelo 83, 121, 165-168
- Aplicação 51, 56, 69-70, 73, 75, 102, 111, 124-125, 136, 137-140, 142-145, 146, 164, 166, 168, 172, 174, 203, 204, 207
- Argumentação 100, 196, 204-205, 208
- Bíblia
- Fonte de ideias 33
- Fonte de ilustrações 129
- Livro da igreja 123
- Meditação
22, 30, 178
- Biblicidade 89-90, 148
- Boletim da igreja 97
- Brandura 148, 197, 203
- Brevidade 96, 149, 166, 206, 208, 210, 212
- Clareza 21, 79-80, 150, 167, 207, 210
- Comunicação 17-18, 21-22, 30, 47, 75, 94, 96, 136, 143, 159, 162, 166, 175, 182, 186, 188, 199-201, 206, 209
- Comunicar com vida 25
- Conclusão 14, 140, 146, 154, 163-174
- Cuidados 165-168
- Tipos 168-174
- Conforto 73, 81, 83, 137
- Devocional (PB) 25, 81-84, 88
- Divisões 14, 96-97, 99-104, 109, 111, 113
- Doutrinário (PB) 81-84
- Dramatização 153
- Equilíbrio 40, 126, 136, 145, 203, 204
- Esboço 14, 101, 104, 105, 107, 109, 111, 113, 164, 174, 176, 187, 189
- Ética 125, 153
- Ético (PB) 81-85, 88, 138
- Evangelístico (PB) 81-84, 88
- Exegese 22, 57, 103, 110
- Experiências 28, 35, 125, 126, 159, 190
- Explanação 35, 79, 111, 123, 136, 145, 203, 204, 208
- Veja Interpretação 56, 58, 65, 67, 110, 111
- Expressão corporal 182, 203
- Expressão facial 182, 198, 199
- Gestos 200, 201
- Hermenêutica 22, 56-58
- Homilética 17
- Arte 18, 143
- Ciência 17, 18
- Definição 18
- Importância 17-20, 22
- Interdisciplinaridade 22
- Honestidade 27, 91, 151

Consagração 81, 82, 84, 158
Consagratório (PB) 82, 84
Conteúdo 47, 49, 111, 124, 137, 143, 148, 184, 188, 190, 206-208, 211, 212
Contextualização 66, 71-73
Criatividade 117
Culto 18, 40, 41, 71, 82, 154, 155, 187, 197
Cumplicidade 150

Outros métodos 67
Passos para 14, 73-75, 79, 146
Ideia central do texto 65, 66, 73-75, 79, 102, 103
Características 65, 92, 93
Ilustrações 116, 117, 121-124, 125, 127, 128-131, 133-136, 145, 146, 167, 203, 208
Arquivo 43, 122-124, 128
Como ter 121
Cuidados no uso 134
Exemplos 117, 118, 130, 144, 184
Onde encontrar 123-134'
Tipos 44, 117, 151, 152, 162, 165, 168
Introdução 145-163, 165
Características 148
Componentes 147
Conselhos 161
Tipos 151, 162
Linguagem não verbal 197
Livros, fonte de ideias 19, 33, 34, 129

Humildade 24, 126, 171
Humor 136, 162, 166, 189, 190
Interpretação do texto 13, 56, 58, 65
Importância 18, 19, 21, 29, 53, 63
O que é 21, 65

Compreensão 19, 77, 105, 111, 185, 206, 209
Conhecimento 140, 142, 143
Crítico 23
Necessidades 21, 23, 24, 25-28, 35, 40, 47, 80, 81, 83, 84, 208, 209, 212
Proximidade 122, 141, 142
Sugestões 36, 42, 89, 90, 203
Pastoral (PB) 81-83, 85, 209
Persuasão 100, 137, 206
Poesia 63, 133
Pregação 19, 32, 33, 40, 44, 47, 50, 53
Atualização 73
Autoridade 20, 30, 48, 51, 52, 142, 162, 167, 190, 202
Calendário 40-42, 44, 157
Cristocentricidade 20
Definições 50
Ideia 13, 32, 33, 41, 73, 86, 93, 95, 98, 99, 105, 106, 108, 109, 112, 133, 152, 162, 175, 197

Mãos 182
Missionário (PB) 81-83, 128
Movimentos 199, 200
Música 110, 125, 126, 129, 155, 156, 170
Novidade 33, 93, 151, 163
Objetividade 21, 65, 75, 79, 80, 83, 95, 100, 103, 105, 144, 166, 167, 207
Ocasão especial 157
Oração 15, 21, 29, 30, 38-41, 44, 45, 65, 67, 74, 159
Ouvinte 35, 95, 137, 146
Alcance 59, 81, 96, 141, 145, 173, 190, 207
Atenção 34, 51, 58, 86, 90, 91, 93, 97, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 126, 141, 145, 147-151, 154, 156, 160, 162, 163, 170, 176, 181, 182, 184, 185, 201, 203, 206, 207, 209, 211
Capacitação 28
Compreensão do ouvinte 19, 105, 185, 205, 206, 209
Exercícios físicos 179
Missão 20, 110, 173
Porta voz de Deus 206
Preparo espiritual 26, 31, 175
Preparo físico 175, 176, 178
Repouso 179
Roupas 183, 184
Vida 22-25, 28-31, 54, 163, 165, 177, 178, 179, 186, 191-193
Importância 18, 19, 21
No ministério de Jesus 18-20
Propósito 39, 43, 50, 72, 76, 78-81, 83, 84, 95, 113, 121, 138, 147, 148, 164-167, 169, 172, 176, 193, 202, 203, 205, 208, 210
PB 79, 80, 82-85, 88
PE 79, 80, 84, 85, 88, 168-174
Valorização 41
Pregador 20-25
Alimentação 41, 178, 179, 202
Ansiedade 180, 181
Amor 24, 28, 72, 165, 204
Aparência pessoal 175, 181, 183
Atividades 19, 30, 35, 40, 177-179
Atualização 73
Síntese 21, 65, 75, 96, 105, 166, 206, 208, 209
Situação real 160
Tese 73-79, 81-88, 96, 100, 101, 103, 104, 109, 114, 121, 147, 152, 155, 160, 165, 174, 206
Como deve ser 73
Exemplos 75, 82, 84, 86, 87, 88
O que é 65
Texto bíblico 32, 43, 51, 56, 58, 72-75, 81, 83, 84, 86, 138, 142, 145, 149, 152, 191
Como encontrar 33, 53
Conhecer 35, 53-55

Púlpito 13-15, 19, 23, 24, 28, 35, 41, 47, 52, 56, 72, 73, 80, 94, 97, 127, 128, 135, 136, 140, 142, 145-150, 152, 153, 156, 162-164, 167, 174-178, 181, 183, 184, 186, 191, 198-201, 203, 204, 206, 212

Recurso visual 159

Sermões

Arquivamento 98

Elaboração 58

Forma e conteúdo 20-22

Séries 36, 39, 40

Simplicidade 95, 143, 165

Vantagens 40, 41, 58, 91, 208

Título 86, 96

Características 89, 92, 93

Como conseguir 86

Vantagens 96, 154, 155

Tópicos 91, 99-104, 106, 107, 109, 113, 114

Unidade 33, 65, 75, 83, 96, 101, 165, 176, 204, 207

Variedade 41, 100

Voz 165, 184-186, 188



ÍNDICE DE AUTORES

- ALVES, Castro 131
- ASSIS, Luiz de 43, 209
- AZEVEDO, Irland P. de 80
- BAILEY, Kenneth 129
- BAILEY, Raymond 210
- BITENCOURT, Marcos 57
- BLACKWOOD, A. W. 32, 58, 72
- BOWIE, Walter Russell 17
- BRAGA, James 96
- BROADUS, John 18, 27, 32, 51
- CARVALHO, D. M. 186
- CLINARD, G. 13
- COX, James 210, 211
- CRANE, James 13, 51, 74, 79, 96, 99, 116, 204,
- CROATTO, J. Severino 57
- CROSBY, Jane Fanny 144
- DARGAN, Edwin C 149
- DICKSON, Charles W. 13, 42, 73, 75, 103, 147
- DRAKEFORD, John W. 209
- ENTZMINGER, W. E. 30
- FANT, Clyde E. 34, 142, 175
- FASOL, Al 13, 167, 211
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda 18
- FLORES, José H. Prado 82
- FREEMAN, Harold 143, 210
- FULLER, Thomas 116
- GADAMER, Hans 57, 58
- GARRISON, Webb 202
- GIBRAN, Khalil 131
- GOMES, Salvador 182
- GONÇALVES, Jésus Silva 184
- GRAHAM, Billy 167
- JONES, Ilion T. 18, 149
- JOWETT, John H. 21, 42, 75
- KELLEY, Page H. 71
- KEY, Jerry Stanley 57, 80, 147
- KIRST, Nelson 18, 79, 210
- KOLLER, Charles W. 51, 74
- KNOX, John 49, 52, 110
- LACHLER, Karl 74
- LADEIA, Ney 211
- LLOYD-JONES, D. M. 50, 100, 139, 143
- LOVEJOY, Grant 214
- MANNING, Bernardo 50
- MARCEL, Pierre Ch. 51
- MARSHALL, Catherine 28
- MARSHALL, Peter 27
- MARTIN, Al 58
- MEIN, David 127, 144
- MOHAMA, João 18, 23
- MORAES, Jilton 17, 73
- MORGAN, G. Campbell 58
- NELSON, Jimmie 210
- NORTH, Stafford 32
- NORTHCUTT, Jesse 13, 211
- PATTISON, Harwood T. 50
- PENTZ, Croft 211
- PEREIRA, José M. N. 150
- RAMOS, Admir 210
- SHEPARD, J. W. 23
- SILVA, Arondo R. da 128
- SPANN, Fred 80
- SPURGEON, C. H. 23, 29, 30, 33, 50, 116, 121, 122, 199, 200
- STOTT, John 17, 24, 51, 52, 71, 142
- TREVINO, Alejandro 99,

	179, 199
LUTHER KING JR, M. 127	VILA, Samuel 32, 99
MALDONADO, Luis	VIORST, Judith 129



Sobre o autor

JILTON MORAES DE CASTRO, alagoano de Maceió, é pastor, professor, poeta e escritor. Casado com Ester, é pai de Lídia, Lílian, David e Daniel, e avô de Anália, Henrique, Guilherme, Gabrielle e Rafael.

Ao longo de quase quarenta anos de atividades pastorais, dirigiu igrejas nas cidades de Fortaleza, Belém, Teresina e Recife. É autor de *Aventuras de um pregador iniciante*; *A riqueza maior*; *Há um menino na rua*; *Homilética: do púlpito ao ouvinte*; *Púlpito, pregação e música e Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões*.

Jilton Moraes é doutor em Teologia, pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, e leciona matérias na área de teologia pastoral há mais de trinta e cinco anos.